

JAMES PATTERSON

N.º 1 em todo o mundo
Mais de 300 milhões de livros vendidos

E GABRIELLE CHARBONNET

A romantic scene in a park with a couple embracing under a canopy of trees.

Um Anjo da Guarda

E se o seu amigo imaginário de infância
fosse o grande amor da sua vida?





*Um Anjo
da Guarda*

JAMES
PATTERSON

e GABRIELLE CHARBONNET

*Um Anjo
da Guarda*



TOPSELLER

livros que se devoram

Edição original

Título: *Sundays at Tiffany's*

Autores: James Patterson e Gabrielle Charbonnet

Publicado por Little, Brown and Company,
uma chancela do Hachette Book Group USA, Nova Iorque.

© 2008 James Patterson.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *Um Anjo da Guarda*

Tradução: Rita Figueiredo

Revisão: Paulo Santos

Composição: Laura de Melo

Capa: Ideias com Peso

ISBN edição ePub: 978-989-8626-88-2

Versão 1.1 • novembro de 2014

Também disponível em edição impressa.

© 2014 Topseller, uma chancela da 20|20 Editora.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 12 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.7414, -9.2303

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas.

Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

Um Anjo da Guarda é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação dos autores ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Quando o meu filho, Jack, tinha 4 anos, tive de viajar até Los Angeles. Perguntei-lhe se ia ter saudades minhas. «Nem por isso», respondeu ele. «Não vais ter saudades minhas?», voltei a perguntar. O Jack abanou a cabeça e disse: «Amar quer dizer que nunca nos separamos.» Acho que foi nessa base que esta história foi construída e suponho que gira em torno da crença de que não há nada mais importante na vida do que dar e receber amor. Pelo menos, tem sido essa a minha experiência.

Assim, isto é para ti, Jack, meu filho sábio, com muito amor. E para a Suzie, a tua mãe, a minha melhor amiga e esposa.

E, finalmente, para o Richard DiLallo, que ajudou muito num ponto essencial do desenvolvimento da história final.

J. P.

PRÓLOGO

O Michael de Jane

Michael estava a correr, o mais rápido que conseguia, pelas ruas fortemente congestionadas em direção ao Hospital de Nova Iorque — *onde Jane estava a morrer* — quando subitamente lhe veio à memória uma cena do passado, uma corrente estonteante de memórias avassaladoras que quase o fez cair para o lado. Lembrou-se de estar sentado com Jane no Astor Court do Hotel St. Regis, ambos ali em circunstâncias demasiado improváveis para serem imaginadas.

Lembrava-se perfeitamente de tudo — do *sundae* de chocolate quente e do café de Jane, do que tinham discutido — como se tivesse sido no dia anterior. Era tudo quase demasiado impossível para poder acreditar. Não: era, de facto, impossível de acreditar.

Era exatamente como todos os outros mistérios insondáveis da vida, não conseguiu evitar pensar Michael enquanto corria, cada vez mais depressa.

Como Jane morrer-lhe agora, depois de tudo o que tinham passado juntos.

PRIMEIRA PARTE

Era uma vez em Nova Iorque

Capítulo 1

Todos os detalhes daquelas tardes de domingo estão presos na minha memória, mas, em vez de vos explicar logo a minha história e do Michael, vou começar pelo *sundae* mais delicioso e, possivelmente, mais pecaminoso de sempre que me foi servido no Hotel St. Regis, em Nova Iorque.

Era sempre a mesma coisa: duas bolas de gelado de café do tamanho de punhos, regadas com um fio de chocolate quente, daquele que fica mais espesso, viscoso e consistente quando entra em contacto com o gelado. A somar a isso, era gelado *verdadeiro*. Aos 8 anos eu já sabia a diferença entre natas verdadeiras e aquelas artificiais que vêm em lata.

À minha frente, à mesa do Astor Court, estava o Michael: era, sem dúvida, o homem mais bonito que eu conhecia ou que alguma vez conhecera. Além disso, era também o mais simpático, mais bondoso e, provavelmente, o mais sábio.

Naquele dia, os seus olhos verde-claros observavam-me a fitar o *sundae* com prazer declarado, enquanto o empregado de bata branca o pousava à minha frente com uma lentidão sedutora.

Para o Michael, uma taça transparente de bolas de melão e sorvete de limão. A sua capacidade de se privar do prazer de um *sundae* era algo que o

meu cérebro infantil não conseguia compreender.

— Muito obrigado — agradeceu o Michael, somando a delicadeza extrema à lista das suas qualidades invejáveis.

A resposta do empregado foi... nada.

O Astor Court era o lugar ideal para se comer uma sobremesa requintada no Hotel St. Regis. Naquela tarde, estava cheio de pessoas de ar importante a ter conversas aparentemente sérias. Em pano de fundo, dois violinistas dignos de uma orquestra sinfônica tocavam como se estivessem no Lincoln Center.

— OK — disse o Michael. — Está na hora do jogo da Jane e do Michael. Bati palmas, e o meu olhar iluminou-se.

Funcionava assim: um de nós apontava para uma mesa, e o outro inventava coisas acerca das pessoas que lá estavam sentadas. Quem perdesse pagava a sobremesa.

— Começa — disse ele, a apontar. Olhei para as três adolescentes com vestidos de linho amarelo-pálidos quase idênticos.

Sem hesitar, disse:

— Debutantes. Primeira época. Acabam de terminar o secundário. Talvez em Connecticut. Possivelmente (provavelmente) Greenwich.

O Michael inclinou a cabeça para trás e riu-se.

— Não há dúvida de que andas a passar demasiado tempo com adultos. Mas muito bem, Jane, um ponto para ti.

— OK — disse eu, apontando para outra mesa. — Aquele casal ali. Os que parecem os Cleavers de *Leave It to Beaver*. Qual é a história deles?

O homem usava um fato de xadrez cinzento e azul; a mulher vestia um casaco rosa-vivo e uma saia de pregas verde.

— Marido e mulher da Carolina do Norte — respondeu facilmente o Michael. — Ricos. Têm uma cadeia de lojas de tabaco. Ele está aqui a negócios. Ela veio para fazer umas compras. Agora ele está a dizer-lhe que quer o divórcio.

— Oh — disse eu, baixando o olhar para a mesa. Soltei um suspiro profundo, depois enchi novamente a colher com o *sundae* e deixei os ricos sabores desabrocharem na minha boca. — Sim, suponho que toda a gente se divorcia.

O Michael mordeu o lábio.

— Oh. Espera, Jane. Percebi tudo mal. Ele não está a pedir o divórcio. Está a dizer-lhe que tem uma surpresa para ela: tomou todas as providências para fazerem um cruzeiro. À Europa, no *QE2*. Vai ser a sua segunda lua de mel.

— Essa história é muito melhor — respondi, a sorrir. — Ganhaste um ponto. Excelente.

Baixei o olhar para o prato e vi que o meu *sundae* tinha desaparecido completamente. Como sempre acontecia.

O Michael olhou em volta para a sala com uma expressão dramática.

— Sei de um que não vais adivinhar — disse ele.

Apontou para um homem e uma mulher a apenas duas mesas de distância.

Olhei para lá.

A mulher tinha cerca de 40 anos, estava bem-vestida e era espantosamente bela. Poderia ser confundida com uma atriz de cinema. Usava um vestido de alta-costura vermelho-vivo e sapatos a condizer, e tinha um grande bloco de notas preto. Tudo nela parecia dizer: «Olhem para mim!»

O homem com quem estava era mais novo, pálido e muito magro. Usava um *blazer* azul e um lenço de seda com padrão, que acho que já ninguém usava, nem mesmo naquela altura. Agitava com entusiasmo os braços enquanto falava.

— Não tem graça — respondi, não conseguindo evitar sorrir e revirar os olhos.

Isto porque, como era óbvio, os membros do casal eram a minha mãe, Vivienne Margaux, famosa produtora da Broadway, e o cabeleireiro mais célebre daquele ano, o Jason. O Jason, a flor de estufa, que não tinha tempo para sobrenomes.

Voltei a olhar para eles. Uma coisa era certa: a minha mãe era suficientemente bonita para ser atriz. Uma vez perguntei-lhe por que não escolheu ser atriz, e ela respondeu:

— Querida, não quero andar no comboio. Quero conduzi-lo.

Todas as tardes de domingo, quando eu e o Michael comíamos a sobremesa no St. Regis, a minha mãe também lá tomava café com um amigo. Assim podia coscuvilhar ou tratar de negócios ao mesmo tempo que me mantinha debaixo de olho, sem ter de estar realmente comigo.

Depois do St. Regis, terminávamos os nossos domingos na Tiffany. A minha mãe adorava diamantes, usava-os em toda a parte, colecionava-os como outras pessoas colecionavam unicórnios de cristal ou aqueles gatos de cerâmica japoneses estranhíssimos com uma pata no ar.

Claro que eu estava sempre bem nesses domingos porque tinha a companhia do Michael. O Michael, que era o meu melhor amigo no mundo inteiro, talvez o meu único amigo, quando eu tinha 8 anos.

O meu amigo imaginário.

Capítulo 2

Aproximei-me mais do Michael à mesa.

— Queres saber uma coisa? — perguntei. — É um bocado chato.

— O que é? — perguntou ele.

— Acho que sei do que é que a minha mãe e o Jason estão a falar. É do Howard. Acho que a Vivienne está farta dele. Que acha que está na altura de se livrar do que é velho e de procurar coisas novas.

O Howard era o meu padrasto, o terceiro marido da minha mãe. Pelo menos o terceiro de que eu tinha conhecimento.

O seu primeiro marido fora um tenista profissional de Palm Beach. Tinha durado apenas um ano.

Depois veio o Kenneth, o meu pai. Saiu-se melhor do que o tenista profissional e aguentou três anos. Era amoroso, e eu adorava-o, mas viajava muito a trabalho. Às vezes sentia que ele se esquecia de mim. Tinha ouvido a minha mãe a dizer ao Jason que ele era «amorfo». Ela nunca chegou a saber que eu a tinha ouvido. O que disse então foi que ele era «como uma alforreca muito bonita que nunca há de alcançar nada».

O Howard já estava com ela há dois anos. Nunca viajava a trabalho e parecia não fazer nada além de ajudar a Vivienne. Massajava-lhe os pés

quando ela estava cansada, certificava-se de que a comida dela não tinha sal e de que o nosso carro e motorista chegavam sempre a horas.

— Porque é que pensas isso? — perguntou o Michael.

— Por pequenas coisas — respondi. — Como o facto de a Vivienne ter tido o hábito de andar sempre a comprar-lhe coisas. Sapatos chiques *Paul Stuart* e gravatas da Bergdorf Goodman. Mas há séculos que não lhe dá nada. E na noite passada ela jantou em casa. Sozinha. Comigo. O Howard nem sequer lá estava.

— Onde é que ele estava? — perguntou o Michael. Notei que os seus olhos tinham uma expressão de pena e preocupação.

— Não sei. Quando perguntei à Vivienne, ela limitou-se a responder: «Não sei e não me interessa.» — Imitei a voz da minha mãe e depois abanei a cabeça. — OK — disse —, vamos mudar de assunto. Adivinha que dia é a próxima terça-feira.

O Michael deu algumas pancadinhas no queixo.

— Não faço ideia.

— Vá lá. Sabes perfeitamente que dia é. Tu sabes, Michael. Isso não tem graça.

— Dia dos Namorados?

— Para com isso! — disse, dando-lhe um pequeno pontapé por baixo da mesa. Ele sorriu. — Tu sabes que dia é terça-feira. Tens de saber. É o meu aniversário!

— Ah, sim. Uau, estás a ficar velha, Jane.

Assenti.

— Acho que a minha mãe vai dar uma festa.

— Hmm... — disse o Michael.

— Bem, seja como for, não quero saber de festas, a sério que não. O que quero mesmo é um cachorrinho de verdade.

O Michael acenou com a cabeça.

— O gato comeu-te a... — comecei, mas parei a meio da frase.

Pelo canto do olho, vi a Vivienne a assinar o talão da conta. Dentro de um minuto, ela e o Jason estariam junto da nossa mesa, para me levarem embora. Aquele domingo no St. Regis estava a chegar ao fim. Fora mais uma tarde maravilhosa para mim e para o Michael.

— Lá vem ela, Michael — sussurrei. — Faz-te invisível.

Capítulo 3

A Vivienne caminhou na direção da nossa mesa como se fosse dona do St. Regis. O Jason vinha atrás dela. Ninguém no Astor Court poderia ter acreditado que aquela bela mulher perfeitamente maquilhada, com uma pele perfeita, um bronzado perfeito, tinha alguma relação de parentesco com a gorducha de 8 anos de cabelo frisado e manchas de chocolate em ambas as bochechas.

Mas ali estávamos nós. Mãe e filha.

A Vivienne deu-me um beijo na cara e depois pôs mãos à obra. A obra era eu.

— Jane Querida... — como me chamava quase sempre. «Jane Querida», como se fosse esse o meu nome. — Tens de pedir sempre duas sobremesas?

Jason, o famoso cabeleireiro, tentou ajudar.

— Bem, Vivienne, a segunda sobremesa era melão. Não é assim tão mau. Claro que tem hidratos de carbono, mas...

— Jane Querida, já falámos do teu peso... — começou a minha mãe.

— Eu só tenho 8 anos — retorqui. — E se eu prometer tornar-me anorética mais tarde?

O Michael riu-se tanto que quase caiu da cadeira.

Até o Jason sorriu.

O rosto da Vivienne não moveu um único músculo. Ela estava sempre a tentar não franzir a testa, porque não queria ficar com rugas antes do tempo. Ou seja, antes dos 90 anos.

— Não te armes em precoce comigo, Jane Querida. — Depois virou-se para o Jason. — Ela lê demasiados livros. — *Sim, sou mesmo horrível*, pensei. A Vivienne voltou-se novamente para mim. — Discutimos os teus hábitos alimentares em casa. Em privado.

— Além disso — acrescentei —, esse melão nem sequer é meu. Foi o Michael quem o pediu.

— Ah, sim — disse a Vivienne, soando enfastiada. — Michael, o espantoso e sempre presente amigo imaginário. — Dirigiu-se à cadeira ao lado da minha, que estava vazia. O Michael estava sentado do outro lado. — Olá, Michael. Como estás hoje?

— Olá, Vivienne — respondeu o Michael, sabendo que ela não conseguia vê-lo ou ouvi-lo. — Estou ótimo, obrigado.

Subitamente, senti o Jason a puxar-me uma mecha de cabelo.

— Ei! — protestei.

— Temos de fazer alguma coisa acerca disto — disse ele. — Vivienne, dá-me uma hora com este cabelo. Não há qualquer motivo para alguém andar na rua assim. Vai sair das minhas mãos a parecer uma modelo da *Vogue*.

— Excelente — disse o Michael. — É tudo aquilo de que o mundo precisa: uma miúda de 8 anos que parece uma modelo da *Vogue*.

Fiz uma careta e afastei o cabelo da mão do Jason.

— Vamos, Jane Querida — disse a Vivienne. — Tenho um ensaio com o elenco todo esta noite e tenho de ir assistir. — O seu mais recente grande musical da Broadway, *O Problema do Kansas*, ia estrear dentro de dias. — Mas primeiro podemos passar na Tiffany como sempre fazemos, querida. Um momento só nosso.

— Então, e o cabelo da Jane? — exigiu o Jason. — Quando é que posso marcar a transformação dela?

O Michael abanou a cabeça.

— És perfeita como és, Jane. Não precisas de uma transformação. Nunca te esqueças disso.

— Não me esqueço — respondi.

— Não te esqueces do quê? — perguntou a Vivienne. Pegou num guardanapo, molhou-o no meu copo de água e limpou-me as manchas de chocolate das bochechas. — Uma mudança de visual é uma excelente ideia, Jane Querida. Podes ter uma festa elegante no teu futuro.

Ela lembrou-se! Uma festa de aniversário!, pensei, e subitamente perdooi-lhe tudo o resto.

— Vamos lá. A Tiffany está à nossa espera. — A Vivienne girou sobre os calcanhares com os seus saltos de dez centímetros e dirigiu-se para a saída, seguida de muito perto pelo Jason.

Eu e o Michael levantámo-nos. Ele debruçou-se para a frente e beijou-me o alto da cabeça, precisamente na parte frisada que tanto afrontara o Jason.

— Até amanhã — disse.

— Já tenho saudades tuas.

— Também já tenho saudades tuas.

Olhei para a frente e vi as pernas magras e bronzeadas da minha mãe a desaparecerem na porta giratória do St. Regis. Ela olhou para trás.

— Jane Querida, anda! Tiffany.

Corri para a alcançar.

Estava sempre a fazê-lo.

Capítulo 4

Pobre, pobre, pobre Jane! Pobre, pobre rapariguinha! Na manhã seguinte, Michael esperou em frente ao elegante edifício de Park Avenue onde Jane vivia, como sempre fazia. Ainda bem que era invisível: as suas calças de bombazine amachucadas, o seu polo amarelo desbotado e os seus sapatos de vela não passariam despercebidos naquele bairro fino.

Estava a pensar em algo verdadeiramente espantoso que Jane dissera quando tinha apenas 4 anos. Vivienne tinha passado um mês a viajar pela Europa. Sentira-se preocupado com a forma como Jane lidaria com a situação. Mas Jane afastara o assunto dizendo: «Amar significa que as pessoas nunca estão separadas.» Michael sabia que nunca se esqueceria daquilo — vindo da boca e do cérebro de uma miúda de 4 anos, ainda por cima. Mas Jane era assim mesmo, não era? Uma rapariga incrível.

Então, o que ia fazer naquele dia lindo em que Jane estava na escola? Talvez tomasse um pequeno-almoço substancial no Olympia: panquecas, salsichas, ovos e todas as tostas de centeio que lhe apetecessem. Talvez até se encontrasse com dois outros amigos imaginários que trabalhavam naquela zona. *Quais são afinal os deveres de um amigo imaginário?* Basicamente, ajudar a criança a adaptar-se ao mundo sem se sentir

demasiado sozinha ou assustada. *Horário?* O que fosse preciso. *Benefícios?* O amor puro e incrível que existe entre uma criança e o seu amigo imaginário. Não havia nada melhor. *Onde se encaixava no grande plano cósmico?* Bem, ninguém lhe tinha dito.

Michael olhou para o relógio, um velho *Timex* que nunca parava de trabalhar, tal como prometiam os anúncios. Eram exatamente 8.29. Jane chegaria às 8.30, como em todas as outras manhãs dos dias de semana. Jane nunca deixava ninguém à espera. Era um amor.

Foi então que a viu, mas fingiu não ver, como sempre fazia.

— Apanhei-te! — disse ela, pondo-lhe as mãos em volta da cintura.

— Uau! — respondeu Michael. — És mais sorrateira do que um carteirista do *Oliver Twist*.

Jane sorriu, e o sorriso iluminou o rosto de que ele nunca se fartava. Ela pôs a mochila sobre o ombro pequeno, e dirigiram-se para a escola.

— Não fui propriamente sorrateira — disse ela. — Estavas perdido num qualquer canto interessante dos teus pensamentos. — Jane tinha uma forma mesmo gira de falar pelo canto da boca quando estava com ele, para as pessoas não pensarem que era louca. Ocasionalmente, ele deixava que as pessoas o vissem; outras vezes, não. Ela nunca sabia ao certo qual era o caso ou porquê. «A vida é um mistério», costumava dizer Michael.

Assim que saíram do campo de visão do porteiro, ela deu-lhe a mão. Michael adorava aquilo mais do que conseguia explicar. Fazia-o sentir-se como... não sabia. Um pai?

— O que é que o Raoul te mandou para o almoço? — perguntou. — Espera... deixa-me adivinhar. Esquilo em pão integral, alface *iceberg* murcha sem maionese de três dias?

Jane apertou-lhe a mão.

— És mesmo pateta — disse.

— Não, sou o Atchim.

— Para mim, és mais o Dunga. — Jane riu-se.

Alguns minutos mais tarde — cedo demais — chegaram aos portões altos e imponentes da escola, a apenas um quarteirão do prédio onde Jane morava. A entrada era um mar de rapariguinhas de camisolas azul-escuras por cima de blusas brancas. Todas usavam sapatos de fivela ou de atacadores e meias dobradas.

— Amanhã é o dia especial — lembrou Jane, olhando para os sapatos, para os colegas não a verem a falar com o amigo imaginário. — Pode ser que ganhe o meu cachorrinho. Já nem me interessa a raça. Talvez esteja na minha festa. Mas primeiro temos de ir ver *O Problema do Kansas*. E claro que tu estás convidado.

Soou a campainha da escola.

— Boa. Mal posso esperar para ver o *Kansas*. Agora vai. Eu estou aqui às 3 para te apanhar. Como sempre.

— OK — retorquiu ela. — Podemos falar do que vamos usar amanhã à noite.

— Sim, podes ajudar-me a escolher uma roupa elegante. Para não te envergonhar.

Os olhos de Jane fixaram os dele. Por uma fração de segundo, teve uma ideia de como ela seria em adulta: o rosto sério, o sorriso caloroso, os olhos inteligentes que penetram no recanto mais profundo da nossa alma.

— Tu nunca me poderias envergonhar, Michael.

Largou-lhe a mão e correu para o edifício da escola. Michael não pestanejou até ver os caracóis louros da pequena a desaparecerem atrás da porta. Esperou. Jane voltou a espreitar, como fazia sempre. Acenou-lhe, sorriu e depois desapareceu de vez.

Subitamente, Michael *precisava* de pestanejar. Várias vezes, na verdade. Sentiu-se como se o seu peito tivesse sido pisado por um gigante. Doía-lhe a cabeça.

Como é que ia dizer a Jane que teria de a deixar no dia seguinte?

Aquele era outro dever de um amigo imaginário, e era provavelmente o pior de todos.

Capítulo 5

Nunca mais vou esquecer aquele dia, da mesma forma que aqueles que sobreviveram ao desastre do *Titanic* não o conseguem apagar das suas mentes. As pessoas lembram-se sempre do pior dia das suas vidas. Torna-se parte de si para sempre. Recordo-me do meu nono aniversário com uma clareza lancinante.

Naquele dia depois da escola, o Michael e eu preparámo-nos. Fomos ao teatro e sentámo-nos nos nossos lugares VIP para a estreia de *O Problema do Kansas*. Não vi a Vivienne durante o dia todo, logo, ainda não tivera hipótese de me desejar um feliz aniversário. Contudo, o Michael esperou-me na escola e levou flores. Lembro-me do quanto isso me fez sentir crescida. Aquelas rosas amarelo-alaranjadas foram das coisas mais lindas que vi.

Mal me lembro da peça, mas recordo-me de que o público se riu, chorou e arquejou em todos os momentos certos. O Michael e eu demos as mãos, e senti uma enorme excitação dentro do meu peito. Estava prestes a acontecer uma maravilha: era a minha vez. Uma festa de aniversário, provavelmente um cãozinho, o Michael comigo, a minha mãe feliz por causa da peça.

Durante os aplausos, a Vivienne surgiu no palco com o elenco. Fingiu timidez e choque por toda a gente gostar tanto do seu novo espetáculo. Também aplaudi de pé e amava-a tanto que mal conseguia suportar. *Um dia irá amar-me tanto quanto eu, tenho a certeza.*

Entretanto chegou a hora da minha festa de anos no nosso apartamento. Finalmente!

As primeiras pessoas a chegar foram os dançarinos da peça da minha mãe. Podia adivinhar. Dançarinos não fazem muito dinheiro e provavelmente estariam esfomeados depois de dançarem tanto. Na entrada principal com o chão de mármore preto e branco, um grupo despiu os casacos, revelando corpos delgados. Mesmo aos 9 anos, eu sabia que nunca iria ser assim.

— Deves ser a filha da Vivienne — disse um deles. — Jill, certo?

— Jane... — respondi, mas sorri para não parecer muito infantil.

— Não sabia que a Vivienne tinha uma filha — disse outra figura delgada. — Olá, Jane. És tão adorável como uma bonequinha.

Como um rebanho, passaram para uma grande sala de estar, deixando-me a questionar se já tinha visto alguma bonequinha que fosse adorável.

— Santo Stephen Sondheim! — disse um dos dançarinos. — Sabia que a Vivienne era rica, mas este sítio é maior do que o Teatro Broadhurst.

Assim que dei meia volta, pareceu que estavam umas cem pessoas no local. Procurei o Michael e finalmente vi-o, de pé, perto do pianista.

A sala estava ruidosa como um teatro durante o intervalo. Dificilmente conseguia ouvir o piano por baixo das conversas. Perto da porta da biblioteca, vi que a Vivienne tinha chegado e estava a falar com um homem alto, de cabelo grisalho, vestindo um *smoking* com umas calças de ganga azuis. Vi-o nalguns ensaios do *Kansas* e soube que era uma espécie de escritor. Estavam muito próximos um do outro, e tive uma forte sensação de que ele estava numa audição para o papel de quarto marido da Vivienne. Ah...

Uma pequena senhora idosa, que desempenhara o papel de avó em *O Problema do Kansas*, prendeu-me com o cabo da sua bengala.

— Pareces-me uma rapariga engraçada — disse.

— Obrigada, tento ser — respondi. — Posso ajudá-la com alguma coisa?

— Estava a pensar se podias ir ao bar e trazer-me um *Jack Daniel's* com água.

— Claro, puro ou com gelo?

— Credo. Tu és sofisticada. Não serás antes uma anã?

Ri-me e olhei de relance para o Michael. Estava a segredar algo ao pianista. Que estaria a preparar?

Assim que comecei a andar em direção a um dos bares, ouvi uma voz alta a dizer: «Posso solicitar a vossa atenção, por favor?» Era o pianista, e a assistência calou-se imediatamente.

— Disseram-me... não sei ao certo quem... que este é um dia especial para alguém... faz hoje 9 anos... a filha da Vivienne.

A filha da Vivienne. Era o que eu era.

Sorri, sentindo-me feliz e envergonhada ao mesmo tempo. Todos os olhares se viraram para mim. A personagem principal da peça pegou-me ao colo e colocou-me numa cadeira; de repente estava mais alta do que todos na sala. Procurei a minha mãe, esperando que estivesse a sorrir orgulhosamente, mas não a vi em lado nenhum. O escritor também se tinha ido embora. Então a música começou e toda a gente cantou os parabéns. Não há nada melhor do que ter o coro profissional da Broadway a cantar-nos os parabéns. Acho que foram os parabéns mais bonitos que ouvi. Um arrepio percorreu-me o corpo, e aquele talvez tivesse sido o momento mais feliz da minha vida se a minha mãe estivesse ali.

Quando terminaram, o ator simpático pôs-me no chão, todos aplaudiram, e a festa tornou-se novamente uma festa de estreia da peça. A parte do aniversário tinha terminado.

Entretanto ouvi uma voz familiar a chamar por mim:

— Jane! Acho que conheço esta menina crescida e linda.

Virei-me e vi o meu pai, o Kenneth. Parecia terrivelmente alto para alguém alegadamente «amorfo».

— Papá! — gritei, e corri para os seus braços.

Capítulo 6

Céus, eu gostava mesmo de ser abraçada. Especialmente pelo meu pai. Ele pôs os braços à minha volta, e senti o cheiro fresco e o aroma acre do seu *aftershave*. Inalei profundamente, muito feliz e aliviada por ele ter aparecido.

— Pensavas que eu me esquecia do teu nono aniversário? — perguntou o meu pai. Afastou-se de mim e puxou-me a mão. — OK, rápido, vai para o salão principal. Se a tua mãe descobrir que vim à socapa à tua festa, vai-se passar.

— Há gente que pode socorrê-la se se passar — respondi. — Mas nem sei se ainda aqui está.

Atravessámos a multidão, eu de mão dada com o meu pai, e no salão principal havia duas surpresas: uma grande caixa com uma fita amarela... e a atual namorada do meu pai. Lembrei-me de a Vivienne dizer algo acerca do peito da Ellie e de como não era verdadeiro, mas não fazia ideia do que ela estava a falar.

— Lembras-te da Ellie, não te lembras, Jane? — perguntou o meu pai.

— Claro. Olá, Ellie. Ainda bem que pudeste vir. — Anos de aulas de etiqueta estavam finalmente a dar frutos.

— Feliz aniversário, Jane — disse ela. A Ellie era muito loira e muito bonita, e parecia muito mais nova do que a minha mãe. Eu sabia que a Vivienne chamava à Ellie «a miúda» sempre que o nome dela era mencionado.

— Abre o teu presente — disse o meu pai. — A Ellie ajudou a escolher.

Puxei a fita amarela, e ela soltou-se imediatamente. Lá dentro havia muito papel de seda; deitei-lhe ansiosamente as mãos. Os meus dedos tocaram em algo macio e aveludado — mas não vivo. Pus a mão lá dentro e tirei o maior *poodle* de peluche roxo que já vira. Tinha um grade tufo de pelo na cabeça, um colar de missangas e uma chapa dourada na coleira que dizia «Gigi».

Basicamente, o contrário do cachorrinho que eu queria.

— Obrigada, papá — disse eu, forçando um sorriso rasgado. — É tão divertido! — Tentei afastar da minha mente todos os pensamentos de um cachorrinho verdadeiro, quente e mexido que fosse meu, só meu. *Não é um cachorrinho de verdade... Em vez disso, ganhei um poodle de peluche.*

— Agradece também à Ellie — pediu o meu pai.

— Obrigada, Ellie — disse educadamente, e ela curvou-se e beijou-me. Reconheci o perfume: *Chanel N.º 5*. O meu pai costumava dá-lo à minha mãe. Perguntei-me se a Ellie saberia.

— OK — disse o pai, levantando-se. — E agora vamos para Nantucket.

Senti o meu coração a sobressaltar-se.

— Vamos?! — quase gritei.

A Ellie e o meu pai trocaram um olhar constrangido.

— Não, querida — disse o meu pai. — Eu queria dizer que eu e a Ellie vamos para Nantucket. A tua mãe matava-me se eu te tirasse da tua festa de aniversário.

Sim, de certeza que havia de reparar, pensei com tristeza.

— Compreendo — respondi, esforçando-me por não desatar a chorar. — É só que eu adoro Nantucket. Adoro mesmo, mesmo Nantucket. E o

Michael também.

— Vamos lá voltar, Jane. Prometo — disse o meu pai. — E o teu amigo Michael também pode vir.

De certeza que estava a falar a sério, porque o meu pai nunca disse nada que não sentisse. Mas fiquei muito triste quando o vi a ajudar a Ellie a vestir o casaco.

— Ficas bem? — perguntou a Ellie. Na verdade, eu até gostava dela. Era sempre muito simpática para mim. Esperava que o meu pai se casasse com ela em breve. Ele também precisava de abraços. Toda a gente precisa. Talvez até a Vivienne precisasse.

— Claro. É o meu aniversário. Quem é que não fica bem no seu aniversário?

Abraçámo-nos. Beijámo-nos. Despedimo-nos. Depois o meu pai e a Ellie entraram no elevador e desapareceram na noite, alegremente a caminho de Nantucket.

A festa da noite de estreia estava ao rubro. Era como se ninguém tivesse estado a cantar os parabéns minutos antes. Não havia motivos para continuar ali.

Atravessei a multidão de adultos e finalmente percorri o longo corredor alcatifado que conduzia ao meu quarto. Bati a porta atrás de mim e atirei-me para cima da cama, enterrando a cara na almofada. Ali, onde ninguém me podia ver, comecei a chorar como o maior bebé chorão do mundo.

Foi então que a porta se abriu.

Era o Michael. Graças a Deus que era o Michael, que viera para me salvar.

Capítulo 7

Jane estava a chorar sozinha na cama quando ele entrou. Não parecia certamente uma aniversariante. Mas porque haveria de parecer, pobre criança?

Michael suspirou, depois sentou-se ao lado dela e pôs os braços em volta da rapariguinha que não merecia ser magoada daquela maneira. Nenhuma criança merecia.

— Está tudo bem, querida. Deita tudo cá para fora — sussurrou ele junto do cabelo dela, que cheirava sempre a champô *Johnson* para bebé. Agora era um dos seus aromas preferidos.

— OK. Mas foste tu que pediste.

A fungar, e com o pequeno rosto coberto de lágrimas, Jane descalçou os sapatos e deixou-os cair no chão.

— Acho que a Vivienne se esqueceu completamente do meu aniversário — disse ela, encolhendo os ombros e deixando cair o resto das lágrimas. — E o meu pai veio, o que foi bom, mas foi-se embora ao fim de cerca de dois minutos. E foi para Nantucket, o meu lugar preferido no mundo inteiro! Sem mim! E nem sequer recebi o meu cachorrinho.

Jane apertou o *poodle* roxo contra a bochecha. Michael já reparara que a rapariga tinha o hábito de se agarrar a objetos próximos: um casaco, uma almofada, um boneco de peluche. Tinha muitos abraços para dar, mas não tinha pessoas suficientes para isso.

— És um bom ouvinte — disse ela, com uma última fungadela. — Obrigada, já me sinto melhor.

Michael olhou em volta para o quarto. Era a cara de Jane. Pilhas de livros escritos para crianças muito mais velhas. Um saxofone verdadeiro num canto. Um cartaz grande com palavras em francês. Em cima da secretária, uma fotografia autografada de Warren Beatty. Vivienne tinha-a trazido de uma viagem de três meses a Los Angeles, durante a qual não tinha ido a casa ver a filha.

Agora, Michael tinha de falar com Jane. O lugar — o seu quarto acolhedor, longe daquela maldita festa — não podia ter sido melhor. A ocasião — imediatamente depois de ser magoada por ambos os pais no dia do seu aniversário — não podia ter sido pior.

— És uma rapariga espantosa — elogiou Michael. — Sabes isso, não sabes? Deves saber.

— Mais ou menos, mas só porque mo dizes, dia sim, dia não — respondeu ela com um sorriso choroso.

— És linda, por dentro e por fora — prosseguiu ele. — És incrivelmente inteligente. Culta. Engraçada. Atenciosa. E generosa. Tens muito para dar.

Subitamente, Jane mostrou-se muito alerta. Ele já tinha dito que ela era inteligente — e ela ia provar-lho, não ia?

— Michael, o que estás a tentar dizer? O que se passa? É algo mau.

As pernas dele fraquejaram, e a sua visão turvou-se. *Porquê agora? Porquê a Jane? Porquê eu?*

— Já tens 9 anos — obrigou-se a dizer. — És uma menina crescida. Portanto... portanto, vou-me embora esta noite, Jane. Tenho de ir.

— Eu sei que tens. Mas vais voltar amanhã. Como sempre.

Michael engoliu em seco. Aquilo era impossível. Estava a despedaçar-lhe o coração.

— Não, Jane. A questão é que nunca mais vou voltar. Não tenho escolha. É uma regra. — Só dizer aquelas palavras fê-lo sentir-se pior do que nunca. Jane era especial. Era diferente. Não sabia porquê, só sabia que era. Pela primeira vez, a regra que determinava quando deviam deixar uma criança pareceu estúpida e injusta a Michael. Preferiria ter morrido a causar tamanha dor a Jane. Mas era verdade que não tinha escolha. Nunca tinha.

Ela não chorou, não moveu um único músculo do rosto — tal como Vivienne. Olhou Michael nos olhos e não disse rigorosamente nada. Tinha uma quietude terrível que ele nunca vira.

— Jane, ouviste o que eu disse? — teve finalmente de perguntar.

Houve uma pausa que pareceu durar uma eternidade.

— Não estou pronta para te deixar ir — disse ela, e lágrimas grandes começaram novamente a correr-lhe pelo rosto. — A sério que não estou pronta.

Quando ela pegou num lenço de papel para assoar o nariz, ele viu que as suas pequenas mãos estavam a tremer. E isso deu cabo dele. Aquelas mãozinhas delicadas a tremer descontroladamente. Era insuportável.

Raios, pensou. E foi então que teve uma ideia, mas era algo que nunca fizera, com nenhuma outra criança.

— Jane, vou contar-te um segredo. É um segredo que nunca contei a ninguém e que tu também não podes contar a ninguém. É o segredo dos amigos imaginários.

— Não quero ouvir os teus segredos — disse ela, com a voz a fraquejar, mas Michael continuou.

— As crianças têm amigos imaginários para ajudarem a guiá-las na vida. Ajudamos as crianças a sentirem-se menos sozinhas, ajudamo-las a encontrarem o seu lugar no mundo, nas suas famílias. Mas depois temos de

partir, temos mesmo. Sempre foi assim e sempre será, Jane. É simplesmente... como funciona.

— Mas eu disse-te que não estou pronta.

Michael contou-lhe outro segredo.

— Quando eu partir, tu nem sequer te vais lembrar de mim, querida. Ninguém se lembra. Se pensares em mim, vai parecer-te que foi apenas um sonho. — Era a única coisa que tornava aquela história aceitável.

Jane agarrou-lhe no braço e apertou-o com força.

— Por favor, não me deixes, Michael. Imploro-te. Não podes... nem agora nem nunca! Não sabes o quanto és importante para mim!

— Vais ver, Jane — prometeu-lhe ele. — Vais esquecer-te de mim, e amanhã já não te vai doer. Além disso, tu mesma o disseste: amar significa que as pessoas nunca estão separadas. Portanto, nunca vamos estar separados, Jane, porque te amo muito. Vou amar-te sempre, sempre.

E, com aquelas palavras, Michael começou a desaparecer do quarto, ao estilo dos amigos imaginários, e enquanto o fazia ouviu as doces últimas palavras de Jane.

— Michael, por favor, não vás! Por favor! Se fores, não vou ter ninguém. Nunca te vou esquecer, Michael, aconteça o que acontecer. Nunca te vou esquecer!

E isto traz a nossa história ao presente.

Um presente que também não é imaginário.

O presente verdadeiro.

SEGUNDA PARTE

*Vinte e três anos mais velha, mas não
necessariamente muito mais
inteligente*

Capítulo 8

A Elsie Mcann parecia tão pálida como a espuma de um café com leite, em pânico e possivelmente à beira de um ataque fatal. Nada de novo, não é? Afinal de contas, a Elsie tinha sido a rececionista draconiana da produtora da minha mãe, a ViMar Produções, durante uns longos e stressantes 28 anos, e ali estava ela, ainda a respirar, embora já não a cuspir fogo.

— Oh, graças a Deus, finalmente chegaste, Jane — disse ela, com o alívio a inundar-lhe a voz.

— Ainda mal são 10 horas.

— Não sei o que se passa, mas a Vivienne já aqui veio uma centena de vezes a perguntar por ti.

— Então diz-lhe que cheguei.

Mas a Elsie não precisava de o fazer. Já conseguia ouvir os estalidos dos sapatos de salto agulha da Vivienne no corredor.

— Onde estavas, Jane Querida? É praticamente meio-dia — perguntou, uma fração de segundo antes de ficar visível.

— São 10 da manhã — repeti.

— E onde é que estavas? — perguntou ela, beijando-me na bochecha como sempre fazia. O meu beijo matinal.

Na verdade, tinha estado no meu apartamento, a beber café e a ver o Matt Lauer a entrevistar uma mulher que falava de técnicas para organizar uma garagem. (Já agora, a solução é o uso extensivo de painéis com ganchos.)

Atravessei o corredor em direção ao meu escritório, seguida pela Vivienne.

— Espero que esse saco de papel que tens na mão não contenha um *muffin* de amoras cheio de gordura.

— Não, não contém — respondi honestamente. O saco continha um donut de noz e xarope de ácer com cobertura.

Sentei-me à secretária e comecei a examinar a pilha de mensagens telefónicas que tinha dois centímetros de altura. Muitas eram de agentes e, consequentemente, eram mentiras.

Uma era do meu *personal shopper* na Saks, uma ideia da Vivienne. Mais mentiras.

Cinco mensagens estavam assinaladas como sendo da minha mãe.

Uma era do Hugh McGrath, o meu namorado. A luz da minha vida e o pior dos meus problemas, tudo contido num embrulho encantador e atraente.

A mensagem seguinte era do meu dermatologista, que estava a devolver um telefonema meu.

A única outra mensagem importante era do Karl Friedkin, e era mesmo importante. Era um abastado construtor imobiliário que estava muito interessado em investir no meu projeto cinematográfico.

Três anos antes, a minha mãe tinha-me deixado produzir uma peça, completamente sozinha. Tinha um elenco de duas pessoas: uma rapariga de 8 anos e um homem de 35. Tinha dois cenários: o Astor Court do Hotel St. Regis e um apartamento em Manhattan. Eu tinha quase a certeza de que a Vivienne achou que seria tão barato produzi-la que, quando se revelasse um fracasso, a perda não seria grande.

A peça chamava-se *Graças a Deus* e baseava-se vagamente na minha antiga relação com o Michael, o meu amigo imaginário. Talvez produzir aquela peça tenha sido a minha forma de tentar não esquecer o Michael. Talvez fosse apenas uma ideia adorável para uma peça.

Para grande espanto da Vivienne e meu, *Graças a Deus* foi um êxito. Na verdade, foi um êxito estrondoso e ganhou um Tony. O público adorou a história da rapariguinha gorducha e do seu belo amigo imaginário. Quando o Michael finalmente a deixou, ouvia-se o choro do público. Frequentemente, eu era uma das pessoas que estavam na plateia a chorar.

Por cima da minha secretária havia uma citação do Ben Browning no *New York Times*:

Chamem-me sentimental — ou pior, se quiserem —, mas *Graças a Deus* é irresistível. Como a vida no seu melhor, é a combinação perfeita de encanto, lágrimas e riso.

Era óbvio que *Graças a Deus* não me traria o Michael de volta, mas tinha trazido o Hugh McGrath para a minha vida. O Hugh fizera o papel de Michael e depois tornara-se meu namorado na vida real.

Quando disse à Vivienne que queria produzir um filme da história de *Graças a Deus*, ela disse: «Não é uma ideia terrível, mas nunca conseguirás fazê-lo sozinha, Jane Querida. Não tenho dúvidas de que vais precisar da minha ajuda. Felizmente para ti, não estou muito ocupada neste momento.»

O plano era angariarmos nós pelo menos metade do dinheiro necessário para a produção e depois pedir o resto a um estúdio de Hollywood. A Vivienne dissera que contribuiria com o que quer que o Karl Friedkin dissesse.

— Estou a infringir a regra fundamental da produção. Nunca investir dinheiro próprio — disse a Vivienne. — Mas, afinal de contas, és da família, Jane Querida.

Ah, ela lembrou-se.

Capítulo 9

No meu gabinete, a Vivienne disse:

— Liga ao Karl Friedkin. Já. Agora mesmo! É uma ordem da tua mãe.

— Em parte estava a brincar, em parte não.

Obediente como sempre, escolhi o número dele no menu de marcação rápida.

— Espera um momento, Jane Querida. Espera. Deixa-me pensar.

Desliguei.

A Vivienne uniu os dedos enquanto andava de um lado para o outro no meu pequeno gabinete. Quase parecia que estava a rezar ao santo padroeiro dos mecenas do teatro.

— Vou dizer-te o que quero que digas ao Karl — disse ela. — Diz-lhe que há muito interesse no projeto por parte do Gerry Schwartz, da Phoenix Films, e o Gerry tem olho para grandes êxitos.

— Oh, meu Deus! — respondi. — Quando é que a Phoenix ligou?

Ela lançou-me um olhar exasperado.

— Oh, por amor de Deus, Jane Querida. Não ligou. Mas deixa o Friedkin pensar que estão interessados. — Ela continuou: — Diz-lhe que, se não mandar o dinheiro hoje... olha, que amanhã vai ser tarde demais.

Pousei o telefone.

— Mãe, eu percebo que queiras distorcer a verdade. Mas mentir declaradamente? Sabes que detesto isso.

Mais um olhar exasperado.

— O jogo é assim.

— Já agora, como é que sabes que o Karl Friedkin me ligou? — perguntei, desconfiada.

— Intuição de mãe — disse ela, com os sapatos a fazer estalidos no chão enquanto se dirigia para a porta.

— Estiveste a ler os meus recados.

Ela fingiu-se chocada.

— Nunca faria tal coisa. — Mostrando-se afrontada, saiu porta fora, apenas para voltar a entrar um segundo mais tarde.

— Oh, e depois de ligares ao Karl Friedkin e de conseguires o nosso dinheiro, não te esqueças de ligar ao teu dermatologista.

Capítulo 10

O meu namorado, o Hugh McGrath, era ridiculamente bonito, mas será que deve ser censurado por isso? OK, talvez. Posso apontar alguns motivos. Certa vez, numa praia em East Hampton, um homem dirigiu-se a ele e perguntou: «Onde é que posso comprar um sorriso assim?» E estava a falar a sério. O Hugh era esse tipo de homem. O tipo de homem a quem estas coisas acontecem. O tipo de homem que tem olhos castanhos aveludados, um nariz perfeito, maçãs do rosto salientes e um queixo bem desenhado, digno de Bond, James Bond.

O Hugh era um ator da Broadway e foi nomeado para um Tony quando tinha 19 anos. Nasceu com o dom da beleza e a capacidade inata de vender gelo a ursos-polares. Uma vez, apoiou-se sobre o cotovelo e disse-me que bastava ver-me de manhã para o deixar delirante de felicidade. Uma vez que sei qual é o meu aspeto quando acordo, respondi: «Tretas!»

Naquela noite, ele ia encontrar-se comigo para jantar no Babbo, o nosso restaurante preferido em Greenwich Village. Há vinte e tal anos, quando eu era pequena, o Babbo chamava-se Coach House. A minha mãe e eu íamos lá às vezes ao domingo à noite. Eu pedia sempre a sopa de feijão-preto, e

ela dizia: «Nada de natas na sopa, Jane Querida. Lembra-te de que comeste um *sundae* enorme há poucas horas.» Sim, com o Michael.

Aquela noite, cheguei ao restaurante antes do Hugh, e a estonteante rececionista russa guiou-me até ao andar de cima, à sala de jantar. Quando me sentei, não consegui evitar observar as pessoas. Admito que tenho esse vício desde os velhos tempos.

Do outro lado do corredor estava um casal que saltava à vista, uma mulher negra e um tipo de cabelo loiro muito claro, ambos com cerca de 20 anos. O fato azul-escuro *Ralph Lauren* que ele vestia dizia «advogado de sucesso». As pernas compridas dela diziam «modelo de passarela». Estavam obviamente apaixonados, eram loucos um pelo outro. Pelo menos naquela noite.

Na mesa ao lado havia mais um casal, com quarenta e tal ou quarenta e muitos anos. Ela usava umas calças de ganga e uma t-shirt cara. Ele usava calças de sarja, uma camisa castanho-escuro, um casaco de camurça de um castanho mais escuro. Os óculos dele eram de massa preta da década de 1950. Decidi que eram negociantes de arte e que ela era artista. Era o seu segundo aniversário. Ela estava a tentar convencê-lo a provar o seu *fettuccine* preto com lulas.

Sim, eu estava a jogar o jogo da Jane e do Michael. E, sim, nem me tinha dado conta. E, sim, raios, o Hugh estava 15 minutos atrasado para o nosso encontro. Não era a primeira vez, especialmente nas últimas semanas. Bem, na verdade, acontecia desde que começámos a namorar.

Capítulo 11

Peguei no telemóvel e pousei-o na mesa. Pedi um Bellini, delicioso, perfeito, e bebi-o enquanto esperava pelo meu acompanhante.

O Hugh já estava meia hora atrasado. *Desgraçado.*

Foi então que percebi que aquela era a terceira vez consecutiva que o Hugh se atrasava muito sem sequer me telefonar a avisar. Tentei forçar um sentimento de preocupação, talvez tivesse sido atropelado por um táxi, talvez estivesse no hospital, talvez tivesse sido assaltado, mas parei rapidamente quando percebi que era a minha raiva a falar.

O Hugh estava provavelmente no ginásio. Estava obcecado com a ideia de ficar ridiculamente em forma, e como podia opor-me?

Talvez fosse por o Hugh estar agora exatamente uma hora atrasado. Ninguém precisa de ficar assim tão em forma. Um segundo Bellini deixou-me um pouco zozza e com fome.

— Talvez deseje que lhe traga um *antipasto*, menina Margaux? — perguntou o solícito empregado de mesa. Era um dos meus preferidos,

sempre tão simpático, e lembrava-se sempre de mim. Bem, eu já lá ia há anos.

— Sabe que mais? Acho que vou pedir já.

Lembro-me de ter fome — e lembro-me de estar cheia. Lembro-me de olhar para baixo e ver a minha mão a segurar numa colher com um pudim de chocolate de ar requintado. Lembro-me de o empregado de mesa pousar um café e um prato de biscoitos na mesa.

— Pus a despesa na conta da Sra. Margaux — disse o empregado. — Foi um prazer voltar a vê-la. Espero que a refeição tenha sido do seu agrado.

— Estava tudo ótimo. — Mas talvez não fosse bem tudo.

Saí do restaurante para uma noite fresca de primavera em Manhattan. Sozinha. Tinha a cara a ferver, mas não sabia se era dos Bellinis ou da humilhação. Eu estava a viver o velho clichê: quando a nossa vida amorosa se está a desmoronar, toda a gente parece mais fabulosa do que nós. Precisava eu realmente de ver um casal de meia-idade a conversar calmamente e de mãos dadas no parque? Ou os adolescentes que tinham decidido parar e beijar-se avidamente a poucos metros de onde eu estava? Não, não precisava. Porque é que toda a gente em Nova Iorque estava loucamente apaixonada enquanto eu estava a caminhar sozinha com os braços cruzados sobre o peito?

O meu telemóvel tocou.

O Hugh! Claro que é o Hugh. E a sua desculpa hoje é... o quê?

— Estou? — Um pouco ofegante, talvez? Demasiado afetada pelos Bellinis?

— Jane Margaux? — disse a voz do outro lado da linha.

— Fala a Jane — respondi, não reconhecendo a pessoa.

— Fala da Verizon Wireless, e gostaríamos de a informar do nosso novo plano de preços.

Desliguei o telefone e voltei a guardá-lo na mala. Desejei ser o tipo de pessoa que era suficientemente imprudente para o deitar no caixote de lixo mais próximo. Claro que, se o fizesse, teria de o ir buscar a seguir, e claro que alguém meu conhecido estaria a passar nesse preciso momento, quando eu estivesse a remexer o lixo, para o dia ficar completo.

Engoli em seco e senti as lágrimas quentes a virem-me aos olhos. *Perfeito. A chorar no meio da rua. Muito baixo, mesmo para mim.*

Eu era mesmo patética. Quanto mais cedo encarasse a realidade, melhor. A verdade era que eu estava com mais de 30 anos, trabalhava para a minha mãe e era o tipo de mulher cujo namorado lindo e bom demais para ela a deixava pendurada no seu restaurante preferido, e as coisas simplesmente eram assim.

Capítulo 12

Michael estava a despachar o seu segundo cachorro-quente, saboreando cada dentada succulenta, cada explosão de sabor na sua boca. Como estava esfomeado! Faminto! Voraz! E, felizmente, não tinha de preocupar-se com o que comia.

Ali estava, entre missões, de regresso a Nova Iorque, a passar o tempo. Andava sem destino, a divertir-se, esperando pelo que viria a seguir. Viu praticamente cada filme lançado, foi aos melhores museus (como o Museu do Índio Americano), visitou a maior parte das espeluncas de donuts e café na ilha de Manhattan, com enfoque nos mais antiquados estabelecimentos do género conhecidos pelo Homem. Ah, é verdade, estava a ter aulas de boxe.

Sim, aulas de boxe. Com o passar dos anos, descobriu tantas atividades que adorava, muitas das quais achava que nunca iria apreciar. Como o boxe. Mas foi um exercício espantoso e serviu para lhe dar autoconfiança. E autoconhecimento também. Tornou-o próximo das pessoas, de uma forma estranha. Talvez demasiado próximo.

Duas noites por semana, no 2.º andar de um ginásio manhoso na rua 8, um homem negro com hálito a uísque e menta ensinou-o a dar murros

razoavelmente duros, a defender ataques, a atirar ganchos próximo do corpo de um adversário.

Habitou-se bastante bem aos rapazes hispânicos de 18 anos que lhe esmurravam o nariz até o sangue escorrer. E a ser chamado «meu velho» pelos companheiros de treino, que pareciam gostar dele de qualquer maneira. Raios, toda a gente gostava do Michael. Era o seu trabalho, certo?

Mas ainda não estava habituado ao terrível apetite que tinha após cada treino. A fome pós-treino era tão intensa que só podia ser satisfeita por três ou quatro cachorros-quentes e pelo menos dois *Yoo-Hoos* de chocolate de um vendedor ambulante de Manhattan.

Aquela noite encomendou os seus cachorros-quentes e *Yoo-Hoos* e estava a pensar no quão bom era estar de volta a Nova Iorque. Tinha terminado uma missão em Seattle com um rapaz de 6 anos cujas mães eram lésbicas. O problema foi que ambas as mulheres estavam demasiado envolvidas com o pequeno Sam. Tinha tido demasiadas lições de música e de ginástica desportiva, teve muitos tutores, e ouviu frequentemente a pergunta: «E como é que isso te faz sentir, Sam?»

Começaram as Lições para Treino de Assertividade Educada de Michael, e ambas as mães acabaram por gostar do novo comportamento refilão de Sam. Michael ensinou Sam a ser quem era. Depois, claro, tinha de deixar o rapaz, e Sam não iria recordar-se dele. Mas era assim que funcionava, e Michael não tinha controlo sobre a situação.

Agora Michael estava numa espécie de férias, a divertir-se, a olhar para as raparigas, a pedalar no Central Park, a comer o que lhe apetecesse. Fazia exatamente o que bem entendia, comia o que lhe apetecia, não ganhava um quilo, tinha o cérebro esmagado duas vezes por semana. Como é que se podia superar aquilo?

Assim que deu o último golo ao seu segundo *Yoo-Hoo*, uma mulher passou, e os olhos dele seguiram-na automaticamente, apreciando as suas curvas. Nada de novo. Estava sempre a reparar em mulheres em Nova

Iorque. Reparou que ela tentava parecer forte, na melhor das hipóteses, e sorriu, lembrando-se, de repente, da pequena Jane Margaux...

Mas então...

Um certo inclinar da sua cabeça...

O andar... do tipo «descontraído».

Foi estranho, mas, não... não podia ser.

Mas o movimento dos seus braços...

Bem, talvez... Um olhar na direção dele. Aqueles olhos. Não, não aqueles olhos!

Era ela! Tinha de ser. Mas não era possível.

Era? Podia ser?

O cabelo dela não era tão encaracolado como quando era criança, mas ainda era loiro. Usava um casaco preto e largo e levava uma mala de cabedal meio pasta, meio carteira.

O maxilar de Michael caiu. Era completamente impossível, mas tinha de ser Jane!

Oh, meu Deus, é a minha Jane Margaux! Está mesmo aqui, nem a 15 metros de mim!

Michael lançou-se em direção a ela, afastando-se do vendedor ambulante e fazendo com que este olhasse para ele com desconfiança.

Isto nunca tinha acontecido, pensou Michael, espantado.

Nunca, jamais, dera de caras com um dos seus miúdos em idade adulta!

Jane estava a caminhar devagar, parecendo perdida nos seus pensamentos. Ele andou devagar também, a tentar decidir o que fazer a seguir. Estava perplexo — sem palavras, ideias, nada.

Na esquina da Sexta Avenida com a rua 8, ela chamou um táxi e apanhou um imediatamente. Correu um pouco e entrou, fechando a porta de seguida. Michael ficou para trás. Sabia o que devia fazer. *Deixa-a ir, arquiva isto em «coincidências bizarras».*

Mas não foi o que fez. Em vez disso, fez sinal a um táxi que acelerava pela Sexta Avenida. Disse algo que sempre desejou: «Siga aquele táxi!»

Seguir Jane.

Tinha de o fazer.

Capítulo 13

O taxista carregou obedientemente no acelerador, e a cabeça de Michael foi projetada contra o assento. Aquilo foi tão estranho. Porque é que se tinha encontrado com um dos seus miúdos, depois de tanto tempo? Nunca lhe acontecera tal coisa. Então, porquê agora? O que significaria? Fechando os olhos, disse uma prece silenciosa, mas, como de costume, não obteve resposta. Daquela forma, pelo menos, achou que era como todas as outras pessoas: que tinha sido ali posto por um motivo, mas diabos o levassem se sabia qual era. Havia, contudo, uma coisa: quanto mais tempo ali passava, mais humano se sentia. Seria uma pista, o facto de estar a tornar-se mais humano? E seria uma coisa boa?

Afinal de contas, o que sabia Michael sobre si próprio? Não sabia certamente tanto quanto desejava. Tinha uma memória limitada do passado, só conseguia recordar alguns rostos difusos, por períodos indistintos de tempo. Tinha uma ideia concreta de quanto tempo passara no trabalho ou de quantas crianças tinha procurado. Tinha a certeza de que amava o que fazia, exceto, em média, uma vez por mês. Também em média, ficava com uma criança entre quatro e seis anos. Depois tinha de partir, quisesse ou não, independentemente de a criança querer ou não. Nessa altura teria uma

pausa, um ano sabático, como o que estava a viver agora. Um dia acordava numa cidade diferente, na sua mente *sabia* quem seria o próximo menino ou menina, e iria até ele. De qualquer forma, todas as suas necessidades eram atendidas. Não era propriamente humano, não era um anjo: era apenas um amigo. E era muito bom no que fazia.

Entretanto, o táxi que levava Jane estava a acelerar pela Sexta Avenida acima.

Virou à direita no sul de Central Park. O táxi de Michael seguiu-o.

Virou novamente à esquerda em Park Avenue.

Estará a ir para o apartamento da mãe? Não, nem pensar! Não me digas que ainda estás a viver com a tua mãe! Estremeceu, agora certo de que segui-la tinha sido uma péssima ideia. Lembrou-se de Vivienne Margaux, do seu enorme ego, da sua personalidade extravagante. Passava as tardes de domingo com Jane e ocasionalmente dava-lhe um beijo na cara, mas nada mais. A escola de Jane ficava a um quarteirão e meio do apartamento, mas Vivienne nunca a levava lá.

Michael soltou um gemido quando o táxi de Jane parou em frente ao número 535 de Park Avenue — mas ela não saiu.

Em vez disso, o porteiro veio até à janela traseira do carro, e Jane entregou-lhe dois envelopes pardos grandes. O homem parecia feliz por a ver; lançou-lhe um grande sorriso e tirou o chapéu. Jane sorriu-lhe, menos triste. Até bateram com as mãos no ar.

Então, o táxi de Jane arrancou novamente.

OK. Pelo menos não estava a viver com Vivienne. O táxi de Michael seguiu o táxi de Jane, que parou novamente, agora na esquina da rua 75 com Park Avenue. O porteiro do edifício caminhou até ao táxi e abriu a porta do carro.

Michael entregou rapidamente uma nota de 20 dólares ao motorista, mantendo Jane debaixo de olho. Ela pegou na mala e dobrou o casaco preto por cima do braço.

Estava... bem, estava ótima. Muito adulta. Extremamente atraente. Era tão estranho, ver a pequena Jane Margaux com aquela aparência. Vê-la como mulher. Jane sorriu calorosamente ao porteiro, e ele retribuiu. Era a velha Jane de Michael. Bondosa para todos, amiga de todos. Sempre com um sorriso para o mundo.

Michael pôs-se atrás de um vaso de cimento enorme, sentindo-se ridículo, como uma criança a jogar um jogo de espionagem, mas algo o convenceu a ficar. Ouviu o porteiro dizer: «O Sr. McGrath passou por cá. Pediu-me para lhe dizer se viesse a casa que ele não ia poder comparecer no jantar de hoje.»

— Obrigada, Martin. Ele sempre conseguiu ir — respondeu Jane. Mas mordeu o lábio.

O porteiro fez uma pausa, com a mão ainda na porta de vidro pesado.

— Ele não foi, pois não, menina Jane?

Jane suspirou.

— Não, Martin. Não.

— A menina Jane sabe o que penso.

— Eu sei, eu sei. Sou uma idiota. Uma imbecil.

— Não, menina Jane — disse o porteiro com um tom de censura. — O Sr. McGrath é que é um idiota, se me permite. A menina merece melhor.

De trás do vaso, Michael concordou veementemente. Jane tinha sido deixada pendurada! Ele agora tinha certeza absoluta de que era a sua Jane de há tanto tempo. Ele teria reconhecido aquela voz em qualquer lugar. Estava mais madura, mais profunda, mas reconhecível à mesma. E, ao fim de todo aquele tempo, ela continuava a ser magoada, não era? As pessoas continuavam a desiludi-la, a não a tratar como o tesouro especial que era. Como era possível? Como é que alguém era capaz de a magoar?

Na verdade, Michael fora uma das pessoas que a tinham desiludido, reconheceu com vergonha. Tinha-a magoado. Mas não tivera escolha! Não houvera nada, absolutamente nada que pudesse fazer acerca daquilo! Enfim,

ela esquecera tudo no dia seguinte. Quase tirava a importância ao facto de que a tinha magoado. Não era como aquele anormal do McGrath.

Mas porque tinha Michael voltado a encontrá-la?

Agora ela tinha entrado no prédio, e subitamente, Martin, o porteiro, aproximou-se do vaso e olhou com desconfiança para Michael.

— Posso ajudá-lo, senhor?

Michael estremeceu e levantou-se.

— Não... obrigado. Acho que não. Vou andando.

— Sim, senhor. Estava a pensar o mesmo.

Capítulo 14

A minha mãe fez de tudo, menos bloquear a porta com o corpo para me impedir de sair do seu apartamento e ter a minha própria casa depois da faculdade.

— Mudar de casa? Disparate! Porque haverias de querer ir-te embora? O Raoul está aqui! *Eu* estou aqui! Jane Querida: comigo, com o Raoul e com o restaurante chinês em Lexington, tens tudo o que podes desejar.

Sim, mãe. Tudo menos privacidade, uma vida e talvez a minha sanidade mental.

— Não consegues viver sem mim! — insistiu a Vivienne. — Quem te vai ajudar a escolher a roupa? Ou lembrar-te de seguir a dieta? E ajudar-te com a tua vida amorosa praticamente inexistente? Ah, já agora: a minha amiga Tori deu-me o número do primo dela, e acho que deves telefonar-lhe. Parece que é um cirurgião muito bem-sucedido. Mas, Jane Querida...

E aquilo convenceu-me.

Enquanto os homens das mudanças levavam a minha cómoda *Biedermeier* porta fora, a Vivienne admitiu parcialmente — e apenas parcialmente — a derrota.

— Vamos fazer a experiência durante alguns meses, Jane Querida. E, quando não der certo, podes subalugar o apartamento e voltar para aqui.

Não importava o quanto eu podia vir a odiar a minha nova sala: nunca ia voltar. Mesmo que adormecesse a chorar todas as noites. Continuaría a ser na *minha* almofada, no *meu* apartamento, e ninguém entraria para me perguntar que brincos condiziam melhor com certa roupa.

A Vivienne decidiu, à sua maneira, aproveitar ao máximo a situação. Quando estive fora numa viagem de negócios de duas semanas, ela redecorou completamente a minha casa nova. Voltei para o meu pequeno paraíso privado para descobrir que o meu quarto e a minha sala estavam todos brancos, como os dela. A cozinha, que eu usava exclusivamente para aquecer comida comprada pronta, estava equipada como um restaurante: fogão profissional, fornos, duas máquinas de lavar loiça, frigorífico com porta de vidro com um bonito painel iluminado. Havia uma única embalagem de iogurte magro a aparecer por trás do vidro.

Eu estava demasiado sobrecarregada para desdecorar ou redecorar a redecação. Mas tinha conseguido dar-lhe o meu próprio toque: uma fotografia da minha mãe, do meu pai e de mim, de quando eu era muito pequena. Estávamos na Grécia, ao pé do Pártenon, e estávamos a sorrir. Teríamos sido uma família feliz, nem que fosse por um dia? Um instante? Gostava de acreditar que sim.

Pendurei a fotografia no hall de entrada. A minha mãe detetou-a imediatamente na sua visita seguinte. Fungou e disse: «Se eu te der um dos meus Picassos mais pequenos, pensas em substituir essa porcária sentimentalóide?»

Sempre que eu chegava a casa, olhava para aquela fotografia e sorria.

Mas não naquele dia.

Um pouco afetada pelas bebidas no Babbo, ferida pela negligência contínua do Hugh e culpada por comer demais, acendi a luz do corredor e

olhei para aquela família feliz no Pártenon. Mas, por algum motivo, isso não me fazia sentir melhor.

O atendedor de chamadas do meu quarto disse que eu tinha três novas mensagens.

Carreguei no botão. *Vamos lá, Hugh. Redime-te. Diz que estás no hospital. Anima-me.*

«Jane Querida. Onde estás? Estás aí... à escuta? Levanta-te, querida. Vá lá, atende. Tive uma ideia brilhante...»

Carreguei em «apagar» e passei à mensagem seguinte.

«Isto é uma lembrança relativamente à revista *The Week*. A sua assinatura de seis meses de oferta.»

«Apagar» novamente.

Uma última mensagem. Era uma colega de faculdade.

«Jane, é a Colleen. Estás sentada?»

Sentei-me na beira da cama e descalcei os sapatos.

«OK, aqui vai uma notícia um pouco inesperada. Vou-me casar. Depois de me divorciar do Dwight, achei que nunca ia conhecer ninguém. Mas o Ben é fantástico. A sério! Juro! Espera até o conheceres. Nunca se casou, trabalha como advogado aqui em Chicago. O casamento é dia 12 de setembro, e tu tens de ser minha dama de honor. Vou tentar apanhar-te amanhã outra vez. Espero que esteja tudo bem contigo. Adoro-te. Ah, é verdade: também comecei a escrever contos. Ena! Espero que estejas bem.»

Estava feliz pela Colleen, estava mesmo. Ela só queria escrever ficção e criar uma família, e agora ia ter uma segunda oportunidade de fazer ambas as coisas. Ena, de facto. Fiquei muito feliz por ela. Mesmo.

Entrei na casa de banho e tirei a maquilhagem com aquelas compressas não-oleosas e hipoalergénicas. Lavei a cara com sabonete de amêndoa *Caswell-Massey*. («Se era suficientemente bom para a Jackie Kennedy», disse a minha mãe, «é suficientemente bom para ti».)

Depois meti-me na cama e liguei o computador portátil. Comecei a fazer anotações no contrato para o meu filme. Ia encaminhá-las para o advogado da Vivienne naquela noite para ele poder elaborar uma proposta formal para enviar ao Karl Friedkin.

Uma hora depois, desliguei o computador. Estava demasiado cansada para pensar... e esperava que as notas fizessem sentido. Saí da cama e deambulei pelo apartamento tranquilo. Na cozinha, servi um copo da água que a minha mãe mandara vir da Suécia. Bebi vários golos generosos, mas já tinha os dedos a tremer de privação. Pousei a água.

Jane, sê forte.

Olhei para as portas do armário, as que ficavam por baixo do lava-loiça.

Estendi a mão.

Não vás lá, Jane. Não faças isso.

Abri o armário por baixo do lava-loiça.

Agora estás oficialmente a olhar para o abismo. Afasta-te. Não é tarde demais!

Ajoelhei-me. Uma vez que estava a preparar-me para a adoração, era apropriado.

Atrás dos esfregões de palha de aço, dos limpa-vidros e dos detergentes abrasivos, ali estava a minha caixa secreta de *Oreos*. Nela estava escrito: «Apenas em caso de emergência! Estou a falar *contigo!*»

Senti que aquela noite se qualificava como uma emergência. Comi lentamente quatro *Oreos*, saboreando cada dentada, cada combinação perfeita de chocolate crocante misturado com recheio doce e cremoso.

Terminado o meu ritual, fui para a cama.

Com mais duas bolachas na mão.

As *Oreos* acabaram-se antes de eu pôr a cabeça na almofada.

Capítulo 15

O apartamento de Michael ficava no SoHo, uma das suas partes preferidas da cidade de Nova Iorque, ou de qualquer cidade, já agora. Como todas as pessoas, ele tinha algum livre-arbítrio e podia fazer a maior parte das suas escolhas. Tinha apenas um trabalho a fazer, uma *missão*: a de ser amigo imaginário das crianças. Não era, de forma alguma, um mau trabalho. Às vezes dizia em voz alta: «Adoro o meu trabalho.»

Ainda assim, gostava daquelas pausas entre missões, entre crianças. Não tinha como saber quanto tempo durariam, portanto, tinha aprendido a tirar o maior proveito de cada dia, a viver o momento, todas as coisas boas de que as pessoas gostam de falar, especialmente na televisão, mas que muitas vezes não sabiam pôr em prática.

Naquela noite, voltou para sua casa por volta das 11 horas, completamente abalado por ter visto Jane, a Jane adulta. Fora um grande choque. *Jane Margaux. Uau.*

Quando Michael chegou ao 2.º andar, a caminho do seu apartamento no 4.º piso, ouviu o som de música *rock* a vir de cima, com a vibração a passar pelos degraus. Não tinha dúvida de onde vinha: do apartamento de Owen Pulaski.

Owen Pulaski. Michael não sabia o que pensar daquele homem infantil despreocupado e alegre. Não havia dúvida de que era muito amistoso, extrovertido e que se esforçava sempre. Na verdade, quando Michael chegou ao 4.º andar, Owen estava a cumprimentar duas mulheres à porta do seu apartamento. As mulheres eram altas, magras, inacreditavelmente belas e estavam a rir-se do que quer que Owen tivesse acabado de lhes dizer. Owen tinha mais de 1,90 m, era corpulento e tinha um sorriso infantil a que Michael supunha ser difícil resistir.

— Mikey, anda à minha festa. Não me insultes. Não te atrevas a insultar-me — gritou Owen do fundo do corredor.

— Obrigado, obrigado, mas estou um bocado cansado hoje — disse Michael, mas Owen já estava a atravessar o espaço que os separava e a pôr o braço em volta de Michael.

— Esta é a Claire de Lune e esta é a Cindy 2 — disse Owen, acenando para ambas as beldades. — São duas estudantes brilhantes da Universidade de Columbia (acho que é Columbia) que também trabalham como belas modelos. Senhoras, este é o Michael. Ele é fantástico. É cirurgião no Hospital de Nova Iorque.

— Não sou cirurgião em lado nenhum — corrigiu Michael enquanto era arrastado para a festa lotada, barulhenta e sobreaquecida na casa de Owen.

— Oi, olá — disse uma das mulheres, uma morena alta a quem Owen chamara Claire de Lune. — Eu sou a Claire... Parker. O Owen é... bem, o Owen.

Michael transformou o seu esgar em algo parecido com um sorriso.

— Olá. Como estás, Claire?

— Não estou muito bem, mas não vamos falar disso. Acabámos de nos conhecer, não é?

Michael sentiu que a rapariga estava perturbada e não resistiu; nunca conhecera uma alma solitária, deprimida, que não quisesse tentar ajudar de alguma forma. Seria o seu defeito fatal? Teria sido feito assim? Não sabia e

tinha parado de se preocupar com coisas que não podia controlar. Bem, tinha praticamente parado.

— Não, não faz mal. Estou interessado — disse a Claire.

— Claro que estás. — Ela riu-se. Alguém que ia a passar pôs-lhes bebidas nas mãos, e ela voltou a rir-se. — Os homens adoram ouvir os nossos problemas, os nossos sentimentos e essas coisas.

— Não, a sério que quero. Vamos falar.

Assim, Michael ouviu a história de vida de Claire Parker durante bem mais de uma hora num pequeno canto do corredor que conduzia à cozinha. O conflito era entre a carreira de professora, que era para o que estava a estudar, e todo o dinheiro que começara subitamente a ganhar como modelo na Agência Ford.

Finalmente, olhou-o nos olhos, sorriu muito docemente e disse:

— Michael, embora não sejas cirurgião e eu não seja a Claire de Lune, queres vir para casa comigo? A minha colega de quarto está numa sessão fotográfica em Londres, e o meu gato não é ciumento. Queres? Diz que sim.

Capítulo 16

Honestamente, sinceramente, como queiram, não era a primeira vez que algo daquele tipo acontecia a Michael, especialmente durante as pausas entre missões, embora às vezes também acontecesse durante elas. Afinal, ele podia fazer escolhas, tinha uma vida e não era imune à beleza.

O que disse a Claire foi:

— Na verdade, vivo do outro lado do corredor.

O apartamento de Michael era subalugado, bem arrumado e bem mobilado, o apartamento de um professor de Antropologia na Universidade de Nova Iorque que estava na Turquia durante aquele semestre. Michael tinha um talento especial para encontrar excelentes apartamentos, outra vantagem do seu trabalho.

— É a tua vez de falar — disse Claire, enroscando-se no sofá. Pôs as longas pernas debaixo do corpo e não puxou a saia para baixo para cobrir os joelhos. Deu uma palmadinha na almofada ao seu lado. — Anda. Senta-te. Conta-me tudo. — Michael sentou-se, e Claire deslizou-lhe um dedo pela bochecha. — Quem é ela? O que é que aconteceu? Porque estás sozinho? Estás?

Michael riu-se, essencialmente de si próprio.

— É uma pergunta curiosa. Houve uma pessoa, mais ou menos. Perdi-lhe o rasto há bastante tempo. E depois esta noite acho que a reencontrei. Mais ou menos. É complicado.

— É sempre. — Claire sorriu. — Eu estou interessada, e temos a noite toda. Tens uísque? Algum tipo de bebida?

Na verdade, Michael tinha (ou pelo menos o professor tinha) ótimos vinhos, que ia repor antes de se ir embora. Abriu uma garrafa de *Caymus* e depois uma de *ZD* enquanto ele e a adorável Claire de Lune falavam e falavam até às 4 da manhã, altura em que finalmente adormeceram nos braços um do outro, vestidos. E foi bom assim. Perfeito, na verdade.

De manhã, como um perfeito cavalheiro, Michael deu a Claire um pequeno-almoço de torradas em pão integral, ovos e café. Orgulhava-se do seu café. Aquela semana era um *Kona gourmet*. Quando ela estava de saída, virou-se e pôs um braço em volta dos ombros de Michael.

— Obrigada, Michael. Tive uma noite maravilhosa. — Inclinou-se para a frente (eram quase da mesma altura) e beijou Michael na boca. — Ela tem muita sorte.

— Quem? — perguntou Michael, sem compreender.

— A Jane. A rapariga de quem estavas a falar ontem à noite, durante a segunda garrafa de vinho. — Claire lançou-lhe um sorrisinho resignado. — Boa sorte.

Capítulo 17

Às 07.15 da manhã, eu, a filha da chefe, fui a primeira a chegar à ViMar Produções (à exceção do rapaz do correio, uma dançarina de sapateado britânica, que acho que estava, na verdade, a viver debaixo da mesa de separação do correio na sala da correspondência).

Eram 4 da manhã em Los Angeles, portanto, só podia enviar e-mails e mensagens de correio de voz. Mas era meio-dia em Londres, o que significava que eu podia falar com a Carla Crawley, a chefe de produção da companhia do *Graças a Deus* em Londres. A peça era um êxito ainda maior em Londres do que em Nova Iorque. Os cenários, os atores, tudo era de melhor qualidade lá.

— Jane, estou tão feliz por teres ligado. Estamos a ter um pequeno problema. Parece que o Jeffrey não gosta da nova miúda que contratámos.

O Jeffrey era o Jeffrey Anderson, o galã britânico que estava a fazer o papel de Michael.

— O Jeffrey diz que não se dá tão bem com esta miúda nova. Mas acredita, Jane, a miúda é brilhante, verdadeiramente cativante. E o melhor de tudo é que tem 11 anos, mas parece ter 8, portanto, consegue *falar*.

— Olha, liga para o agente do Jeffrey e sugere que releiam a parte do contrato dele que diz que tem de contracenar com um macaco de três pernas se quisermos.

— Vou transmitir o teu recado, Vivienne Júnior — disse a Carla Crawley, a rir-se. Senti um arrepio na espinha. *Vivienne Júnior: Oh, meu Deus, diz-me que não é verdade.*

Capítulo 18

Às 9 horas em ponto, a minha assistente pessoal, MaryLouise, chegou ao escritório. MaryLouise: totalmente honesta, totalmente sarcástica, com o sotaque do Bronx mais cerrado que havia deste lado da ponte de Throgs Neck.

— Bom dia, Janey — disse ela, ao pousar uma pilha de cartas e recados telefónicos na minha mesa de reunião. — Conseguieste mais uma vez o lugar de empregada do mês.

— Bom dia — respondi. — Eu sei. Sou mesmo patética, não sou? Por favor, não respondas. — Comecei a passar revista às mensagens telefónicas, fazendo uma pilha de fogos que era preciso apagar, outra de situações que era preciso vigiar e finalmente uma terceira com coisas do tipo «liga se precisares de te castigar».

— Já agora, as luzes ainda não se acenderam no gabinete do Godzilla. — A MaryLouise rebentou ruidosamente um balão de pastilha elástica.

— Sabes que a Vivienne vai sempre arranjar o cabelo ao Frédéric Fekkai nas manhãs de terça.

— Estás a dizer que aquele amarelo-néon com toques de rosa não é natural? — troçou ela. — Precisas de café?

Antes que eu pudesse responder, ouvi duas vozes inconfundíveis do lado de fora do meu escritório. A minha mãe e o Hugh. O meu estômago revolveu-se imediatamente.

— Meu Hughie mais doce... Tu, tu, tu... — dizia a Vivienne com a sua voz de criança que me fazia retrair-me. — Onde é que estavas quando eu andava à procura do meu terceiro marido?

Provavelmente na escola, pensei.

E depois a Vivienne estava de pé à minha frente, com o Hugh, que tinha na mão um ramo de rosas brancas que devia ter-lhe custado perto de 200 dólares.

— Olha quem eu trouxe. Muito possivelmente o homem mais bonito de Nova Iorque — disse a Vivienne, inclinando-se para me dar o meu beijo de bom-dia na cara.

Não estava totalmente errada em relação ao Hugh. Ali parado, com o cabelo loiro despenteado, calças de ganga coçadas e camisola de capuz cinzenta, o Hugh parecia exatamente o ator principal que era. Era definitivamente um sonho de homem, um borracho, um bom partido. E, pelo menos em teoria, era meu.

— Sinto muito. Sinto mesmo, mesmo muito, Jane — desculpou-se ele, conseguindo soar um pouco credível e sincero.

Embora estivesse com vontade de lhe dar um murro, decidi levar as coisas mais na desportiva.

— Porque é que estás a lamentar-te? — perguntei, de sobrancelhas erguidas.

— Pela noite de ontem, como é óbvio. Estás a brincar? Não apareci no Babbo.

— Não teve importância — disse eu. — Tive uma refeição muito agradável. Adiantei algum trabalho.

— Tinha-me esquecido de que tinha um jogo de *squash*.

— Não faz mal. O *squash* é a tua vida. — Não podia estar mais longe da verdade. Os espelhos eram a vida dele.

MaryLouise tirou-lhe as flores da mão.

— Vou procurar uma piscina para as pôr.

Depois de uma espalhafatosa sequência de revirar de olhos e pigarrear, a minha mãe também saiu. O Hugh fechou a porta atrás dela, e eu fiz uma careta. O que foi aquilo? Foi então que ele me agarrou pelos ombros e me beijou na boca. Eu deixei-o e fiquei mesmo lixada comigo própria por causa disso. Aposto que até um grupo de ajuda chamado Capachos Anónimos me recusaria naquele momento. Oh, mas o Hugh beijava bem, com aqueles belos olhos castanhos muito perto do meu rosto, o perfume *Something Sexy* da *Hermès* no pescoço e na clavícula.

— Lamento mesmo muito, Jane. — Deslizou a mão para cima e para baixo pelas minhas costas, e o sorriso dele era adorável. — Sabes que eu te amo, não sabes? — A voz dele era quente e o seu olhar, ultrassincero. Talvez estivesse a dizer a verdade.

Inclinando-se para a frente, cobriu-me o pescoço de beijos. Subitamente, senti-me segura e quente, como costumava sentir-me com o Michael. *Por que raio estou eu a pensar no Michael?*

Arrastei novamente a minha mente para o Hugh, o Hugh que estava a dar-me turrinhas no pescoço. O Hugh ridiculamente bonito, encantador e loucamente romântico *quando queria*.

Foi então que me lembrei de uma coisa.

O Hugh era ator.

Capítulo 19

Michael nunca tinha feito nada assim — nem nada remotamente semelhante —, mas naquela manhã seguiu Jane a uma distância segura e discreta, do seu apartamento até um edifício de escritórios na rua 57 Oeste. Não sabia ao certo o que estava a fazer; só sabia que se sentia compelido a fazê-lo. Na rua 57 Oeste reconheceu imediatamente o edifício como o lugar onde Vivienne criara a sua empresa de produção e onde, aparentemente, ainda trabalhava. *Oh, Jane, não entres aí! Não entres no covil da Bruxa Má da zona oeste! Ela vai prender-te com as suas artes obscuras!*

Mas Jane entrou.

E depois, contrariamente ao bom senso, Michael entrou também. *O que é que estás a fazer?*, pensou, e quase o disse em voz alta. *Esta é a altura em que te vais embora. Aqui e agora. Esta é a altura em que pões fim a esta loucura.*

Porém, não o fez. Não podia. E, quando estudou o diretório que havia no átrio do edifício, percebeu que Vivienne era mais bem-sucedida do que nunca. A ViMar Produções ocupava agora dois pisos do edifício. *Deve estar mais malvada do que nunca.*

Observou a Jane adulta enquanto ela atravessava o átrio. Acenou a pelo menos meia dúzia de pessoas, que retribuíram o aceno e lhe sorriram ou que pararam para trocar dois dedos de conversa. Deu-se conta de que ela não tinha mudado: ainda deixava que as pessoas a desiludissem, mas era afável e calorosa. Claramente era muito querida por todos os que a conheciam. Todos, menos o palerma que lhe tinha dado uma tampa na noite anterior.

E foi então que Jane desapareceu dentro de um elevador e Michael viu os números mudarem de zero para 24 numa questão de segundos.

Nesse momento Michael tomou a fatídica decisão de esperar por Jane. Porquê? Não sabia. Tentaria falar com ela? Não, claro que não. Bem, talvez. Talvez tentasse. Entretanto, tinha passado por uma Dunkin' Donuts a um quarteirão dali e estava a pensar em comer dois Bavarian Kremes.

Depois da pausa para donuts, regressou e esperou perto do prédio onde ficava o escritório de Jane, a sentir-se estúpido por ficar ali especado, mas sem conseguir afastar-se. Por volta das 12.15, as portas do elevador abriram-se e ela saiu. Não estava sozinha. Infelizmente, um homem muito bonito vinha com o braço em volta da cintura dela. Jane afastou o braço, e Michael supôs que fosse o próprio palhaço: McGrath.

Saíram pela porta principal, e ele seguiu-os de perto. Mesmo que Jane olhasse para trás, não reconheceria Michael. Tinha-se esquecido dele. Era assim que funcionava. Tentando não dar nas vistas, Michael manteve-se suficientemente perto para conseguir ouvir partes da conversa. Ela e McGrath estavam a falar de algo chamado *Graças a Deus*, que Michael supôs que fosse uma das produções de Vivienne.

— Jane, o *Graças a Deus* é aquilo para que tenho vindo a trabalhar, e não penso que estejas a encará-lo com seriedade suficiente — foi o que Michael ouviu McGrath dizer, ou melhor, choramingar.

— Não é verdade, Hugh — respondeu Jane. — Estou a levá-lo a sério. Tu sabes o quanto o *Graças a Deus* é importante para mim. — Hugh. O tipo chamava-se Hugh. O que é que ela tinha na cabeça? Nunca se deve confiar

numa pessoa chamada Hugh. Jane estava com um homem que tinha o nome mais ridículo do mundo, um nome que soava sempre, sempre mal. *Como estás, Hugh? Querida, é o Hugh.*

Abanando a cabeça, Michael continuou a segui-los quando entraram no restaurante do Four Seasons. Lá dentro, Michael dirigiu-se ao bar, pediu uma *Coca-Cola* e viu-os a sentarem-se, com a certeza absoluta de que seguir Jane era uma má ideia que se tornava pior ainda a cada minuto que passava.

Michael observou a mesa deles do outro lado do restaurante, ficando progressivamente mais irritado à medida que Hugh só falava e Jane só ouvia. Quando não estava a dar-lhe sermões, o sacana interagia com toda a gente no restaurante. *Hugh* a dar apertos de mão ao editor de uma revista. *Hugh* a dar um abraço ao apresentador de um programa de televisão. *Hugh* a discutir a lista de vinhos. O que é que ela via naquele palhaço?

Depois, quando Hugh e Jane estavam prestes a começar a almoçar, uma bela jovem de ar etéreo aproximou-se da mesa. Pediu desculpa por interromper, mas estendeu um papel e uma caneta para Hugh lhe dar um autógrafo. Aquilo significava que o homem era uma celebridade. Talvez um ator/modelo? Um apresentador da meteorologia? Talvez tivesse entrado no *Saw II* ou algo do género?

Ele levantou-se, sedutor, encantador, irritante. Michael observou, incrédulo. O rosto e pescoço de Jane tinham ficado vermelhos. Ela estava claramente desconfortável, mas Hugh pareceu não reparar.

Finalmente, Michael não conseguiu aguentar mais. Pagou o refrigerante e saiu, deixando Jane com o seu Hugh. Não sabia o que Jane estava a fazer, mas ela era uma rapariga crescida. Se era aquele o tipo de relação estúpida e superficial que queria, talvez ela e Hugh se merecessem.

Capítulo 20

Enquanto o Hugh namoriscava com uma modelo irritantemente bonita e magra que vira quatro vezes a peça *dele*, fingi estudar o menu das sobremesas, que, infelizmente, conhecia de cor. Deus do céu, naquele momento teria sido capaz de matar por um pedaço do bolo Chocolate Dome.

Mas não devia. Não ia fazê-lo. Não podia mesmo.

Não devia pensar mais naquilo. OK, eu ia ter de regressar ao trabalho para uma reunião de pré-produção do *Graças a Deus*. Precisava de apresentar o nosso potencial financiador, o Karl Friedkin, a alguns criativos: o agente de *casting*, o figurinista, o cenógrafo. *Nada de bolo para ti*, disse a mim mesma com um tom severo. *Ti para bolo de nada*.

O Hugh soprou um beijo para a sua fã magra e dedicada, enquanto eu pagava a conta do nosso almoço.

— Importas-te que eu não regresse contigo, Jane? — perguntou ele. — Preciso de dar um pulo ao ginásio. — Inconscientemente, admirou-se em frente ao espelho do bar, acariciando a sua face perfeitamente suave e observando-se de diferentes ângulos. Claro que eu tenho o tipo de rosto que simplesmente não tem ângulos, independentemente de como o olhemos.

— Não, não há problema, Hugh — respondi. — Está tudo bem.

Eu estava mesmo a ser sincera. Quanto menos ele soubesse do desenvolvimento do filme, melhor. Uma vez que tinha desempenhado o papel na Broadway, o Hugh estava perfeitamente convencido de que também devia representá-lo no filme. E o mesmo era verdade em relação à minha mãe. Os dois andavam há muito a tentar convencer-me a escolhê-lo para o papel. Eu discordava fortemente. O Hugh era completamente errado para os grandes planos do filme; simplesmente não era o tipo certo de ator. Simplesmente não era o Michael.

O Hugh deu-me um beijo no rosto, lembrando-se no último momento de me beijar realmente o rosto em vez de atirar o beijo para o ar.

— Até logo, querida — disse ele, e depois desapareceu, com um sorriso radioso, um bronze esplendoroso, uma grande ligeireza.

Afastando firmemente o desejo de pedir um bolo para levar, corri novamente para a rua 57, chegando mesmo a tempo, como é óbvio. A típica Jane. Depois de me certificar de que todos os presentes se conheciam, dei início à reunião. Quando comecei a falar, os meus nervos acalmaram-se e senti que tinha controlo sobre o meu projeto.

— Estamos todos muito entusiasmados com o corpo que o filme está a ganhar — disse, encorajada pela grande atenção de todos. — Um realizador de topo já praticamente alinhou. Acredito que teremos a ordem formal do estúdio para avançar até ao final da semana.

Todos desataram a aplaudir espontaneamente, o que me reconfortou. Eu sabia que aquele projeto não podia significar tanto para a minha equipa de criativos como para mim — como poderia? —, mas agradou-me o seu entusiasmo e apoio.

Foi então que a porta da sala de conferências se abriu de rompante.

— Não precisam de aplaudir — disse a Vivienne com um tom muito doce. — Vou só ficar aqui caladinha a ouvir. Força, Jane Querida, continua.

Senti um aperto no peito, mas endireitei os ombros, determinada a continuar apesar de saber que a probabilidade de a minha mãe ficar calada e quieta — ou mesmo a ouvir — era basicamente a mesma de um cometa atingir a Terra e derreter a gordura das ancas de todos os seus habitantes. Seria agradável, mas não ia acontecer.

— Gostaria de falar dos cenários — disse eu. — Clarence? Tens alguma coisa a dizer?

— Acho que vamos ter de construir uma réplica exata do Astor Court — respondeu o Clarence.

— Eu estava com esperança de que pudéssemos filmar mesmo no St. Regis — retorqui. — Para poupar dinheiro e para lhe conferir mais autenticidade. Não podemos? De alguma forma?

— Se me permites intervir por um momento, Jane Querida — disse a minha mãe —, acho que devemos construir o cenário. Dá-nos mais controlo sobre os ângulos da câmara e sobre a iluminação.

Claro que ela tinha razão, e subitamente os acenos de cabeça sensatos manifestaram-se por toda a sala. Nunca ninguém discordava da minha mãe.

A seguir falou a figurinista.

— Eu estava a pensar que a rapariguinha devia vestir sempre branco quando está com o amigo imaginário no St. Regis.

O branco capturaria perfeitamente a ideia da inocência da infância, pensei.

— Sim, parece-me bem — respondi. — E é mais ou menos o que a rapariguinha da vida real usava.

A Vivienne voltou a interromper.

— Janey, tens de te lembrar que isto não é um filme biográfico. Acho que seria melhor um guarda-roupa variado, que daria cor e textura ao ecrã. Na verdade, tenho a certeza disso. Confia em mim. Não tem nada a ver com egos. Só estou a dizer a verdade.

E é então que me apercebo do óbvio: claro que a minha mãe e eu temos duas perspetivas completamente opostas da produção do filme. Além disso, a minha mãe estava determinada a exercer a sua influência sobre o que devia ser o *meu* projeto. Ora, que choque.

— Tenho uma pergunta — disse o Karl Friedkin.

Virei-me para ele, aliviada.

— Sim?

— Então quem é que vai fazer o papel do homem a fingir? — perguntou o Friedkin.

— Bem, ele não é propriamente um homem a fingir — respondi. — É mais um homem imaginário.

Seguiu-se um momento de silêncio. *Excelente*, pensei, tentando encontrar uma forma de voltar atrás no raciocínio, sem sucesso. O silêncio prolongou-se. Um silêncio muito desconfortável. Comecei a corar. Agora estavam provavelmente a pensar que eu era louca. Que maravilha: o fim perfeito para um dia perfeitamente odioso.

A minha mãe levantou-se, com um sorriso contrito, e dirigiu-se para a porta.

A diretora de *casting* disse:

— Falei do papel à agente do Ryan Gosling, e ela mostrou-se muito recetiva. Claro que há muitas outras escolhas excelentes: o Matt Damon, o Russell Crowe, o Hugh Jackman e o Grant. Até o Patrick Dempsey.

A minha mãe virou-se para trás quando estava à porta, sabendo que estavam todos de olhos postos nela. Olhando diretamente para mim, disse:

— Juguem o jogo das celebridades de Hollywood o quanto quiserem, meninos, mas cheira-me que o ator principal perfeito está mesmo debaixo dos vossos narizes.

Toda a gente pareceu confusa. Exceto eu.

Acabara de almoçar com o Hugh, que a Vivienne já tinha escolhido para o *Graças a Deus*, e o sobrenome dele não era «Jackman» nem «Grant».

Capítulo 21

Há vários anos, quando ele e Jane queriam escapar ao mundo opressor de Park Avenue, apanhavam o autocarro para o outro lado da cidade e iam para o Upper West Side. Que maravilhoso mundo alternativo e eclético era nesses tempos, antes dos filhos da geração *baby boom* com os seus carrinhos de bebé da *Maclaren*. De olhos arregalados, Michael e Jane tinham explorado lojas de roupa em segunda mão e restaurantes da África Ocidental, *bodegas* espanholas e *delis* judeus, todos misturados e a coexistir em harmonia.

Michael não conseguia evitar pensar que o mesmo bairro tinha o carácter e o encanto de um centro comercial suburbano no centro do Ohio. A Lavandaria Goldblum tinha-se transformado numa loja Prada. A Johannsen's Hardware era uma Baby Gap. A loja que vendia Os Melhores Bagels do Mundo tinha-se transformado numa loja de sabonetes chique. Agora, enquanto Michael pensava naqueles *bagels* quentes e maravilhosos, só conseguia sentir o sabor de sabonetes.

Restava apenas um sítio maravilhoso dos velhos tempos de Jane e Michael: o Olympia, na esquina entre a Broadway e a rua 77. Era gerido pela terceira geração de uma família grega que ainda conseguia servir ovos

oleosíssimos, bacon gordíssimo e um café tão forte que era preciso lavar os dentes imediatamente depois de o beber. Michael achava que era possivelmente a melhor comida em toda a cidade de Nova Iorque, muito melhor do que a do Daniel ou do Per Se.

Valia a pena ir lá só para ver o letreiro na janela: «Sim! Sim! Sim! Panquecas 24 horas por dia!»

Desde que Michael regressara a Nova Iorque, o Olympia tornara-se o seu ritual das manhãs de sábado. Naquele dia estava lá com Owen Pulaski, para retribuir o convite para a festa onde conhecera Claire de Lune. Tinha passado uma noite muito boa com ela — a falar de Jane, aparentemente.

— Então, o que é que aconteceu, Mike? — perguntou Owen enquanto se dirigiam para uma cabina no lado do restaurante que ficava voltado para a Broadway. — Vi que deixaste a bela Claire falar contigo até se cansar. Depois, *puf*, desapareceram no meio da noite. — Sorriu e deu um pequeno soco no braço de Michael.

— Conversámos — respondeu Michael. — Só isso. Simplesmente falámos até por volta das 4. Ela é fantástica. Só tem 22 anos, mas tem uma sensatez muito superior à que seria de esperar para a idade.

— Conversaram, foi? — Owen lançou um olhar conhecedor a Michael. — Aposto que sim. Aposto que passaram a noite toda acordados, a falar sobre sapatos. Ou talvez tenha sido sobre os Yankees, não? Não sobre os Jints. Seu malandro.

Owen debruçou-se por cima da mesa e exibiu o seu sorriso irresistível, provavelmente o mesmo que tinha desde muito jovem.

— Diz-me a verdade, Mike. Nunca estive com uma mulher que não visse como objeto sexual. E olha que já fui casado, amigo. Durante dois anos! O que devia contar como primeiro e segundo casamento.

— A sério? — perguntou Michael, espantado. — Vês todas as mulheres como objetos sexuais? A sério?

O sorriso de Owen regressou, e o brilho voltou ao seu olhar.

— Não me julgues, Michael. Não me julgues.

— Não, não te estou a julgar, Owen. É só que... Não sei... As mulheres são muito mais do que isso. Sim, claro que há o lado físico, mas também há a ligação que se estabelece entre duas pessoas. Acho que o amor pode ser maravilhoso.

— Ah, tu *achas* — disse Owen, agarrando-se àquela palavra. — Mas não *sabes*, não é? Portanto, isso é um pouco de treta? Ao menos *um pouco*? — Uniu os dedos, lançando a Michael o seu sorriso demoníaco. O brilho no olhar, a covinha no rosto. Michael quase se sentiu seduzido.

Owen riu-se.

— É fantástico, não é? O olhar! A minha arma secreta. Anos de prática, amigo. Anos de prática.

Michael voltou a sua atenção para as palavras cruzadas enquanto esperavam, e Owen pegou na secção desportiva do jornal, rindo-se ocasionalmente e murmurando qualquer coisa sobre as equipas, os atletas e os cavalos que o tinham desiludido.

— Diz-me uma palavra com oito letras que signifique «sentir amor profundo» — disse Michael alguns minutos mais tarde.

Owen nem ergueu o olhar.

— Excitado.

— E ainda nos espantamos por estares solteiro? — disse Patty, curvilínea, muito bonita, de longo cabelo loiro, que frequentemente atendia Michael e Owen no Olympia e por quem ele era louco.

Owen riu-se, nada chateado.

— O que é que há de bom hoje, querida? Além de ti?

Patty arqueou uma sobrancelha e pegou no bloco de notas.

Michael disse:

— O que te leva a pensar que ele é solteiro?

— Escolhe os ovos Benedict — respondeu ela a Owen. — Em pão holandês autêntico. — Virando-se para Michael, disse: — Tem aquele olhar.

— Que olhar? — perguntou Michael. Era o tipo de coisa que adorava, informações sobre o coração da Humanidade.

— Aquele olhar de solteiro — disse ela, pondo a caneta atrás de uma orelha perfeita em forma de concha. Olhou Owen de cima a baixo, como se ele não estivesse consciente. — Com um ar esfomeado.

Owen lançou-lhe o seu olhar assanhado.

— Tenho fome de ti.

Patty revirou os olhos, e eles fizeram os pedidos. Ela assentiu e afastou-se, loira e graciosa, enquanto Owen observava todos os seus movimentos.

— A Patty é um amor. Mãe solteira, tem uma menina de 4 anos — disse Michael assim que ela se afastou.

Owen sorriu.

— Só tem uma filha? Sempre quis encontrar uma mãe solteira com pelo menos três ou quatro filhos. — Piscou o olho a Michael. — Estou a brincar, *podjo*. Não me julgues, Michael. Eu gosto da Patty. É bem capaz de ser a mulher ideal.

Subitamente, Michael arrependeu-se de ter levado Owen, com o seu sorriso e o seu brilho no olhar, ao Olympia.

— Não a magoes — disse Michael. Não era bem um aviso sério, mas quase.

— Não me julgues, Mikey — retorquiu Owen.

Capítulo 22

Observei-me ao espelho da casa de banho, sentindo-me como um soldado pronto para ir para a guerra. A pressão era alta, mas dessa vez fora eu a causadora. Tinha menos de 45 minutos para fazer uma mudança de visual completa e precisava de tudo: cabelo, roupa, maquilhagem, acessórios. Se houvesse um comprimido que fizesse uma pessoa perder cinco quilos em 45 minutos, mesmo que roubasse anos de vida, eu teria tomado dois.

Ia encontrar-me com o Hugh no Metropolitan Museum e precisava de estar no meu melhor, o que, no meu caso, significava estar... bem, apresentável. Ia haver uma retrospectiva de moda em homenagem à Jacqueline Kennedy. Eu estaria de braço dado com o Hugh, o que significava que seria observada atentamente, até mesmo com inveja em alguns círculos.

OK, primeiro havia que criar o ambiente certo: pus o *Once Again* do John Legend no leitor de CD e liguei-o. Se aquilo não me inspirasse, estava lixada. Ah, sim! Muito melhor. Segundo, enfrentar o inimigo. Na minha casa de banho havia um armário que não continha mais nada além de maquilhagem por estrear. Ali residiam os frascos e bisnagas, loções e poções que a Vivienne me dava regularmente. Ao fim de mais de 30 anos,

ainda esperava, de alguma forma, que eu passasse de patinho feio a belo cisne. *Não vai acontecer, Viv. Nem hoje nem nunca.*

Terceiro, armar-me. Respirei fundo e abri uma embalagem de hidratante Dramatically Different da *Clinique*. Espalhei-o na minha pele em círculos no sentido dos ponteiros do relógio, conforme as instruções. Até agora não estava a ver nenhuma mudança dramática. Mas perseverei. A seguir veio uma base fina chamada Barely There, que garantia que me dava um acabamento perfeito com ar de porcelana. Hmm. Escondidas as manchas, a minha pele parecia... digamos que 20 por cento melhor. Não era bem excelente, mas já era uma melhoria, pelo menos para a minha psique.

Finalmente, fiz o possível com o rímel, o *eyeliner* e o batom *Bobbi Brown*. Seria «Bobbi Brown» homem ou mulher? Não fazia ideia.

Felizmente, e surpreendentemente, eu tinha uma boa cor de cabelo, uma espécie de loiro artificial, e, graças à insistência incansável da minha mãe, podia estar descansada com a certeza de que tinha um corte de cabelo muito bom. «Sem um bom corte, tudo o resto não vale de nada», dissera a Vivienne. Depois, como era de esperar, acrescentou: «E tu precisas de toda a ajuda que conseguires.»

Atirando a cautela às urtigas, peguei numas bolas generosas de espuma de moldar *Calvin Klein* e passei os dedos pelo cabelo. Os caracóis ganharam volume e emolduraram-me o rosto. Não sei se me ficava bem ou mal, mas dava-me um ar diferente ... e moderno... e nada como a Jane sem graça.

Subitamente, a minha mente regressou ao tempo em que eu e o Michael éramos inseparáveis.

«Pintura de guerra», dissera o Michael quando viu a Vivienne vestida a rigor para uma cerimónia de entrega dos prémios Tony. Eu ri-me, mas a Vivienne estava lindíssima, uma loira elegante com quem eu nunca poderia esperar parecer-me.

Agora, olhando para a minha imagem ao espelho, vi com surpresa que havia, de facto, ares da Vivienne no meu rosto. Tinha as mesmas maçãs do rosto (ou teria, se perdesse dez quilos). Os meus olhos eram maiores, mais redondos e azuis, mas tinha as suas pestanas longas e espessas. O meu nariz era mais pronunciado, mas era definitivamente parecido com o dela e não com o do meu pai.

Nunca tinha reparado nisso. Lembrei-me de o Michael me olhar com amor e dizer: «És linda.» E soou como se estivesse a falar a sério. Seria isto que queria dizer? Teria visto a minha mãe na minha cara? Ou talvez tivesse achado que eu era bela por mim?

Não.

Jane! Concentra-te! Atirando os ombros para trás, abri as portas do meu quarto de vestir, tentando não me sentir como se houvesse uma multidão ansiosa por me ver a ser atirada aos leões.

Oh, meu Deus, era pior do que eu pensava. Os meus olhos em pânico observaram o mar de bege, preto e castanho. Eu não tinha nada remotamente sexy ou mesmo colorido.

Espera. Espera! O que é que temos aqui?

Vasculhando no meio de alguns casacos de inverno, achei dois vestidos de cocktail *Chanel rétro*, empurrados para o fundo do armário. A Vivienne (claro) tinha-mos dado quando era adolescente. Puxei um para fora e examinei-o. Parecia saído de uma revista dos anos 50, cor de rosa vivo, com um corpete justo e uma saia rodada e sedutora que me dava pelos joelhos.

«Uma noite destas vais sentir-te aborrecida com tudo o que tens, querida, e vais querer usar um destes», dissera ela. «Ouve o que te digo.»

Tinha razão, claro que tinha. Escolhera os vestidos perfeitos. Estava a salvar-me o couro (o mesmo que não via exercício físico desde sabe-se lá quando).

Pus o vestido, adorando o tecido sedoso. E descobri que não conseguia apertar o fecho.

A sentir que tinha uma missão, despejei a gaveta da roupa interior para cima da cama. Por baixo dos sutiãs conservadores e das cuecas grandes, havia um corpete que, com um bocado de sorte, seria feito de *Kevlar* e resultaria naquela situação.

Debati-me para o enfiar.

Pus o vestido.

Continuava a não ter sorte com o fecho. Peguei num alicate de cozinha. O fecho não resistiu ao alicate, e ainda tive a vantagem de o corpete empurrar o meu peito para cima, muito para cima. Desde que não tivesse de me curvar ou de respirar fundo aquela noite, estava tudo bem.

A única coisa mais ousada do que a minha decisão de usar o vestido cor de rosa foi a minha decisão de não levar casaco. Se os meus braços eram um pouco carnudos, pois que fossem. No melhor dos mundos e sob a melhor das luzes, podia considerar-se que tinha um ar voluptuoso.

Nem sequer tive coragem de me ver ao espelho de corpo inteiro do corredor. E se parecesse uma criança gorda mascarada para o Dia das Bruxas? Bem, também já não ia a tempo de mudar de roupa.

Desci no elevador para o átrio, e a noite começou logo bem. O porteiro disse:

— Está muito bonita hoje, menina Margaux. Quer que lhe chame um táxi?

— Não, obrigada. Acho que vou a pé.

Quero ser vista, para variar.

Capítulo 23

Dirigi-me para oeste pela rua 75, depois segui em direção à Alta da cidade e, pela primeira vez na vida, senti que pertencia realmente à Quinta Avenida. Quando subi as escadas que conduziam ao Metropolitan Museum, senti-me realmente diferente. Os meus calcanhares batiam rapidamente nas escadas de pedra. Senti-me exótica, glamourosa, feminina. Não me sentia como a Jane.

Vi o Hugh ao cimo das escadas, encostado a uma coluna como se estivesse a posar para um anúncio da *Ralph Lauren*. Tinha o casaco por cima do ombro e estava ligeiramente curvado, a fingir não reparar nos muitos olhares de admiração que lhe eram dirigidos. Endireitou-se assim que me viu, e os seus olhos arregalaram-se.

— Meu Deus — disse. — O que é que fizeste à Jane?

Ri-me, feliz por ele ter reparado, e ele deu-me um beijo na cara. Depois beijou-me os lábios ao de leve. A seguir, endireitou-se e voltou a examinar-me.

— O que é que fizeste?

— Decidi que estava cansada de deixar que sejas sempre tu o mais bonito da relação — lancei, num tom sedutor, experimentando um novo

comportamento além do novo visual.

— Queres dizer «o *único* bonito» — contrapôs o Hugh, esmagando um pouco a minha felicidade. Ele riu-se, para suavizar o clima, mas não tinha conseguido resistir, não é? Não admirava que se desse tão bem com a Vivienne.

Mas pegou-me na mão e guiou-me para as portas do museu. Fazíamos um belo casal, e descobri que até me enquadrava no meio de todos os homens e mulheres bem-vestidos que estavam a desfilar para dentro da receção.

Estava feliz, estava bonita, mas uma pergunta perturbadora não parava de dar voltas na minha mente: queria eu realmente dar-me a tanto trabalho para o resto da minha vida?

Capítulo 24

Aquela Jackie Kennedy sabia mesmo escolher roupa. Cada fato era mais incrível do que o anterior. E, a cada golo do meu *Martini*, os vestidos iam parecendo mais incríveis. O *Givenchy* azul-céu. O *Cassini* dourado. O fato de dia *Chanel* bege que nunca sairia de moda. A melhor coisa que me aconteceu naquela noite — à exceção do espanto do Hugh com a minha aparência — foi ser cumprimentada por uma Anna Wintour de rosto pétreo, a editora da *Vogue*, que disse:

— Estás muito bonita, Jane. — Foi, de facto, um grande elogio.

— Dói-me muito o joelho desde que joguei ténis hoje de manhã. Vamos sentar-nos — disse finalmente o Hugh.

E assim sentámo-nos a uma pequena mesa de cocktail no Grande Salão do museu. Eu queria ficar de pé, ser vista pela primeira vez na vida, mas, pensando melhor, os meus *Jimmy Choos* precisavam de um pouco de descanso.

— Vou fumar um cigarro até alguém aparecer e me atirar água para cima — disse o Hugh.

Antes que ele tivesse tempo de o acender, ergui o olhar e vi a Felicia Weinstein, a insistente agente do Hugh, a caminhar na nossa direção. Vinha

de braço dado com o Ronnie Morgan, o gestor do Hugh com um olhar igualmente gélido. Arregalei os olhos.

— Jane, olha — disse o Hugh, cheio de surpresa e felicidade. — A Felicia e o Ronnie! Que coincidência. Ei, não se querem juntar a nós? Não te importas, pois não, querida?

Fiquei sem fala, mas o Hugh já estava a afastar-se para dar lugar ao seu grupo. Com uma profunda sensação de humilhação, percebi que o encontro tinha sido planeado.

Tinha praticamente partido um pulso a vestir o corpete para a agente e o gestor do Hugh. Não conseguia acreditar. Devia ter percebido que algo parecia suspeito: o Hugh tinha chegado a horas pela primeira vez na vida.

— O que é que eles estão a fazer aqui? — sussurrei, já a sentir uma dor aguda no estômago. Subitamente, o meu *Martini* de maçã pareceu-me de chumbo.

— A Felicia tinha dito que talvez passassem por cá — respondeu o Hugh.

Semicerrei os olhos. A Felicia era um excesso: um excesso de cabelo, de maquilhagem, de gengivas.

— O quê? — murmurei, enojada. — Ela deixou o chulo lá fora?

O Hugh lançou-me um olhar fulminante, mas não respondeu.

Quanto ao Ronnie, usava uma combinação de t-shirt e casaco à *Miami Vice*, perfeita para uma «reunião» no Chateau Marmont em Hollywood... em meados da década de 1980.

— Não estava à espera de vos encontrar aqui — disse o Ronnie enquanto me dava um beijo na cara.

— São todos amantes da moda — retorquiu a Felicia, mal se dando ao trabalho de olhar para mim.

— Eu vou buscar as bebidas — disse o Hugh alegremente, e o Leão Cobarde ergueu-se como se tivesse sido impulsionado por uma mola. — Estes *Martinis* de maçã são deliciosos.

— Não — disse o Ronnie. — Eu é que trabalho para ti. Eu vou buscar.

Mas o Hugh insistiu, afastando-se, e fiquei sentada com aqueles dois tubarões a uma mesa muito pequena.

— Estás com uma aparência tão *interessante* esta noite — disse a Felicia.

— Cor de rosa, hã?

— Isso é um elogio? — perguntei.

— Decide tu, querida.

Decidi que não era. Ela estava a dar-me arrepios, e senti-me prestes a ter uma crise de urticária.

O Ronnie riu-se desconfortavelmente e tirou o casaco, tornando-se o único homem que estava na sala em mangas de camisa.

— Jane, agora que estamos juntos, vamos conversar, sim? — disse com uma sinceridade fingida. — A Felicia e eu íamos ter uma reunião contigo esta semana, mas já que te encontrámos...

O Hugh regressou.

— *Martinis* de maçã para todos — anunciou com um sorriso radioso.

— Hugh, que coincidência tão feliz, encontrarmos-vos desta maneira — disse a Felicia.

— Pois é — acrescentou o Ronnie. Teriam ensaiado aquilo, eles os três?

— Não faz sentido pormo-nos com rodeios, Jane — continuou o Ronnie, virando-se para mim. — A Felicia e eu... e o Hugh, obviamente... bem, nós precisávamos de saber quando vais escolhê-lo oficialmente para o papel principal do *Graças a Deus*. Temos outras ofertas, mas queremos esta. Pelo menos, o Hugh quer. E sabes que mais? O Hugh merece-a. Não concordas? Deves concordar. Todos concordamos. E a Vivienne também.

Eu estava furiosa... e nervosa... e triste. Mas, acima de tudo, furiosa.

— Não me parece que este seja o momento ou o lugar adequado para discutir isso — respondi, sentindo o meu rosto transformar-se em pedra.

— Acho que é um lugar e um momento excelentes — disse o Hugh, com o olhar firme e com todos os vestígios do sorriso a desaparecerem-lhe do

rosto.

— Oh, vamos discutir o assunto, Jane. É um assunto divertido e um evento divertido — disse a Felicia.

Não era um assunto divertido, e o evento já não estava a ser divertido.

— Tu estás a planear dar-me o papel no filme, não estás, Jane? — perguntou o Hugh, com o olhar fixo no meu rosto. — Como é que podias não o fazer?

— Temos de analisar todas as nossas opções — respondi secamente. *Porque tu não eras certo para a peça e não quero que estragues o meu filme.*

Todo o meu futuro romântico estava a ir ao ar naquele momento, sob o olhar atento da Felicia e do Ronnie. Eu odiava aquilo. Subitamente, senti-me como se todas as 500 pessoas que havia na sala se tivessem calado ao mesmo tempo.

— Eu só não sei se és a pessoa certa para o papel, Hugh — retorqui finalmente num tom muito calmo. — Estou a ser honesta.

Tentei pegar-lhe na mão, mas ele afastou-se.

— Tens de mudar de ideias — disse, muito sério, com uma expressão carrancuda.

Nunca me tinha assediado, e tive vontade de lhe bater na cabeça com a minha mala *Judith Leiber*.

— Eu era certo para o palco — continuou ele. — Devia ter ganho um Tony.

Tive vontade de lhe dizer que ele era, na melhor das opções, sofrível na versão teatral. Nem sequer foi *nomeado* para um Tony. Foi a rapariguinha quem conquistou os corações do público e dos críticos. As críticas do Hugh foram, bem... foram respeitáveis. O seu melhor momento tinha sido quando estava a vestir-se para ir ter com a menina à escola. Durante cerca de cinco minutos, teve de andar sem camisa. Era a única coisa que fazia muito bem.

Subitamente, o Hugh levantou-se.

— Quero esse papel, Jane. Mereço-o. Fiz essa peça resultar. *Eu*. Agora vou-me embora. Se não sair daqui, vou acabar a pegar na merda da mesa e a atirá-la contra a parede. Estás só a fazer um joguinho estúpido! Vai à merda, e para merda com a Jacqueline Kennedy!

Subitamente, fiquei sozinha com o Ronnie e a Felicia. O que tinha acontecido àquela noite?

O Ronnie falou:

— Vou buscar outra bebida para nós.

— Não tragas para mim — disse eu. — Já me sinto a ponto de vomitar.

Um minuto mais tarde, estava a ouvir os estalidos dos meus calcanhares no chão do Grande Salão e depois nas escadas do museu.

Senti-me uma idiota estúpida e gorda, com um vestido cor de rosa demasiado jovem para mim que estava agora a ser manchado pelas minhas lágrimas e pelo rímel.

Capítulo 25

Michael estava a habituar-se ao seu estatuto de perseguidor. Talvez demasiado. *Esta é a última vez*, prometeu a si mesmo. *Esta noite acaba-se tudo*. Cerca de uma hora antes, ficara atónito ao ver Jane sair do seu apartamento, linda de morrer. Tinha-a seguido enquanto ia de casa ao Metropolitan Museum.

Reparou que o seu passo era determinado. Confiante. E aquele vestido cor de rosa... Parecia já se ter recuperado do Hugh. Portanto, talvez já estivesse bem. Talvez Michael pudesse simplesmente sentir-se feliz por ela enquanto a seguia a uma distância segura. Se Jane estava bem agora, estava na hora de ele voltar a desaparecer.

Avancemos cerca de uma hora. Ele estava a segui-la outra vez pela Quinta Avenida abaixo. Jane estava novamente a caminhar sozinha, mas agora muito mais devagar, de ombros baixos, sem ânimo. Quando virou para a Madison Avenue, parou e olhou com uma expressão vazia para as várias montras, incluindo as das tabacarias.

Por algum motivo, pareceu-lhe muito só, triste e infeliz. Era óbvio que tinha acontecido algo mau no Met. Não havia dúvida de que estava

relacionado com aquele estúpido do Hugh McGrath. Michael estava cada vez mais convencido de que ele era o culpado. Tinha-lhe feito inúmeras promessas grandiosas e previsões quando ela era pequena. Mas elas simplesmente não se tinham concretizado. Dissera--lhe, e acreditara, que apareceria alguém especial na vida dela. Era óbvio que isso não tinha acontecido. Podia ajudá-la agora? Não, achava que não. Jane já não era da sua responsabilidade. Não podia interferir.

Mas queria. Sentia pena dela. Queria abraçá-la e consolá-la, tal como fizera quando ela era pequena. Na rua 76, Jane atravessou a Madison Avenue, depois entrou pela porta lateral do Hotel Carlyle e dirigiu-se ao Bar Bemelmans.

O que devia ele fazer agora? Quais eram as suas opções? Michael esperou alguns segundos e depois decidiu segui-la lá para dentro.

Aquele vestido cor de rosa era fácil de seguir. E lá estava Jane, no bar.

Michael sentou-se no extremo oposto, entre dois tipos corpulentos com ar de quem não era dali. Tanto quanto conseguiu perceber, estavam a beber o uísque da casa com *Budweiser* e a engolir mãos-cheias de amendoins.

Jane pediu um gin tónico. Estava linda ali sentada, como uma trágica heroína russa.

Vá lá, Jane, queixo erguido! És muito melhor do que isto.

Por um instante louco, pensou em aproximar-se e falar com ela. Afinal, ela não se recordaria dele. Seria apenas um tipo qualquer. Na verdade, não sabia o que fazer. O que era muito invulgar. De facto, nunca tivera dúvidas, acerca de nada.

O que é que estava a fazer, sentado no Bemelmans com Jane Margaux? Bem, não estava propriamente com ela, mas a desejar estar.

Não fazia sentido. Era enlouquecedor, confuso, e uma ideia nada boa. Não, aquilo era uma verdadeira loucura!

— O que deseja tomar, senhor? — perguntou o empregado do bar.

— Ah... nada, desculpe. Acabo de me lembrar... combinei encontrar-me com outra pessoa. Desculpe.

O empregado encolheu os ombros, e Michael levantou-se, sentindo-se muito mal, algo que era muito invulgar em si. De cabeça baixa, encaminhou-se para a porta. Virou-se e olhou para Jane uma última vez.

Que mulher linda se tinha tornado. Tão especial como sempre.

— Adeus, Jane — disse, e depois saiu sem falar com ela. Não havia outra maneira. De facto, desejou nunca a ter voltado a ver.

Capítulo 26

O gin tónico estava gelado, borbulhante e amargo. *Tanqueray* cortado com lima. Mesmo como eu gostava. Havia lugar melhor do que o Bemelmans para me sentar a sentir uma pena vergonhosa de mim própria?

Eu era uma mulher de 32 anos que tinha tudo e nada a seu favor ao mesmo tempo. Tinha um bom emprego que, em teoria, era fascinante, mas que me consumia todo o tempo e não me dava praticamente nenhuma satisfação pessoal.

Tinha uma mãe abastada e bem-sucedida, mas ela tratava-me como uma criança imbecil e chamava a isso amor. E, pior ainda, amava-a desesperadamente mesmo assim.

Eu tinha um namorado. Sim, disso não havia dúvida. *Tinha* um namorado. Passado.

A minha mente disparou numa série de más direcções em simultâneo.

Talvez os meus objetivos fossem a demasiado longo prazo. Talvez eu devesse encontrar uma forma de ser feliz, não para a vida toda, mas por uma hora ou duas. Talvez houvesse por aí alguém que quisesse sentar-se comigo, encomendar comida japonesa e não odiar ver o filme *Você Tem*

Uma Mensagem ou *Os Condenados de Shawshank* pela quarta ou quinta vez em DVD.

Subitamente, senti uma pancadinha no ombro que quase me fez dar um salto e gritar. Com o tom suave e experiente que tenho.

Virei-me e vi dois homens a lançarem-me sorrisos imbecis. Os seus espalhafatosos casacos de xadrez pareciam deslocados no Hotel Carlyle, mas provavelmente pareciam deslocados em toda a parte. Naquele momento, eu não estava a precisar daquele tipo de atenção.

— Boa noite, minha senhora — disse o primeiro. — Eu e o meu amigo estávamos a pensar se quer companhia.

— Não, obrigada — respondi com tom firme. — Estou só a descomprimir depois de um longo dia. Estou bem assim. Obrigada.

— Parece muito sozinha — lançou o segundo. — E um pouco arrasada. Pelo menos é o que nos parece.

— A sério que estou bem, melhor que bem. Obrigada por perguntarem. — Até forcei um sorriso. — Benzinho, é como estou.

— Por favor, esta senhora precisa de mais uma bebida.

Olhei para o empregado e abanei a cabeça.

— A sério que não quero outra bebida. E não quero falar com estes tipos agora.

— É melhor os cavalheiros passarem para o outro extremo do balcão — disse o empregado, debruçando-se sobre o balcão.

Eles encolheram os ombros, mas, quando se afastavam, um deles disse:

— Este bar tem umas putas mesmo convencidas.

O empregado e eu trocámos um olhar chocado e depois rimo-nos. Era rir ou chorar. Com o meu vestido de alta-costura cor de rosa e os meus sapatos de 500 dólares, a minha maquilhagem cuidadosamente aplicada e o meu corte de cabelo chique, parecia uma prostituta? Quanto é que elas ganhariam atualmente? Ainda assim, girei sobre mim própria no banco e examinei a minha imagem ao espelho. Era basicamente uma confusão de

peçoas e também refletia os coloridos murais por cima do bar do Bemelmans.

Com um ligeiro sorriso, olhei para o meu reflexo, com a maquilhagem arruinada e o nariz vermelho. Daria uma péssima prostituta.

Foi então que reparei noutra coisa. Semicerrei os olhos, sentindo o coração a acelerar imediatamente. Era completa, total e absolutamente impossível. Por um momento, os meus olhos captaram a imagem de um homem que ia a sair do bar. Parecia estar a olhar para mim.

Claro que estava enganada. Mas teria sido capaz de jurar que era o Michael.

Tão depressa como o vi, perdi-o quando saiu porta fora.

Aquilo, sim, era uma loucura.

Dei um golo na minha bebida. Tinha as mãos a tremer quando a pousei. Aquele homem... aquilo era ridículo. O meu subconsciente tinha usado um truque de luz, uma sombra, para criar uma imagem da pessoa de quem mais sentia a falta, da pessoa que eu mais queria ver.

OK, eu estava mesmo preocupada. Estaria a perder o juízo? Estava a começar a ver coisas. Até que ponto uma pessoa tinha de estar infeliz para o seu subconsciente intervir e tentar melhorar a situação? Até que ponto estaria mal para achar que tinha visto o Michael?

O Michael, que era imaginário.

O Michael, que não existia.

Teria desejado tanto a sua presença que o fizera reaparecer por um segundo?

Acorda, Jane. Foi um truque da luz. Talvez o brilho da chama de um isqueiro.

Tirei uma nota de 20 dólares da carteira e pousei-a no balcão do bar. Depois saí e dirigi-me para casa.

Eu sabia que não tinha visto o Michael, claro que sabia, mas a pergunta muito mais importante era: porque é que não tinha conseguido esquecê-lo?

Capítulo 27

Bem, passemos a assuntos melhores e muito mais importantes. Nas manhãs de domingo, eu fazia voluntariado num abrigo para mulheres na rua 119 Leste, no Spanish Harlem. Não era nada de mais, mas era algo que eu podia fazer para ajudar um pouco e dava uma perspectiva muito importante à minha vida. Depois de seis horas no abrigo, voltava para casa a sentir-me incrivelmente abençoada. Pensava naquilo como ir à igreja, mas melhor — pelo menos mais útil.

E ali estava eu, a servir ovos mexidos e feijão, pães duros e cubos de margarina. Pratos de papel para a comida, copos de plástico para o sumo de laranja. Fazia-me bem saber que aquelas pessoas iam ter o estômago cheio naquela manhã.

— Pode dar mais ovos ao meu filho? — perguntou uma mãe com um rapaz de 5 ou 6 anos. — Pode fazer isso?

— Claro — respondi. Dei-lhe mais uma colher de ovos e um pão duro.

— Agradece à senhora, Kwame.

— Obrigado.

— Vais conseguir comer isso tudo, Kwame? — perguntei ao rapaz em tom de brincadeira.

Ele assentiu timidamente, e a mãe dele sussurrou:

— Diz a verdade. Ele come um pouco agora. — Pegou num pedaço de papel de alumínio que tinha no saco. — E guarda o resto para o jantar.

A fila continuava a avançar, as pessoas esfomeadas continuavam a chegar, e eu continuei a servir-lhes ovos.

— Obrigada, volte sempre — dizia, tentando fazer todos sentirem-se o mais bem-vindos possível.

Uma italiana idosa e de bom coração da paróquia de St. Rose estava a trabalhar comigo, a servir sumo de laranja e leite.

— Olha ali — sussurrou, apontando com o cotovelo para o meio da fila. — Ainda é uma miúda. — Vi uma mulher muito magra, que não tinha mais de 18 anos, se tanto, com um bebé vestido com um *babygro* gasto. Um rapazinho estava agarrado às pernas magras da mulher. Mas o que a distinguia realmente eram dois olhos negros e uma ligadura torcida que lhe envolvia o braço direito caído. Aquele tipo de coisas deixava-me furiosa e revolvía-me o estômago, a ideia de que alguém conseguia magoar assim alguém impunemente.

Quando chegou a vez dela, disse-lhe:

— Vá-se sentar. Eu levo a comida para si e para as crianças.

— Não, eu consigo.

— Eu sei que consegue, mas deixe-me ajudar na mesma. É o meu trabalho.

Encontrei um tabuleiro de plástico e enchi-o de ovos e pães. Peguei em dois copos e num pacote cheio de sumo de laranja. Até fui buscar três bananas à cozinha, onde as freiras guardavam a fruta fresca para ocasiões especiais ou delicadas.

— Olhe, obrigada — disse a rapariga, muito docemente, quando finalmente cheguei à mesa dela e pousei a comida. — É uma branca simpática.

Bem, pelo menos tento.

Capítulo 28

Finalmente, os últimos ovos mexidos foram colocados no prato de papel de uma mulher idosa sem dentes que usava sacos de plástico nas mãos e por cima dos sapatos.

— Sobreviver a mais um dia — repetia incessantemente. Era um pouco perturbadora, a forma como me identificava com aquele sentimento.

Pouco antes do meio-dia, saí para o ar frio da manhã de um domingo no Spanish Harlem, em Nova Iorque. Doíam-me os braços e a cabeça, mas havia algo básico e bom em alimentar pessoas com fome. Havia beleza em toda a parte, tudo parecia cheio de vida e esperança, o que, tendo em conta o fiasco da noite anterior, me pareceu um milagre.

Nos degraus da igreja estavam cinco raparigas vestidas como noivas em miniatura, crianças prontas para a primeira comunhão. Ali perto, homens de expressão séria bebiam *cervezas* e jogavam dominó em cima de caixas de madeira. Inspirei profundamente. O cheiro de churros fritos impregnava o ar, juntamente com o de milho assado e de chili.

Atravessei para Park Avenue, onde os comboios saíam do túnel subterrâneo e onde aquele bairro delapidado do Harlem acabava por se transformar na zona fina de Upper East Side. Continuei a andar, agora a

sentir-me muito bem. Já tinha praticamente esquecido a noite anterior no Met.

Quando atravessei para a rua seguinte, o meu prédio apareceu e um imbecil qualquer começou a buzinar para mim.

Virei-me e vi que o imbecil em questão era o Hugh.

Estava ali sentado, com um ar tímido e arrependido num *Mercedes* descapotável azul, com o seu rosto angelical a esboçar uma expressão racional ainda que fugaz.

Oh, como os nossos olhos são capazes de mentir ao nosso cérebro.

Capítulo 29

A única coisa mais bonita do que o carro desportivo azul-escuro era o homem que o conduzia, e ele sabia-o. O Hugh usava uns óculos italianos e um casaco de cabedal castanho-claro que tinha um aspeto tão suave que tínhamos imediatamente vontade de lhe tocar. E, para lhe dar um aspeto de «tipo comum», um boné dos New York Giants com a pala cuidadosamente dobrada dos lados.

— Vem dar uma voltinha comigo, linda. — O tom humorístico indicou-me que a frase tinha sido roubada ao Mr. Big da série *O Sexo e a Cidade*.

O Hugh e o carro eram um casal muito bonito, mas eu estava a pensar que passava bem sem os dois. Afinal de contas, não queria saber. A sério que não. Bem, quase não queria. Oh, raios, talvez quisesse um pouco.

— Combinei encontrar-me com a minha mãe para almoçar daqui a uma hora — disse eu, friamente. — Ela não anda muito bem. — As palavras saíram-me da boca sem o meu controlo, mas soaram muito bem.

— Trago-te de volta dentro de uma hora. Sabes que não me atreveria a enfurecer a Vivienne.

— Hugh, depois da noite de ontem... não posso...

— Vá lá. Anda dar uma volta. Quero falar contigo, Jane. Vim até aqui desde East Village.

— Não me parece que tenhamos muito que falar, Hugh — disse eu, com um tom de voz controlado.

— Sou um homem mudado — retorquiu o Hugh, invocando sinceridade profunda — e até te posso dizer porquê. Dá-me a oportunidade de falar.

Suspirei e mostrei-me relutante durante 30 segundos antes de desistir e entrar no carro. O Hugh acelerou alegremente por Park Avenue.

Subitamente, virou o *SL55* para a esquerda, e num instante estávamos a acelerar pela FDR Drive, que estava com pouco trânsito — mas para onde estávamos a ir?

— Tenho de te dizer o que digo sempre, Jane.

Estava capaz de jurar que lhe enfiava uma caneta no ouvido se ele dissesse «dá-me o papel».

— Tenho de te pedir desculpa — disse ele, surpreendendo-me completamente. — Sinto mesmo muito, Jane. Eu não sabia o que a Felicia e o Ronnie tinham planeado, juro por Deus. E, naquele momento, a minha maldita língua e temperamento venceram.

O meu cérebro dizia-me que não podia ser verdade, mesmo enquanto o meu coração registava o quanto ele parecia incrivelmente sincero. Estava a começar a amolecer um pouco, o que não me agradava. Tentando ser forte, não respondi, limitando-me a manter o olhar fixo no horizonte. Agora estávamos a avançar aos solavancos pela ponte de Brooklyn. Em que direção? E porquê? Do outro lado da ponte, o Hugh conduziu até um lugar que tinha uma vista linda e perfeita de Manhattan. A sério que a cidade parecia talhada numa peça perfeita de prata. Nunca ali tinha estado com o Hugh e, subitamente, perguntei-me: *Quem é que aqui esteve com ele?*

— Suponho que estamos em sintonia em relação ao papel no filme, Janey. Vi-me nesse papel. Desempenhei-o na Broadway. Faz parte de mim.

Supus que também me tivesses visto como perfeito para ele. — Lançou-me um sorriso simultaneamente lindo, contrito e convencido.

OK, como motivação, quase fazia sentido.

— Tu não me estavas a ouvir, Hugh. — Como sempre.

Ele pôs o braço por cima do meu banco e acariciou suavemente a minha nuca.

— Sabes, Jane, eu também pensei que este projeto, este pequeno filme, podia fazer de nós a equipa que sei que podemos ser. Imaginei-nos a trabalhar juntos. Seria fantástico. Juntos na vida pessoal e profissional. Sabes, eu estaria lá para ti. Podia ajudar-te, apoiar-te. Pensei muito nisto. É o meu sonho. A sério.

A voz dele era grave e sincera. Estava a agarrar-me na mão, a massajar-me suavemente os nós dos dedos. O que estava a acontecer? Eu estava a sentir-me um pouco zozza. Estava a enfraquecer, não estava?

Ele abriu o porta-luvas e meteu a mão lá dentro. Os meus olhos quase saltaram das órbitas quando ele tirou uma caixa de joias azul.

Senti um aperto no peito. Ele não podia... ele não seria capaz... Daquilo, eu não estava à espera.

Quando o Hugh abriu a caixa da Tiffany, vi que continha um bonito diamante. Não era enorme, mas também não era pequeno. Tentei não inspirar ruidosamente.

— Jane, eu sei que a nossa relação pode voltar a ser fantástica. Tenho o anel, e tu tens o filme. Vamos fazer uma troca, querida. Concordas?

O tempo parou. A Terra estremeceu sob os meus pés. Oh-meu-santo-Deus. Oh, meu Deus. Não, aquilo não tinha acabado de acontecer. Senti-me como se tivesse levado um murro com muita força no peito. Seguiu-se uma longa pausa, enquanto o meu cérebro atordoado tentava optar por uma reação: desatar imediatamente a chorar? Fúria? Humilhação patética? Aquela fora a minha primeira e única proposta de casamento, e eu não

podia imaginá-la a ser pior. Seria o Hugh louco ou seria eu muito mais patética do que pensava?

O Hugh parou de sorrir, observando o meu rosto.

Finalmente, as minhas sinapses começaram a disparar furiosamente, e debati-me para controlar a respiração.

— Lamento, Hugh — disse, contraída, com um eufemismo colossal. — Lamento tantas, tantas coisas... Lamento ter-te dado uma segunda oportunidade, ter gostado de ti. E lamento mesmo muito o que acabaste de me dizer. «Vamos fazer uma troca, querida? Concordas?» Como é que foste capaz de dizer uma coisa dessas? — O meu tom de voz subia a cada frase, e tive consciência do meu tom estridente e carregado de raiva que devia tê-lo feito pôr-se a milhas.

— Não escrevo discursos, sou ator — murmurou ele. — Está bem, se calhar não embelezei suficientemente a coisa e peço desculpa por isso. Mas estava a apostar na honestidade direta. Não é o que queres sempre?

— Embelezar suficientemente a coisa?! — cuspi. — Tu és louco? Foi mais o maior insulto da minha vida! A proposta mais odiosa e desastrosa de sempre! — O rosto do Hugh ficou gélido e inexpressivo.

— Jane, estás a fazer um juízo gravemente errado. Talvez seja melhor falares com a Vivienne.

Eu tinha pensado que não podia ficar mais atordoada, mas infelizmente não era o caso. Agora estava oficialmente mais espantada.

— Oh, Hugh — foi tudo o que consegui dizer, com o choro a subir-me à garganta. — Tira-me daqui. Leva-me para casa. Agora.

O Hugh olhou-me durante longos momentos, com a incredulidade a cobrir-lhe o belo rosto. Como se não conseguisse perceber porque é que eu estava tão transtornada. Finalmente, virou o corpo para o volante. Rodou a chave na ignição.

— Então, acho que nos vemos por aí — afirmou ele, antes de se debruçar por cima de mim, abrir a porta do meu lado e soltar o meu cinto de

segurança. Recostou-se no assento e esperou, com o desdém a emanar-lhe de todos os poros.

— O quê?!

— Sai. — O seu tom era gélido, tinha os nós dos dedos brancos da força com que apertava o volante. Quando não me mexi imediatamente, virou-se e começou a gritar. — Sai da merda do meu carro!

Com o rosto a ferver, saltei para fora do carro. Estava ele a expulsar-me? E estava a fazê-lo em Brooklyn?

Sem esperar que eu fechasse a porta, o Hugh fez marcha atrás e depois acelerou para longe, levantando gravilha, que me atingiu nas pernas.

Ele tinha feito aquilo. Tinha-me levado para o meio de Brooklyn e tinha-me posto fora do carro sem ter como regressar a casa.

Estranhamente, não derramei uma única lágrima.

Pelo menos não durante os primeiros seis segundos e meio.

Capítulo 30

Se havia coisa que tinha, era tempo. Estava um dia lindo, e Michael estava a tentar libertar-se de Jane, portanto, foi dar uma volta, talvez fosse ao cinema. À saída, encontrou Owen, que vinha a entrar, a subir as escadas do prédio... com Patty, a empregada de mesa do Olympia. *Oh, não. O que é que eu fiz? O Owen e a Patty?!*

Faziam um casal bonito, embora Michael não confiasse minimamente em Owen e gostasse mesmo muito de Patty. Não queria que fosse magoada por um sedutor assumido.

— Olá, Michael. — Patty lançou-lhe um sorriso radioso, como sempre fazia no restaurante. — Estava com esperança de te encontrar. Queria agradecer-te por lewares o Owen ao Olympia aquele manhã.

— Oh, não foi nada. São as melhores panquecas da cidade, não é? Como é que vocês estão? — Tentou lançar um olhar de aviso a Owen, como quem diz: «Se magoares esta rapariga, mato-te.» Mas Owen não o olhou nos olhos. Patty continuou a sorrir e parecia realmente feliz.

— Estou ótima, mas este aqui é um diamante em bruto. É engraçado. Um autêntico Dane Cook.

— Não sou nada — disse Owen, fingindo-se ofendido. — Como é que podes pensar uma coisa dessas? E quem é o Dane Cook?

— Vês? — perguntou Patty com um tom carinhoso. — Ele sabe que o Dane Cook é um comediante.

— Sim, o Owen é um prato — retorquiu Michael, com vontade de dizer o que pensava e avisar Patty. Owen não era deliberadamente cruel, mas Michael não imaginava que aquilo pudesse acabar bem. — OK, até mais tarde.

— Tchau! — disse Patty.

Michael suspirou e continuou a descer as escadas. Estava nervoso por Patty — e pela sua jovem filha. Owen dissera-lhe diretamente que encarara todas as mulheres até então como objetos sexuais, incluindo a mulher com quem se casou. Excelente, mesmo excelente. Bem, talvez Patty o salvasse de si próprio.

Olhou para o cimo das escadas, para eles os dois, e lá estava Owen, com o seu sorriso malandro. Excelente.

— Não me julgues, Mikey! — gritou Owen, com um sorriso. E, por Deus, fora ele quem os juntara. Que belo amigo fora para Patty.

Quando Michael saiu para a rua, não sabia o que queria fazer. Tinha decidido não voltar a aproximar-se de Jane, portanto, essa opção estava posta de parte. Era fim de semana, pelo que as ruas não estavam tão cheias de gente, o que era sempre agradável. Mas a visão de Patty a subir para casa de Owen tinha-o afetado, tinha-lhe estragado o dia antes mesmo de começar. Além disso, de um modo geral, ainda não se tinha recuperado do momento em que vira Jane.

Foi então que teve uma ideia que esperou que não tivesse sido inspirada por Owen. Talvez fosse a única forma de salvar o dia.

Ligou a Claire de Lune. Ela estava em casa naquele belo domingo e, sim, gostaria muito de voltar a vê-lo.

Capítulo 31

Devo ter encontrado um táxi em Brooklyn. Deve ter regressado pela ponte de Brooklyn. E deve ter-me deixado no meu apartamento na rua 75.

Isto deve ter acontecido, mas não me lembro de nada muito bem.

Lembro-me de ver o Hugh a arrancar; lembro-me da gravilha áspera a atingir-me nos tornozelos; lembro-me de lhe mostrar especificamente o dedo do meio. A seguir, o Martin estava a abrir a porta do meu prédio, e eu arrastava os pés na direção do elevador.

Quando abri a porta do apartamento, o telefone estava a tocar; atendi, atordoada, sem sequer pensar que podia ser o Hugh.

— Fala a Jane — atendi mecanicamente, atirando os sapatos para o chão.

— Jane Querida! — disse a voz imperiosa da minha mãe. — Onde é que estás? Disseste que vinhas almoçar! Estou a comer aquele *gravlax* delicioso do Zabar. O Karl Friedkin está aqui. E tenho fotografias da nova coleção do Valentino. E...

— Desculpa, mas não vou poder ir, mãe. Não me estou a sentir bem. — O que era um pequeno eufemismo.

— Será que o que estás a sentir... tem a ver com o Hugh McGrath? — perguntou a minha mãe em tom de brincadeira. — Traz o rapaz. Vai ser

divertido. Podemos falar do *Graças a Deus*.

Oh, mas é que aquilo não ia mesmo acontecer.

— O Hugh não está aqui, e eu não me estou a sentir bem. Falamos mais tarde, mãe.

Não quis ouvi-la a despedir-se. Decidi imediatamente que não conseguia suportar estar no meu apartamento vazio. Qualquer lugar menos aquele. Bem, qualquer lugar menos aquele ou Brooklyn. Troquei as calças arruinadas pela gravilha por umas calças de ganga e uma t-shirt do festival Music in the Park e comecei a dirigir-me para a Baixa. Não tinha nenhum destino em mente.

Ao fim de cerca de 20 minutos, comecei a dirigir-me para a zona oeste. Ali ficava a Hermès. E as Galerias Robinson. E depois a minha segunda casa de infância: a Tiffany. O letreiro da montra dizia: «Aberto aos domingos, das 11.00 às 18.00.» Coisa que eu já sabia, como é óbvio. Quantas tardes de domingo é que tinha ali passado com a Vivienne, a experimentar joias e a observar diamantes por uma lupa? Eu fora provavelmente a única criança de 7 anos que conseguia discutir com conhecimento de causa as proporções das facetas e os méritos de um corte Asscher em comparação com um brilhante.

Entrei pela porta giratória da rua 57, cronometrando a entrada como se estivesse a saltar à corda. Num instante, estava perto da entrada da Quinta Avenida e, subitamente, estava a comprar um anel de diamantes.

Capítulo 32

Sempre que eu estava na Tiffany, as memórias regressavam-me à mente. A sensação da alcatifa sob os meus pés, o brilho dos painéis de madeira, o calor das lâmpadas por baixo dos balcões de vidro. Aquele era o único lugar aonde eu e a Vivienne tínhamos ido sozinhas, sem o seu séquito, e onde éramos mesmo mãe e filha. Era ali que a minha mãe se mostrava mais como ela própria — até mesmo mais do que no teatro — e mais feliz.

Examinei o expositor como se estivesse a planear um casamento para junho, que — ups! — parece que tinha arruinado no início daquele dia. Os anéis de diamantes eram como uma constelação, todos alinhados numa ordem divina e predestinada: do anel simples com o mais pequeno diamante a elaborados cortes quadrados em tons de rosa e amarelo naturais e cortes em forma de pera em platina, cada um mais valioso do que certos carros de luxo.

— Posso mostrar-lhe uma coisa? — Uma jovem vendedora tinha aparecido do meio do nada. Correspondia à minha ideia de elegância, com um fato preto simples e um adorável colar de pérolas, tudo perfeitamente escolhido.

— Hmm-hmm — respondi.

Vi que lançou um olhar sub-reptício aos dedos nus da minha mão esquerda.

— Sabe — disse ela num tom de confidente, abrindo habilmente a caixa —, muitas mulheres estão a oferecer diamantes a si próprias, para a mão direita. — «A oferecer a si próprias.» Aquela frase dizia tudo. Soava muito melhor do que, por exemplo, «esbanjar dinheiro vergonhosamente».

Sim, eu tinha realmente visto os anúncios na *Vanity Fair* e na *Harper's Bazaar*. Todos os anéis têm um significado próprio. Um dia especial. Um sonho tornado realidade. Um segredo maravilhoso. Blá, blá, blá. Mas claramente o anúncio tinha-me influenciado, pelo menos um pouco.

— Posso ver aquele? — perguntei, apontando para um elegante anel da coleção Tiffany Celebration, com mais de uma dúzia de diamantes perfeitos numa banda de platina.

— É lindo, não é? — disse a vendedora, enquanto o pousava delicadamente num pedaço de veludo preto. Os diamantes ardiam com um fogo interior, e mesmo aos 7 anos teria percebido que os cortes eram perfeitos.

Meu Deus, aquele anel era lindo. Tão bonito que quase me fazia doer os olhos. E também me fez doer o coração.

— Experimente-o — incitou a assistente do diabo.

Enfiei-o no terceiro dedo da minha mão direita. Uau! Sentia-me como uma mulher adulta de verdade. Praticamente fez o meu pulso bater no balcão. Era verdadeiramente espantoso. Não havia dúvida de que era um anel de celebração.

— Serve-lhe na perfeição. Nem vai ser preciso ajustá-lo — disse ela com um sussurro conspirador.

Eu já tinha ido à Tiffany vezes suficientes para acreditar que o homem de fato cinzento ao meu lado, o que parecia estar também a ver anéis de diamantes, era um segurança. Teria eu um ar suspeito? Perigoso? Quem me dera.

— Qual é o preço deste? — perguntei, sentindo o meu coração a apertar-se.

Ela sussurrou:

— Treze mil. — De alguma forma conseguiu dar-lhe a entoação que sugeria que era uma autêntica pechincha.

Respondi calmamente:

— Gostava de o levar.

Como se ouvisse aquela frase de dez em dez minutos, a vendedora respondeu:

— Com certeza.

Estendi-lhe o cartão de crédito e os meus documentos de identificação. A transação processou-se muito rapidamente e, sim, isso aconteceu por um motivo.

Depois de verificar a minha carta de condução, a vendedora perguntou:

— Por acaso é parente da Vivienne Margaux?

— É minha mãe.

A vendedora disse «estou a ver» com um ar conhecedor, e ao fim de alguns minutos eu estava na Quinta Avenida, com as facetas do diamante na minha mão a refletirem perfeitamente a luz do sol.

Olhei discretamente para a mão quando comecei a dirigir-me para a Baixa. Esperei que o semáforo mudasse. Voltei a olhar para a mão.

Depois olhei para o lado esquerdo.

Lá estava.

Tão aliciante como a Tiffany.

Capítulo 33

— O St. Regis! Adoro o St. Regis — disse Claire quando ela e Michael viraram a esquina da rua 55 e o hotel apareceu. Ele tinha-a ido buscar à casa que partilhava com outra modelo, perto de Bryant Park. Depois tinham-se dirigido para norte na Quinta Avenida e depois na Sexta. Ele dissera em tom de brincadeira que podia comprar-lhe algo na Tiffany: mais uma estranha memória de Jane veio-lhe à mente.

— És rico, Michael? — perguntou Claire, a rir-se.

— Só em espírito — respondeu ele. Na verdade, bastava-lhe estalar os dedos para ter praticamente tudo o que quisesse. Literalmente. *Snap!* E aparecia-lhe dinheiro no bolso. Não sabia como aquilo acontecia, mas porquê lutar contra isso? Além do mais, Michael tinha poucas necessidades; a vida simples era a que melhor se lhe adequava.

— Podemos entrar? — perguntou Claire.

— Claro que sim. *Nós* adoramos o St. Regis!

E, subitamente, ali estava ele, mesmo à sua frente: o Astor Court. Tudo no hotel e no restaurante parecia ter mudado; no entanto, tudo parecia exatamente na mesma. Mulheres com roupa de alta-costura, pais a levarem

os filhos a almoçar, famílias inteiras a atacarem napoleões, tartes e taças de leite-creme.

— Mesa para dois? — perguntou o *maître*.

— Sim, por favor. Dois — respondeu Michael, sentindo a pulsação a ficar um pouco acelerada. Porque seria? Não era como se tivesse visto Jane ali. Nem mesmo a Jane de 8 anos.

Ele e Claire estavam sentados numa íntima mesa para quatro, e ao fim de alguns momentos alguém levou os dois assentos extra.

— Isto é fabuloso! — exclamou Claire. — Por algum motivo nunca aqui estive, nem mesmo ao fim de cinco anos em Nova Iorque.

Michael sorriu-lhe, feliz por poder dar-lhe aquele prazer. Os seus olhos examinaram todos os aspetos da sala. Quase parecia ter parado no tempo. A música que estava a tocar era «Love in Bloom», o carrinho estava carregado de sobremesas, havia travessas de porcelana cobertas de sanduíches.

Mas não havia ali nenhum amigo imaginário a comer melão nem nenhuma rapariga de 8 anos a devorar gelado de café com creme de chocolate. Era como se o palco estivesse preparado, mas nenhuma das personagens mais importantes tivesse aparecido.

Jane estava a faltar naquela cena.

O que é que ele estava a fazer? A tentar capturar novamente algumas das tardes mais felizes da sua vida. Com Claire de Lune a fazer de substituta de uma rapariguinha triste, corajosa e espantosa que guardara o seu coração quando ele o deixou para trás. Olhou para Claire.

— Parece-te bem? — perguntou.

Ela lançou-lhe um sorriso radioso.

— Claro que sim! Adoro, Michael! Qualquer rapariga adoraria. E, caso ainda não tenhas percebido, eu sou uma rapariga.

Ele engoliu em seco.

— Sim, pois, já tinha reparado.

Capítulo 34

O êxtase de gastar uma fortuna num anel que podia ser usado como holofote por uma estação espacial estava a começar a desvanecer-se, deixando-me um pouco inquieta. Como todas as substâncias que criam dependência. Agora precisava desesperadamente de relaxar, de me acalmar. E, sim, já que era o dia de mandar tudo para as urtigas, precisava de comer uma sobremesa. O St. Regis era o sítio perfeito para todas estas coisas. Eu estava a aguentar-me por um fio: o meu ex-namorado era um egocêntrico e perfeito anormal; a minha mãe estava a enlouquecer-me e fazia-o há décadas; tinha acabado de gastar uma quantidade de dinheiro incrível num anel de que não precisava. Tirando isso, estava tudo ótimo.

— Deseja ver a carta, menina? — perguntou o empregado de mesa.

Como é que ele sabe que sou uma «menina»? Denunciar-me-iam os meus olhos? Seria o meu comportamento?

Precisava de recuperar o controlo.

— Não, quero só um *ice tea* — disse, muito contida. — Obrigada.

— De nada.

E então a minha saúde mental regressou. Qual contida... Era tarde demais, eu estava a usar um anel de diamantes que tinha *comprado para*

mim própria.

— Espere! Pare. Sabe que mais? Quero um *sundae* com chocolate quente. Com gelado de café.

— É uma escolha muito melhor.

Eu estava a deliciar-me a iluminar todo o Astor Court com o meu diamante quando o empregado de mesa regressou com o *sundae*. O prato prateado era maior do que a cabeça do Hugh. Nem pensar que ia conseguir comê-lo todo e andar de cabeça erguida em público depois disso. Como é que tinha conseguido fazê-lo aos 8 anos? Talvez fosse um bocado mais rechonchuda do que me lembrava. Ou não. Melhor ainda. De certeza que nesses tempos era servido num prato muito mais pequeno. Sim. De certeza que era isso.

A primeira colherada generosa trouxe de volta tudo. Era muito proustiano, tipo *Em Busca dos Prazeres Culpados Perdidos*.

Como eu adorava aquelas tardes de domingo, ali, com o Michael, e na Tiffany, aonde quer que a Vivienne quisesse ir, desde que eu estivesse incluída.

A minha mãe e as suas amigas ficavam sentadas a coscuvilhar ou a tratar de negócios, e eu e o Michael íamos para o nosso pequeno mundo imaginário. Teria sido essa a última vez em que me sentira realmente feliz? Se tivesse sido, então eu era muito mais patética do que queria admitir.

Comi mais uma colherada, desta vez certificando-me de que o gelado era acompanhado da quantidade certa de chocolate derretido. Era exatamente daquilo que eu precisava. Daquilo e do anel gigantesco que tinha na mão direita. Agitei os dedos, deixando-o refletir a luz.

Falando em coisas patéticas, já que não parecia capaz de o evitar, tinha de admitir que ainda acreditava no amigo imaginário da minha infância. O que é que isso dizia acerca de mim?

E depois...

Pestanejei, desviei o olhar, voltei a pestanejar.

Mas que...?

Tinha reparado num casal sentado a poucas mesas de distância. Um casal muito bonito. Na verdade, eram a escolha perfeita para o jogo da Jane e do Michael.

Mas não era isso o que era tão chocante.

Pousei a minha colher, limpei lentamente a boca com um guardanapo e olhei-os fixamente.

Subitamente, fiquei com as mãos e os joelhos a tremer, bem como o lábio inferior.

O homem...? Não podia ser...

O Michael?

Voltei a pestanejar rapidamente, como um gato de desenho animado. Comecei a suar e continuei a tremer.

O «Michael» estava com uma mulher muito bonita com um cabelo escuro sedoso. Era verdadeiramente linda. Uma daquelas mulheres bonitas como modelos que pareciam delicadas aberrações. O Michael sempre me disse que só podia ser amigo imaginário de crianças. Que 8 anos era o limite. Foi por isso que me deixou no meu nono aniversário. Então tinha sido promovido, ou algo do género? Será que os adultos podiam ter amigos imaginários? Se assim fosse, onde estava o meu?

Ou talvez... talvez não fosse o Michael. Quero dizer, claro que não era o Michael, que era, afinal de contas, imaginário.

Mas tinha de ser. Aquele sorriso era inconfundível. Os olhos verdes espantosos. Estava bonito como sempre, talvez até mais ainda.

Pensei que devia estar louca.

Bem, OK, talvez optasse por essa versão. Afinal, o que é que eu podia fazer? Chamar o 112 para me salvar de mim mesma? Pensei o seguinte: se eu estivesse louca, não era responsável pelas minhas ações. Libertava-me, de certa forma.

Levantei-me da minha mesa e dirigi-me para junto deles.

Se aquele homem não fosse o Michael... bem, atirava-lhe os braços ao pescoço à mesma. Provavelmente beijava-o. Talvez até lhe pedisse para se casar comigo. No dia em que me deixou, o Michael disse que nem sequer me ia lembrar dele. Estava completamente errado em relação a isso. Lembrava-me de tudo o que lhe dizia respeito. E aquele era, sem dúvida, o Michael...

A menos que eu tivesse enlouquecido completamente.

Podia ser qualquer uma das opções.

Capítulo 35

Se eu comer este *sundae* inteiro, (a) a culpa vai ser tua e não minha, (b) não vou conseguir vestir a roupa da sessão fotográfica de amanhã de manhã, e (c) vou ser despedida.

Michael riu-se.

— Ah, o lado positivo. Voltas a estudar, licencias-te e tornas-te uma professora brilhante ainda mais cedo.

Ela comeu uma colherada de gelado, uma colherada grande, e fez uma careta com os dentes sujos, do tipo que só belas modelos e crianças pequenas conseguem fazer sem enojar as pessoas. Na verdade, talvez só as modelos consigam fazê-lo.

— É o que achas que devo fazer?

— Clar... — Subitamente, Michael estava a olhar para o outro lado da sala.

— Terra chama Michael — disse Claire. — *Ground Control to Major Tom.*

Michael ainda estava a olhar fixamente e a pensar: *Isto não pode estar a acontecer. Não pode. Não pode.*

Por um momento, Michael entrou em pânico e depois lembrou-se de que era apenas uma coincidência. Ela não podia lembrar-se dele. As crianças nunca se lembravam. Esqueciam sempre. Era o que tornava a situação suportável.

Ocupou-se com o menu, a olhar para baixo.

Depois sentiu-a a parar junto da sua mesa. Fingindo descontração, olhou para cima.

Os seus olhos azuis eram enormes, e o belo rosto, pálido.

— Michael — disse ela.

Ele não respondeu. Não conseguia juntar as palavras certas. Ou os pensamentos.

Jane voltou a falar. Não a Jane criança, mas a Jane adulta.

— Michael? És tu, não és? Oh-meu-Deus. Michael? Estás aqui.

Capítulo 36

A minha voz tinha saído trémula e rouca, e quase não me reconheci. Estava prestes a sentir-me muito, muito envergonhada.

— Tu és o Michael? — voltei a perguntar, pensando que se, por algum motivo, estivesse enganada, teria de dar meia volta e sair a correr. Ele respirou fundo e depois disse:

— Tu conheces-me? Tens a certeza? — Oh, céus, aquilo podia estar a acontecer realmente.

— Claro que te conheço. Conhecer-te-ia em qualquer lugar...

E foi então que ele disse o meu nome, assim sem mais nem menos.

— Jane? — O Astor Court é uma sala grande, mas pareceu fechar-se à minha volta. O som na sala também pareceu um bocado abafado. Tudo pareceu subitamente irreal, no mínimo. Aquilo não podia estar a acontecer, mas claramente estava.

A bela acompanhante do Michael estava a limpar a boca com um guardanapo e depois levantou-se.

— Ah, a misteriosa Jane — disse, mas com bondade. — Tenho de ir, Michael. Obrigada pelo gelado e pelos conselhos. — Lançou-me um

sorriso, e eu pestanejei, porque ela era muito mais bonita do que eu. — Fica com o meu lugar. Por favor. Jane.

O Michael levantou-se, e tive medo de que também estivesse a preparar-se para se ir embora. Dessa vez, não ia deixá-lo partir como quando tinha 9 anos. Dessa vez, ia atirá-lo ao chão, ali mesmo, no meio do Astor Court, se fosse preciso. Mesmo para o meio do tapete oriental.

Mas o Michael apontou para a cadeira vazia e disse:

— Senta-te, por favor. Jane. Jane Margaux.

Sentei-me, e depois fitámo-nos. Era como encontrar uma pessoa dos nossos sonhos, ou fantasias, ou uma personagem de um dos nossos livros preferidos. Como é que podia ser? Como é que aquilo podia ser? Não havia uma resposta lógica de que me conseguisse lembrar. Ainda bem que tinha desistido da lógica quando tinha 12 anos e percebi que nunca havia de me casar com o Simon Le Bon. O Michael ainda parecia ter entre 30 e 35 anos. Vi exatamente o mesmo padrão de sardas no seu nariz. As suas sobrancelhas, orelhas, cabelo e, finalmente, os olhos: estavam todos iguais. Aqueles belos olhos verdes, os olhos mais bondosos que já vira. Tinha olhado para aqueles olhos um milhão de vezes e estava a olhar para eles agora. Tão incrivelmente verdes.

A pergunta que se seguiu não podia ser mais honesta e era algo que eu precisava desesperadamente de saber.

— Michael, és imaginário?

Ele pareceu desconfortável.

— Suponho que depende da opinião de cada um.

— O que estás a fazer aqui? Como é que isto pode estar a acontecer?

Ele levantou as mãos.

— Honestamente, não faço ideia. Simplesmente estou em Nova Iorque... à espera... da minha próxima missão.

— Oh, então não era esta rapariga? — perguntei, inclinando a cabeça para a porta.

— Tu, mais do que ninguém, não precisas de fazer essa pergunta — disse o Michael. — Sabes o que eu faço, e não é com adultos. — Franziu as sobancelhas. — Isto não soou bem.

— E vieste parar ao Astor Court? Num domingo? E eu também vim parar aqui?

Ele encolheu os ombros, parecendo tão confuso como eu me sentia.

— Pois, parece que sim.

De certa forma, era reconfortante ver que ele parecia tão confuso como eu.

— Jane.

Não acreditava que era ele, o Michael, a dizer o meu nome.

— Como é que te lembraste de mim? Isso não devia acontecer.

— Não sei — disse, sentindo uma calma estranha apoderar-se de mim.

— Tu disseste que eu te ia esquecer, que ia acordar e não me lembrar de ti. Mas no dia a seguir acordei e percebi que tinhas ido embora de vez, e foi como se me tivesse caído um cofre em cima do peito. Não conseguia sair da cama. Chorei durante dias.

Michael olhou para mim, chocado.

— Eu simplesmente nunca me esqueci de ti. Pensei em ti todos os minutos durante 23 anos. E agora aqui estás de volta. É... inacreditável. — No mínimo.

— Sinto muito, Jane — retorquiu o Michael. — Eles... esquecem sempre. Nunca te teria causado tanta dor se tivesse conseguido evitá-lo.

Olhei para os olhos dele, com a esperança de uma criança de 8 anos.

— Bem, eu vou pensar numa forma de me compensares.

Capítulo 37

O momento do qual tomei total consciência a seguir foi quando o Michael e eu andámos pela Quinta Avenida numa tarde de sol abrasador, e era semelhante a sonhar acordada. Oh, não sei como seria, realmente. Mas foi incrível e entusiasmante e confuso e desorientado.

Quando tinha 6 ou 7 anos, vim a saber que o Michael era divertido, esperto e realmente simpático para mim. Mas agora, como mulher, uma pessoa adulta, percebi que existia nele muito mais do que isso. Por um lado, era um ouvinte formidável, o que o colocava no topo da cadeia de toda a gente com quem tinha andado.

Ele disse:

— Conta-me tudo. Conta-me tudo o que te aconteceu desde o teu nono aniversário.

Então contei, tentando fazer a minha vida soar mais interessante e entusiasmante do que foi quando a estava a viver. Descobri que gostava de fazê-lo rir-se, e ele riu-se bastante durante o nosso passeio naquela tarde. Assim que saímos para as ruas de Nova Iorque, ele ficou bastante à vontade e relaxado. Eu também. Mais ou menos. Algo assim.

Com o sentido de consciência de um adulto, percebi que o Michael amava a vida e as pessoas. Conseguia ver o lado divertido de qualquer coisa e aceitava isso, não era cruel. Conseguia rir-se de si próprio e considerava-se uma pessoa ridícula. Penso que se ria com os outros, não deles.

— Quem era ela? — perguntei em relação à morena do St. Regis.

— Não me lembro sequer de outra mulher. Ela quem? — respondeu o Michael, sorrindo. — É só uma amiga, Jane. Chama-se Claire.

— E ela é uma *amiga*?

— Não esse tipo de amiga... nem tão pouco do outro.

— E o que é essa marca vermelha no teu pescoço? Mordidela de vampiro? — perguntei. *Será que quero ouvir a resposta?*, pensei. Não que tivesse ciúmes. Do meu amigo imaginário de infância. *Deus, acho mesmo, mesmo, que pifei*. Bem, ia arriscar.

— Pratico um pouco de boxe — respondeu.

— Ah — disse, tentando compreender. — Eu cá costumo lutar com a minha mãe diariamente, por isso, é mais uma coisa que temos em comum. — Ele atirou a cabeça para trás, e eu ri-me. O prazer agudo que retirei disso foi quase doloroso.

Aquele era definitivamente o Michael, o Michael da minha infância, mas, agora que eu tinha crescido, podia apreciá-lo de outra forma. A sua inteligência, engenho, e o seu aspeto... Meu Deus! Até havia algo sexy no facto de praticar boxe, na nódoa negra que tinha no pescoço, de uma forma totalmente antiquada. O seu sorriso sempre fora contagiante, sempre me enchera de felicidade, e ainda o era e ainda enchia.

Claro que, mesmo quando o meu coração batia aceleradamente com a descoberta, deixei espaço para a possibilidade de ele desaparecer a qualquer momento, de o Michael se virar de repente e dizer: «Esquece-me, Jane. A vida é assim mesmo.»

Mas não foi o que aconteceu. Talvez não voltasse a acontecer. Podia esperar.

— Oh, olha, ali está o Met — disse o Michael. — Está aberto mais uma hora.

Tinham passado menos de 24 horas desde que passei ali uma das piores noites da minha vida? Parecia-me um ano. Mas agora estava ansiosa para voltar. Porque, com o Michael, tudo era possível.

Capítulo 38

— Aonde vamos primeiro? — perguntei quando estávamos no gigantesco átrio do Met.

— Eu gostava de te mostrar... — começou o Michael, e depois deu uma gargalhada autodepreciativa. — Quero dizer, de certeza que já o viste um milhão de vezes. Mas sempre quis vê-lo contigo. OK?

— Sim. — A verdade era que, naquele momento, ele podia ter dito «acho que vou comer comida de gato, queres?», e eu teria dito que sim. O Michael pegou-me no braço. Pareceu um gesto muito natural, mas fez-me estremecer e deixou-me zozza... no bom sentido. A não ser, claro está, que eu desmaiasse mesmo. Isso já não seria tão bom.

De braço dado, subimos a grande escadaria. Eu estava a adorar estar ali com ele, mas tinha consciência de que não importava onde estivéssemos, porque eu só podia estar a sonhar, não é?

Virámos à esquerda, passámos por uma grande porta de madeira e demos connosco numa das salas mais belas do mundo. Enormes telas dos nenúfares de Monet cobriam as paredes, rodeavam-nos, transportavam-nos para um mundo diferente.

— Porque é que as coisas belas me dão vontade de chorar? — perguntei ao Michael enquanto me encostava a ele. Era uma pergunta honesta, uma que nunca fiz ao Hugh.

— Não sei — respondeu o Michael. — Talvez a beleza, a beleza verdadeira, seja tão avassaladora que vai direita ao coração. Talvez nos faça sentir emoções que estão trancadas no nosso íntimo. — Ele pestanejou e esboçou um sorriso tímido. — Desculpa, voltei a ver a *Oprah*.

Retribuí o sorriso, deliciada com aquele homem que era realmente capaz de se rir de si próprio. Era exatamente o contrário do Hugh: não o Grant, não o Jackman, mas aquele que já não estava na minha vida.

Demos uma volta àquela sala espetacular, que nos encheu os olhos e os corações, em silêncio durante alguns momentos. Ao fim de algum tempo, ambos soubemos que estava na hora de nos irmos embora.

— Acompanho-te até casa — disse o Michael. — Importas-te?

Se me importava? Claro que não me importava.

— Não, seria ótimo — respondi. — Não fica longe daqui, é em Park Avenue. Por volta dos números 70.

— Eu sei — disse ele.

— Como é que sabes? — perguntei, surpreendida.

Ele fez uma pausa.

— Simplesmente sei, Jane. Tu sabes como eu sou. Simplesmente sei certas coisas.

À medida que a tarde se transformava em noite, o ar ficou mais frio e o céu ficou mais escuro. Caminhámos em direção a leste, em direção a Park Avenue, mas o Michael não voltou a pegar-me no braço, e comecei a ter medo do momento da despedida. Não sabia se ia suportar. Sabia que não teria escolha.

Na rua 80 passámos por um edifício elegante. Pelas portas de vidro, vimos que o átrio estava cheio de antiguidades francesas e que as paredes

estavam cobertas de folha de ouro. No meio do átrio havia um grande vaso esmaltado que continha o maior ramo de gardénias que eu já vira.

— Oh! — exclamei. — Adoro gardénias. O aroma delas. São tão bonitas.

— Vai andando — disse o Michael. — Já te apanho.

Nervosa, a rezar para ele não desaparecer, caminhei lentamente, tentando não olhar para trás. Alguns momentos mais tarde, o Michael estava novamente ao meu lado e tinha na mão uma única gardénia branca. Os bordos frágeis das pétalas estavam tingidos de um cor de rosa muito claro, e o aroma perfumava o ar à nossa volta.

— Como é que fazes isso? — perguntei.

— O quê? Ir buscar uma flor para ti?

— Não. Como é que és tão... perfeito. — Inalei o doce aroma da minha gardénia, sentindo-me subitamente à beira das lágrimas.

Sem responder, o Michael voltou a pegar-me no braço. Foi uma sensação familiar e acolhedora.

Seguimos por Park Avenue, e eu estava a tentar prolongar todos os segundos andando cada vez mais devagar. Mas não podíamos adiar o inevitável e rapidamente chegámos à frente do meu prédio.

— Boa noite, menina Margaux — disse o Martin. — Oh, e boa noite para si, senhor. — O Martin olhou para o Michael, quase como se já o tivesse visto, mas era impossível.

Eu estava morta de vontade de perguntar ao Michael, mas parecia-me uma coisa muito descarada, muito presunçosa, muito à Vivienne. A única coisa mais desconfortável do que o silêncio repentino entre nós foi o aperto de mão cortês que trocámos. Mas eu não podia deixá-lo simplesmente desvanecer-se na noite.

— Michael, tenho de te perguntar — disse. — Lamento, mas tem de ser. Vais partir outra vez?

O Michael fez uma pausa, e senti a minha cabeça a encher-se de pressão, como se as minhas orelhas fossem rebentar. Depois ele pegou-me novamente na mão e sorriu docemente.

— Até amanhã, Jane. Eu... já tenho saudades — disse.

Capítulo 39

Eu tinha uma vaga noção de que era de manhã, que estava a acordar e que algo na minha vida mudara drasticamente. Foi então que me lembrei do Michael e os meus olhos se arregalaram. *Por favor, meu Deus, não deixes que ele tenha sido apenas um sonho*, implorei silenciosamente.

Sentindo-me frágil como vidro, virei lentamente a cabeça em direção à minha mesa de cabeceira. Lá estava a gardénia branca que o Michael me dera no dia anterior.

Toquei na flor para me certificar de que era real — era —, depois sentei-me e balancei as pernas para fora da cama. Não tinha sido um sonho.

Então é isto a felicidade, pensei. A energia, o sorriso automático. Era aquilo ansiar pelo dia, acreditar que viriam coisas boas. Era uma sensação nova e diferente.

Na cozinha, servi um copo grande de sumo de laranja. O meu atendedor de chamadas estava a piscar; bebi o sumo e carreguei no botão *play* antes de ter um ataque cardíaco.

«Jane, sou eu. O que posso dizer? Sinto muito, muito mesmo. Não sei o que me deu. Sinto-me muito mal com a situação do carro em Brooklyn. Liga-me e...»

«Apagar.»

«Jane Querida, acho que foi um pouco arrogante da tua parte faltar ao almoço. Não cheguei a dar-te o teu beijo. E tu sabes que o Karl Friedkin é de importância vital para...»

«Apagar.»

«Jane Querida, estava aqui a pensar no início da quarta cena do *Graças a Deus*. Não sei que truque de Hollywood usaste para escrever este argumento...»

«Apagar.»

Não me dei ao trabalho de ouvir as outras nove mensagens. Limitei-me a carregar em «apagar». Tomei um banho, mais frio do que o habitual. O frio era revigorante, e sentia-me tão viva, com um formigueiro na pele e o sangue a correr com vigor pelo corpo. Enquanto me secava, pela primeira vez os meus olhos não evitaram o espelho de corpo inteiro. Afinal eu não tinha um aspeto assim tão mau. A minha pele estava fresca e rosada. O meu cabelo molhado era espesso e saudável. Tinha excesso de peso? Claro que não. Era voluptuosa, com as curvas de uma mulher. *É este o aspeto de uma mulher*, disse para mim mesma.

Vesti umas cuecas de seda roxo-pálido e dirigi-me para o roupeiro, já sabendo que naquele dia não ia usar nenhuma das minhas habituais saias pretas e camisas.

Vesti as minhas calças de ganga macias, confortáveis e gastas. Vesti uma blusa branca de que sempre gostei. Pus um velho cinto à *cowboy* à cintura.

Agora estava despreocupada e feliz, confortável na minha pele, talvez pela primeira vez desde os meus 8 anos.

Pouco antes de sair do apartamento, aproximei a gardénia do rosto e inalei.

Depois pus o meu novo anel de diamantes e fui para o escritório.

Capítulo 40

— Aqui estão as tuas mensagens. Aqui está o teu café. E este barulho de martelo pneumático é o som dos saltos dos sapatos da tua mãe a avançar pelo corredor.

A minha secretária, MaryLouise, entregou-me uma caneca com um logótipo do filme *History Boys*. Eu tinha adorado a peça e o filme, portanto, havia esperança para o *Graças a Deus*, não é?

— Mmm. Obrigada. Está delicioso — disse eu, dando um grande golo no café.

— Ainda bem. Acho que, quando me despedirem aqui, posso ir trabalhar para o Starbucks.

— Talvez sejamos duas — murmurei. — Vivam as empregadas de café.

Comecei a examinar a pilha de mensagens. Como seria de esperar, a grande maioria era do Hugh, da sua horrível agente e do seu gestor desprezível. Os três tinham conseguido gerar 11 chamadas distintas. *Quero que se vão todos lixar*.

— Não me dei ao trabalho de te passar as mensagens da... — A porta abriu-se a meio da frase da MaryLouise. A Vivienne estava ali parada, completamente enfurecida. — ... tua mãe. E aqui está ela.

A Vivienne estava parada com as mãos nas ancas elegantes. Precisei de todo o meu autocontrole para não dizer: «Está pronta para o seu grande plano, menina Desmond?»

Primeiro, ela deu-me o meu beijo de bom-dia.

Depois começou.

— É quase meio-dia, Jane. Onde raio estavas? E, pelo amor de Deus, o que é que tens vestido? Vais a um *rodeo*?

Continuei a examinar as mensagens. Não havia nenhuma do Michael.

— Fiz-te uma pergunta — disse a Vivienne em voz alta, inclinando-se sobre a minha secretária, para se impor melhor. — E fi-lo com um tom muito educado, devo acrescentar.

— Tens mais adoçante? — perguntei à MaryLouise.

Ela assentiu e abriu uma gaveta da secretária.

A minha mãe pareceu ficar sem fala por um momento, mas claro que era bom demais para durar. Ganhou fôlego enquanto eu misturava o adoçante ao café.

— Bem, estou morta por saber onde estiveste ontem, sobretudo à noite — disse ela com um tom firme. — Liguei-te tantas vezes que acho que estraguei o botão de remarcar. És incapaz de fazer a cortesia de retribuir um telefonema da tua mãe? O teu atendedor está avariado? Ou isto é uma espécie de rebelião adolescente, atrasada 20 anos?

Ao ver que eu continuava em silêncio, a Vivienne mudou de abordagem.

— Soube o que aconteceu com o pobre Hugh, a Felicia e o Ronnie — disse, como quem diz «ligaram de Hiroshima a dizer que largaste lá uma bomba». — Não sei que raio se passa contigo. Tens ideia do quanto estão zangados? E com toda a razão. Porque és teimosa e porque estás errada. Conheço o mundo do espetáculo como nunca o conhecerás, e o Hugh McGrath é perfeito para aquele papel no cinema. Sem o Hugh, não há filme.

— Obrigada, mãe — retorqui, mas ela não percebeu a ironia. Dei mais um golo no café e deitei as mensagens telefónicas para o lixo como se fossem *confetti*.

— É uma sorte eu estar cá para controlar os estragos — continuou a minha mãe. — Vamos ter de ir almoçar com o Hugh e a equipa dele. Liga para o Gotham Bar and Grill. Vamos encontrar-nos lá com eles à 1.00. Isto se te deixarem entrar vestida de *cowgirl*.

Bebi o resto do café.

— Já terminaste, mãe?

Os olhos dela brilhavam de fúria.

— Antes de mais, eu sou uma mulher adulta. Estive fora ontem. Com um amigo. Onde estávamos, não te diz respeito.

»Não, o meu atendedor de chamadas não está avariado. Mas eu estava ocupada. Isto não é rebelião adolescente, uma vez que, como já referi, sou uma mulher adulta. Isto sou eu a agir como uma mulher adulta. E sugiro que te juntes a mim.

»Em relação ao Hugh, não o Grant, não o Jackman, e ao papel no filme: essa discussão está terminada. Não vamos voltar a falar disso. O *Graças a Deus* é meu. Eu consegui o financiamento. Eu consegui o apoio do estúdio. E quero alguém melhor do que o Hugh McGrath. Ouviste, mãe? Não quero voltar a ter esta discussão.

»Portanto, lamento, mas o almoço com o Hugh e a sua corte está cancelado. Não vou responder à tua crítica da minha roupa porque eu decido o que vou usar, e não estou realmente interessada em opiniões alheias. — Exceto a do Michael. — E sabes uma coisa, mãe? Acho que estou ótima.

A Vivienne olhou-me, boquiaberta, como se me tivessem nascido antenas. Engasgou-se e gaguejou durante alguns segundos, depois deu meia-volta e afastou-se intempestivamente, batendo com a minha porta e depois com a do seu escritório ao fundo do corredor.

— É tudo? — perguntou a MaryLouise.

— Acho que sim.

Capítulo 41

O que se passava com ele? Mais importante ainda, o que se passava entre ele e Jane?

Não fazia ideia.

Michael entrou no duche e ligou a água quente. Naquele dia ia ver Jane. Sentia-se nervoso, animado, feliz e cheio de medo, tudo ao mesmo tempo. Era o máximo de emoções que já tivera, e sentia-se doente. Ficou no duche durante muito tempo e depois embrulhou-se numa toalha, limpou o vapor do espelho por cima do lavatório e começou a fazer a barba.

Sentindo-se como se não reconhecesse o rosto no espelho, aplicou o creme de barbear e começou a desenhar linhas com uma daquelas giletes supereficientes de cinco lâminas.

E foi então que aconteceu.

Algo que nunca lhe acontecera antes. O impensável.

Tinha-se cortado a fazer a barba.

Pela primeira vez.

Um ponto vermelho inchado perto do queixo, que depois se misturou com o creme de barbear, para formar uma mancha cor de rosa.

Observou o fenómeno, como se estivesse a assistir a um milagre, como água a jorrar subitamente de uma rocha, ou a multiplicação do pão e do peixe. Acabou de fazer a barba, lavou o rosto e colou um pedaço de papel higiénico na ferida.

Incrível. Um penso de papel higiénico! Outra novidade.

Vestiu rapidamente a primeira roupa limpa que viu e saiu para o corredor. Trancou a porta atrás de si, mesmo a tempo de ver Patty, do Olympia, a sair sorrateiramente do apartamento de Owen.

— Olá, Michael — cumprimentou ela, corando de uma forma bela e antiquada. — Cortaste-te a fazer a barba, foi?

— Olá, Patty. Sim, cortei-me. Não é fantástico?

— Ah, sim, suponho que sim. Bem, tenho de ir. A minha mãe está em casa com a Holly. A minha menina. Tenho de a levar para a escola. Depois tenho de ir para a loja de panquecas trabalhar.

— Tem cuidado — disse Michael. Teve vontade de apontar para o apartamento de Owen e dizer «tem cuidado ali», mas não o fez.

Patty sorriu.

— *Balada de Hill Street*. Adorava essa série. Era o que o sargento dizia sempre, não era? Até logo, Michael.

Ele seguiu Patty pelas escadas abaixo, mas, quando chegou à rua, ela já tinha desaparecido. Esperou que ela ficasse bem. Sentia-se um pouco responsável, por algum motivo. Talvez não devesse.

Finalmente, começou a concentrar-se no seu próprio dia.

Não fazia ideia de para onde estava a ir naquela manhã, mas sabia que tinha algo que ver com Jane.

— Cortei-me a fazer a barba! — maravilhou-se em voz alta, e recebeu olhares dos estranhos que passavam por ele. — Suponho que só faz sentido para quem lá estava.

Capítulo 42

Normalmente (se é que se podia dizer tal coisa), tomava café e comia bolos com os «amigos» durante a manhã. Mas naquele dia precisava de ver Jane outra vez, de falar com ela. Pelo menos mais uma vez. Assim, fez uma longa caminhada e aventurou-se no edifício onde ela trabalhava, o que, a princípio, lhe parecera boa ideia, mas agora estava a começar a parecer-lhe um grande erro, um de muitos. O que estava a fazer ali? O que esperava conseguir?

— Olá — disse a rececionista da ViMar Produções, sobressaltando-o a meio da sua escapadela. — Deve ser ator, certo? Quer deixar o seu CV?

Michael disse que não com a cabeça.

— Porque é que pergunta?

— Ora, já se viu ao espelho?

Ele estava a tentar decidir o que responder quando uma imagem assustadora do passado saiu das grandes portas vermelhas basculantes atrás da rececionista. Era Vivienne, e, por Deus, a mulher era um excelente exemplo da bela arte da cirurgia plástica. Quantas dezenas de milhares de dólares tinham sido gastos a puxar aquela pele para lhe dar uma tal

suavidade elástica? Aquilo é que era um milagre: não tinha envelhecido um dia.

Tinha um brilho de cirurgia plástica na testa; as maçãs do rosto estavam um pouco salientes demais. Mas estava bem. Um pouco mais frágil, mas ainda bastante atraente. E enérgica, claro.

Vivienne concentrou-se nele. Michael sabia que, embora ele a tivesse visto mil vezes, ela estava a vê-lo pela primeira vez.

— Ora viva — disse Vivienne, carregando no charme. — Sou a Vivienne Margaux. Conheço todos os atores de Nova Iorque. Porque é que não o conheço a si? Não me diga que não fala inglês.

— Está bem. Então, não lhe digo — respondeu Michael com um sorriso afável.

— E também tem um sorriso espetacular — disse Vivienne, estendendo-lhe a mão. Michael pegou nela. Era macia e suave. Deus do céu, ela até tinha feito cirurgia plástica às mãos.

— Não sei porque é que os nossos caminhos não se cruzaram antes. Mas é um prazer conhecê-lo. Quem veio ver? — perguntou, e o sorriso nunca lhe abandonou os lábios, com a cabeça inclinada para um dos lados com um ar tímido e colegial.

— Uma amiga minha trabalha aqui — respondeu Michael.

— Oh. A sério? Quem é a sua amiga? Se não estiver a ser intrometida.

— Vim ver a Jane — respondeu Michael.

O sorriso desapareceu.

— Ah, sim — disse ela. E, nesse preciso momento, com um perfeito sentido de oportunidade, Jane entrou na receção.

Ficou paralisada por um segundo, surpreendida por ver Michael no escritório. Depois, um sorriso adorável e lento surgiu-lhe no rosto; Michael não conseguia desviar o olhar dela. Caminhou na direção dele e soltou-lhe delicadamente o pedaço de papel do queixo — como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Ele sente dor — foi tudo o que disse.

— Sente. E sangra.

Vivienne falou:

— Acabo de conhecer o teu amigo, Jane Querida.

— Ainda bem — retorquiu Jane.

— Como é que ele se chama? Recusa-se a dizer-me.

— Michael — respondeu o próprio.

— Michael quê? — perguntou Vivienne.

— Só Michael — disse Jane, carregando no botão para chamar o elevador.

— Ah, como o Sting ou a Madonna.

— Isso mesmo — disse Jane, muito serena. Michael percebeu que Vivienne estava ansiosa por ter mais informações, mas, se Jane não queria fazer-lhe a vontade, ele também não ia fazê-lo.

— Estás pronta para almoçar? — perguntou Michael a Jane.

— Estou morta de fome.

— Jane, acabaste de chegar — disse Vivienne. — Temos reuniões e telefonemas... E esta situação do Hugh não está resolvida.

— OK, adeus — disse Jane docemente, como se não tivesse ouvido.

As portas do elevador deslizaram, e ela e Michael entraram.

Quando as portas se fecharam, Michael disse:

— Quase não conseguimos sair de lá vivos, Bonnie.

— Quase, Clyde. Mas saímos. Não olhes para trás. Ela vai transformar-nos em pilares de pó de arroz.

— Vou tentar — disse Michael.

Capítulo 43

Se eu pudesse escolher uma experiência da minha vida e fazê-la durar para sempre, escolheria o momento em que vi o Michael à minha espera na recepção do escritório da minha mãe.

Não a de o ver no St. Regis pela primeira vez.

Não a de andar na Quinta Avenida com ele.

Não. Seria o momento no escritório. Porque significava que ele era real. E tornava tudo o resto mais real. O dia anterior no St. Regis. A nossa ida ao museu. A gardénia que ele me deu. Tudo aquilo tinha acontecido realmente. O que provavelmente significava que existia um Pai Natal, um Coelho da Páscoa, um George Clooney.

— Vamos para longe daqui — pedi ao Michael.

— OK. Aonde queres ir?

— Paris. Mas tenho de chegar a tempo da reunião das 2.00.

— Então Paris é capaz de não dar. Vamos apanhar um táxi e ver aonde ele nos leva.

Michael estalou os dedos... e um táxi parou. Interessante.

— O que foi isso? — perguntei, de olhos arregalados.

— Sinceramente, Jane, não sei. Sempre fui capaz de o fazer.

Dez minutos mais tarde, estávamos a passear por West Village. Primeiro parámos num dos nossos velhos lugares preferidos, Li-Lac Chocolates, na sua nova loja na Oitava Avenida. Eu estava tão feliz por ele ainda lá estar. Comprámos trufas de chocolate. O Michael disse que era «para depois do almoço». Eu disse-lhe que ele já não me podia dar ordens e comi uma antes mesmo de sairmos da loja. Ele fez o mesmo.

— Imitador — lancei.

— A forma mais sincera de lisonja.

Caminhámos em direção a Hudson Street e entrámos numa loja que só vendia surpreendentes peças antigas de ferro fundido, como do tipo em que se põe uma moeda na boca de um cão, depois se carrega num botão, e a língua do cão atira a moeda para a mão de um malabarista.

— Credo — disse Michael. — Isto custa 995 dólares.

— O dinheiro não é problema — disse eu generosamente. — Quere-lo?

— Não sejas exibicionista, menina rica — retorquiu ele. Mas pareceu satisfeito. Depois, ali mesmo no meio da loja, puxou-me para os seus braços e apertou-me, sem falar. Naquele instante, eu soube exatamente o que queria da vida: aquilo. Aquele sentimento, aquela felicidade, aquele abraço.

Almoçámos num restaurante francês delicioso que se chamava, simplesmente, Restaurante Francês. Ali sentados, a comer frango e *pommes frites*, a beber vinho, conversámos, fácil e livremente, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Nós. Ali juntos, como marido e mulher. Ou mulher e o que quer que o Michael fosse. Um anjo?

Tínhamos vidas inteiras para contar. Falei ao Michael dos quatro anos que passei em Dartmouth, onde eu era a única pessoa em toda a escola que se recusava a esquiar. Ele riu-se quando confessei que, na semana em que acabei o curso, entrei para uma seita. Os Weight Watchers.

O Michael disse:

— Tu não precisas dos Weight Watchers, Jane. Estás ótima. Sempre estiveste ótima. Não sabes isso?

— Honestamente, não — respondi. — Nunca o soube.

Na verdade, não contei tudo ao Michael. Embora lhe tenha contado as melhores histórias sobre como era trabalhar para a Vivienne, não mencionei o sucesso da peça *Graças a Deus*. Nem que íamos começar a fazer um filme sobre uma menina e o seu amigo imaginário. Que, por acaso, era baseada no Michael e em mim.

Quando finalmente consegui que o Michael se abrisse e falasse sobre si mesmo, ele foi encantadoramente modesto, mas também muito discreto. Falou-me apenas um pouco de alguns de seus trabalhos preferidos ao longo dos anos. Rapazes gémeos na Carolina do Norte; a filha de uma senadora do Oregon; algumas histórias terríveis sobre uma menina atriz de Los Angeles, alguém de quem eu já tinha ouvido falar.

— Tenho muitas perguntas sobre essa história de seres «amigo» — disse-lhe.

— Infelizmente, não tenho muitas respostas. Quem me dera ter, Jane. Não fazes ideia.

Não foi uma resposta satisfatória, mas era provavelmente a única que eu ia obter. Portanto, perguntei ao Michael algo ainda mais pessoal que estava morta por saber.

— Já te envolverste com alguém? Romanticamente?

Ele agitou-se na cadeira e encolheu os ombros.

— Conheço pessoas — disse, sem responder à minha pergunta. — Eu gosto de pessoas, Jane. De todos os tipos de pessoas.

— E aposto que elas gostam de ti.

O Michael não pareceu desconfortável. Pareceu... bem... reservado. E misterioso, claro.

— Vamos fazer alguma coisa — disse ele, pegando-me na mão. — Não importa o quê. — Estalou os dedos para chamar um táxi.

Capítulo 44

Não importa o que fizemos naquele dia. Podíamos ter andado a cavar valas, e teria sido emocionante.

Mas fizemos algo muito melhor do que cavar valas: andámos de patins em linha nas colinas do norte de Central Park, onde o asfalto era liso e o movimento, escasso. Voámos como anjos no cimento, mal conseguindo evitar as pessoas que corriam, os ciclistas, as pessoas que passeavam os animais e os respetivos cães barulhentos. E, durante todo esse tempo, eu deliciava-me com a companhia dele e pensava: *O que está a acontecer? De certeza que isto nunca aconteceu com outra pessoa. Tem de haver alguma explicação lógica.* Mas podia ter de aceitar que não havia.

Não andava de patins em linha desde os meus 10 anos. Lembrei-me de que a minha mãe me costumava chamar desastrada, uma pessoa sem graça natural. Não parecia ter melhorado muito com a idade. Na rua 96, eu estava praticamente a tocar no chão enquanto tentava chegar ao cimo de uma das colinas mais íngremes do parque. Doíam-me as pernas e as coxas. E, de repente, estávamos no cimo da colina, a descer rapidamente, completamente sem controlo.

— Michael! — gritei. Ele agarrou-me na mão.

— Confia em mim — gritou ele em resposta.

Foi o que fiz. E, surpreendentemente, não caí, não me magoei. O Michael estava outra vez a tomar conta de mim, como sempre.

Sãos e salvos no fundo da colina, deixámo-nos cair na relva densa, ofegantes, a poucos metros de distância de uma mulher idosa numa cadeira de rodas. Estava acompanhada de uma enfermeira de bata branca engomada.

— Pensei que tinhas uma reunião às 2.00 — disse subitamente o Michael, olhando para o relógio.

— E tinha. Faltei. — Senti uma estranha ausência de preocupação. Foi interessante.

A idosa estava a observar-nos, agora a sorrir. A acompanhante envolveu-a num xaile e começou a empurrar a cadeira de rodas para longe.

A mulher virou-se e gritou:

— Boa sorte para vocês. Fazem um lindo par.

Eu concordava. Olhei para o Michael, mas o rosto dele não revelava nada.

— Somos um par? — perguntei ao Michael, sustendo a respiração à espera da resposta.

Ele riu-se levemente.

— Um par de doidos, talvez — disse. Não era o que eu queria ouvir, mas não insisti.

Para o jantar, comemos cachorros-quentes no parque, picantes e encharcados em mostarda e molho. Caminhámos e conversámos, até acabarmos por regressar ao meu prédio.

— Bem, cá estamos nós — disse eu, em tom de piada.

Ficámos parados à entrada do meu prédio, e o Martin, o porteiro, afastou-se discretamente. Sim, gostava de pedir ao Michael que fosse ao meu apartamento. Claro que gostava. E o Martin aprovaria.

Mas, quando as palavras fatídicas estavam prestes a sair-me da boca, o Michael inclinou-se para mim. *Sim*, pensei. *Oh, sim, por favor*. O rosto dele estava a poucos centímetros do meu, e fiquei sem fôlego. Nunca o tinha visto tão perto, a sua pele suave, os seus olhos verdes.

Então, ele afastou-se subitamente, quase como se estivesse com medo de alguma coisa.

— Boa noite, Jane — disse ele. — Foi um dia perfeito, mas acho que é melhor eu ir andando.

Ele virou costas, afastou-se rapidamente e não olhou para trás.

— Já sinto a tua falta — sussurrei.

Para ninguém.

Capítulo 45

«Boa noite, Jane... Acho que é melhor eu ir andando.» Como foi capaz de dizer aquilo? Como é que eu podia ter outra coisa que não uma noite louca e insone depois de um dia inteiro a perder-me nos olhos do Michael? Eu não queria certamente ficar sozinha no meu apartamento, mas ali estava eu.

Fui à sala e olhei para a cidade enquanto mastigava duas *Oreos*. OK, quatro *Oreos*. O meu andar era suficientemente alto para me permitir ver por cima dos prédios próximos, e tinha uma excelente vista para o Central Park. Nova Iorque sempre foi o sítio certo para mim, mas aquela noite parecia ainda mais, talvez porque o Michael estava algures lá fora. O que era ele, então? Um amigo imaginário? Um anjo? Uma alucinação? Nenhuma destas opções fazia sentido para mim. Mas não tinha outras respostas.

Então o telefone tocou. Eu não queria mesmo ouvir a minha mãe ou o Hugh todos chateados. Deixei a máquina atender.

Primeiro ouvi a minha voz a dizer para deixarem mensagem. Depois ouvi a voz da minha amiga Colleen, a que se ia casar. Tínhamos estado juntas no Clube do Livro, no Clube do Cinema, no Clube dos Concertos de

Rock, no Clube dos Animais de Estimação Viajantes. Provavelmente já não teríamos muito em comum.

Oh, Janey, é a Colleen. Quem me dera que estivesses em casa. Ainda não conversámos desde que te falei do Ben.

Corri para o telefone e atendi.

— Colleen! Estou aqui. Estava a entrar. Como estás? Deixei-te uma mensagem. Disse-te que estava morta por conhecer esse teu importante advogado de Chicago.

— Eu sei, mas eu queria ouvir a tua voz — disse a Colleen — em tempo real. Queria ouvir a verdadeira Jane.

— Aqui a tens, querida.

E conversámos. Quando a Colleen terminou, uma hora mais tarde, eu poderia ter escrito notas sobre o casamento deles para o *Chicago Tribune*, o *New York Times* e o *Boston Globe*. O Ben, filho do Dr. e da Sra. Collins, tinha ido para o Boston College como aluno de licenciatura, depois foi para a Faculdade de Direito do Michigan. Perguntei-me se a Colleen mudaria de nome e passaria a ser Colleen Collins. Fosse como fosse, depois disso, o Ben trabalhou durante dois anos no escritório do promotor público de Chicago. Tinha sido apresentado à Colleen pela sua cunhada numa festa em Martha's Vineyard. Tinha um apartamento com vista para o lago Michigan. Colleen, juntamente com o seu gato, *Sparkle*, iam viver para lá. Quando a Colleen começou a falar-me dos recheios do bolo de casamento, interrompi-a.

— Uau, parece que planeaste tudo — disse eu, tentando mostrar um entusiasmo convincente. Eu adorava a Colleen, mas, se ela me dissesse que ia ter dois bonecos em forma de ratinhos em fato de gala em cima do bolo, eu ia provavelmente atirar o telefone para a varanda.

— Oh, Jane. Não fiz nada além de falar de mim. És uma grande amiga por me ouvires.

— Não faz mal. É para isso que estou aqui. Adoro ouvir-te tão feliz. —
E, se eu também estava com um pouco de inveja, isso era um problema meu.

— Para a próxima ligas-me tu, a dar a mesma notícia. Mas conta, que novidades tens?

— Não muitas — disse eu. — Sabes como é: trabalhar e tentar vencer a minha mãe.

A Colleen riu-se.

— Como sempre.

Oh, quase me esquecia, acho que estou a apaixonar-me pelo homem mais perfeito de sempre — doce, engraçado e incrivelmente bonito —, que pode perfeitamente ser fruto da minha imaginação. Tirando isso, mais do mesmo, mais do mesmo.

Capítulo 46

O Michael estava lá na manhã seguinte.

Esperando pacientemente à porta do meu prédio, como costumava fazer há tantos anos. Em carne e osso, por assim dizer. Não era uma alucinação. Pelo menos eu não achava que fosse.

Tinha mais uma bela gardénia branca na mão.

— Olá, Jane — cumprimentou, com um ar ligeiramente amarrotado e adorável. — Dormiste bem?

— Ah, sim, dormi como uma pedra — menti descaradamente. — E tu?

Começámos a caminhar lado a lado, num ritmo perfeito, como costumávamos caminhar para a escola todos os dias. Então ele estava a olhar por mim outra vez? A proteger-me? Porquê? Será que ele sabia? Porque é que ele não tinha todas as respostas? Sempre soubera tudo quando eu era pequena. Nunca se mostrava inseguro ou hesitante. O facto de parecer confuso com aquilo tornava-o, de alguma forma, infinitamente mais humano.

O tempo estava frio para a primavera, e o céu ameaçava chuva, mas nada me poderia deitar abaixo naquele dia. Eu estava esperançosa, não estava? Pela primeira vez em muito tempo. Enquanto caminhávamos,

conversávamos sem parar sobre tudo e nada, o passado e o presente — mas não sobre o futuro. Talvez conversar com o Michael fosse a melhor parte desta, ou de qualquer, amizade ou caso amoroso. Embora só Deus soubesse o quanto queria agarrá-lo, beijá-lo e, sinceramente, fazer muito mais do que isso. Ele era bonito, de uma forma que uma miúda de 8 anos não poderia apreciar.

— Jane! Queres ir para ali? Em nome dos velhos tempos?

O Michael estava a apontar para o outro lado de Madison Avenue, para uma pequena loja familiar chamada Muffin Man. Tínhamos lá ido em muitas manhãs há vinte e tantos anos, e, francamente, eu mantivera a tradição.

— Uma vez louca por *muffins*, sempre louca por *muffins* — disse eu. — Vamos lá.

Enquanto esperávamos na fila da loja, o Michael disse:

— Se bem me lembro, o de maçã e noz era o teu preferido.

— Ainda é. — Entre outros. Não sou muito exigente no que toca a *muffins*.

Cada um de nós comeu um *muffin*, embora eu tenha descoberto que não tinha muita fome, o que era estranho mas me pareceu bem. O Michael pediu um café *frappé*, e eu bebi um descafeinado. O que mais me impressionou no facto de estarmos juntos foi o quanto tinha falado com o Hugh e o pouco que tínhamos em comum.

Quando voltámos à rua e estávamos a cerca de um quarteirão do escritório, os céus abriram-se e começou a chover a cântaros, uma chuva gelada.

— Podemos deixar passar a chuva debaixo daquele toldo ou podemos correr — propôs o Michael.

— Correr, obviamente. — Que era o que me apetecia fazer, correr e gritar.

Assim, corremos debaixo de chuva, por cima de poças que nos davam pelos tornozelos, por entre as pessoas que tinham sido suficientemente inteligentes para terem levado guarda-chuva. Decidi sabiamente guardar os gritos de abandono para mim mesma.

Praticamente caímos para dentro do meu prédio, encharcados até aos ossos, mas a rir-nos como um casal de crianças... ou de adultos atrasados.

Sorrindo apalermados um para o outro, inclinámo-nos naturalmente para a frente, para mais perto... Oh, Deus, eu queria tanto... que aquilo... acontecesse.

Mas...

— Vemo-nos mais tarde — disse o Michael, afastando-se, perdendo o sorriso. Franziu as sobrancelhas.

— Está tudo bem? Estou... a incomodar-te?

Ah, sim, estás a incomodar-me, pois estás, pensei, ansiosa. Mas dessa vez eu não ia deixá-lo sair a correr.

Agarrei-lhe num braço, mantendo-o no lugar, e depois beijei-o... na cara. O beijo estava molhado da chuva, mas era quente por causa dos meus sentimentos.

— Vemo-nos mais tarde. Eu quero sempre ver-te — disse eu. E depois tive de acrescentar: — Já tenho saudades tuas.

Eu era assim: corria riscos, vivia perigosamente. «*Booorn to be wiild...*»

O Michael lançou-me um último olhar afetuosamente. Então, entrei no elevador lotado e carreguei no botão. Não consegui evitar cantar novamente: «*Booorn to be wiild...*» Não tive o menor problema em expressar os meus sentimentos.

Céus, eu estava mesmo feliz.

Capítulo 47

Michael estava mesmo muito feliz, de uma forma algo atormentada.

Entretanto, encontrou-se com alguns dos seus melhores amigos e falou-lhes de Jane, de como se reencontraram; contou-lhes que ela, estranhamente, se lembrava de tudo sobre ele.

— Os *sundaes*, as nossas caminhadas para a escola, o terrível, terrível dia em que eu a deixei, tudo! — O grupo mostrou-se solidário mas atónito. Nenhum deles tinha vivido algo assim.

— Tem cuidado, Michael — disse Blythe, aquele de quem Michael era provavelmente mais próximo. — Para o teu bem e para o da Jane. Eles devem esquecer. É assim que funciona. É assim que sempre funcionou. Algo estranho está a acontecer.

— Oh, achas? — perguntou Michael.

Às 17.45, apareceu no escritório de Jane, como tinha prometido, e disse olá à sua nova amiga, Elsie, a rececionista.

— Acho que a Jane não está à minha espera — disse ele.

— Pois está enganado — respondeu Elsie. — Ela está à sua espera. Passa a maior parte do dia à sua espera.

Elsie chamou Jane, e um momento mais tarde ela apareceu, com um olhar fresco e faces rosadas. Estaria a corar?

— Eu disse que estava a incomodar — disse Michael.

— Ele é realmente chato — confidenciou Jane a Elsie.

— Por favor. Incomode-me — disse Elsie, que estava na casa dos 60.

Tinha começado a chover novamente, mas Michael tinha trazido um guarda-chuva. Dirigiram-se para um restaurante no Upper East Side chamado Primavera, a falar como se não se vissem há meses e não apenas há algumas horas.

— Então vêes televisão — perguntou Jane, desviando-se de uma poça e aproximando-se mais dele.

— Principalmente por cabo — respondeu Michael. — Coisas como o *Deadwood* e o *Big Love*.

— Eu também gosto! — disse Jane. — Que mais fazes? Quais são os teus outros interesses?

Michael pensou. As pessoas não costumavam perguntar-lhe sobre si. Como Claire de Lune dissera, ele era um excelente ouvinte.

— Ah, adoro jogos de futebol ao vivo. Adoro a Corinne Bailey Rae. O NASCAR. Cézanne. Os White Stripes.

Jane riu-se.

— Portanto... gostas de tudo.

Ele sorriu.

— Basicamente.

— O que é que fizeste hoje? — perguntou Jane, entrelaçando o braço no dele.

— Encontrei-me com alguns dos meus amigos — admitiu. — Amigos que têm... o mesmo trabalho que eu. E fui dar uma longa corrida. E dormi.

— Olha que coisa especial — brincou Jane.

— Olha, eu estou de férias, lembra-te? — disse ele. Nessa altura já tinham chegado ao restaurante, e Michael perguntou-se se aquilo seria um encontro amoroso. Parecia um encontro amoroso.

Capítulo 48

— Então, como foi o teu dia? — perguntou o Michael assim que se sentou e mandou o empregado de mesa ir buscar-nos uma garrafa de *Frascati*.

Fiz uma careta.

— Não foi assim tão mau, tendo em conta que tive seis reuniões distintas com a Vivienne.

— Não há dúvida de que a idade não a acalmou.

— Não muito. Talvez um pouco. Pelo menos ultimamente. Sabes, estou a produzir um filme, um pequeno filme, nada de importante. Uma *confeção*, acho que podes chamar-lhe assim.

— Como o *Chocolat* — disse o Michael, a sorrir. — Adorei esse filme.

Seguiu-se uma pausa. Eu estava a tentar decidir como o dizer sem dar demasiadas informações.

— Continua — incitou o Michael. — Fala-me disso. Eu gosto de ouvir falar do teu trabalho.

— Deves ser o único — respondi, tentando não me rir muito amargamente. — Mas pronto, temos um coinvestidor chamado Karl Friedkin. Quando passei pelo escritório da Vivienne hoje de manhã, depois de apanharmos chuva, quem é que lá estava sentado? O Karl Friedkin.

Perguntei à MaryLouise, a minha secretária, o que se passava. Sabes o que ela respondeu?

— Que a Vivienne está à procura de um marido novo. É o quarto, certo?

Deixei cair o pedaço de pão italiano que tinha na mão com que estava a gesticular e olhei para o Michael.

— Incrível. A MaryLouise também sabia. Eu era a única que não sabia. Devo ser mesmo estúpida.

— Não, és apenas uma boa pessoa. E a tua mente não vai para esses sítios sem ser provocada.

— E a tua vai? — perguntei.

— Digamos apenas que já vi a tua mãe em ação. Sabes que ela te ama, não sabes?

Fiz uma careta.

— Quem não me ama? Sou tão simpática.

O empregado de mesa veio tomar nota do nosso pedido, que dividimos. Eu ainda não tinha muito apetite, o que era estranho mas bom. Não me sentia doente, simplesmente não tinha vontade de comer.

Depois de dois cafés e dois *Sambucas*, estávamos a dirigir-nos para sul no parque. A chuva tinha parado, e eu estava a usar o guarda-chuva do Michael como uma espécie de bengala. Comecei a marcar o ritmo com ele e, de repente, comecei a cantar uma versão de «Singing in the Rain». Era como ver-me a saltar de um penhasco, mas a ser incapaz de parar. «*The suuun's in my heeeart, and I'm ready for looove...*» Finalmente controlei-me.

— Desculpa. Não sei o que me deu. É apenas a Jane... pateta — disse, corada de vergonha.

— Eu gosto de ti pateta — lançou o Michael. — Além disso, estavas a ser linda, não pateta.

Veem? Aquele tipo de coisas fazia-me amá-lo ainda mais. Olhando para cima, vi que já estávamos a apenas alguns quarteirões do meu prédio. Continuámos a caminhar, em silêncio para variar. Devia pedir-lhe que subisse? Eu queria. Queria mesmo muito. Tentando reunir coragem, olhei para o Michael; depois, de repente, tinha parado, e ele estava a abraçar-me novamente.

Os meus olhos abriram-se, depois fecharam-se quando o Michael se inclinou muito lentamente. Quase me engasguei quando senti os seus lábios pressionados contra os meus, e o meu coração deu um salto gigante que tive a certeza que ele conseguia sentir. A minha mente, que já achava que estava em farrapos, passou-se completamente. Oh, Michael...

Em toda a minha vida, nunca senti nada assim, nem de longe. Finalmente separámo-nos. Olhando para ele, a inspirar, comecei a dizer...

Mas já estávamos a beijar-nos novamente, e eu nem tinha a certeza de quem tinha começado, só sabia que o Michael estava a segurar o meu rosto nas suas mãos. Depois abraçou-me com força, com um abraço enorme que adorei. Afastámo-nos um pouco, mas recomeçámos a beijar-nos. Finalmente abraçámo-nos, sem falar, e percebi que me sentiria feliz a fazer aquilo durante muito tempo, talvez para o resto da minha vida. E também que estava a sentir-me zozza. Não queria que ele parasse. Nunca.

Capítulo 49

Quando cheguei a casa do meu encontro com o Michael e tive a certeza de que aquilo tinha sido mesmo um encontro amoroso, não tive a oportunidade de processar o que quer que fosse... porque estava alguém no meu apartamento.

A luz no átrio estava acesa, assim como as luzes da cozinha e pelo menos uma lâmpada na sala de estar.

Tive uma ideia louca: podia ser o Michael. Quem sabe, talvez ele conseguisse aparecer em qualquer lugar.

Ou talvez fosse o Hugh, porque achei que ele ainda tinha a chave do meu apartamento.

Mas, se fosse o Michael, eu não queria dizer «Hugh?» nem vice-versa. E que dilema irónico para alguém que era tão má em relacionamentos.

Assim, respirei fundo e disse:

— Está aí alguém?

— Jane Querida — disse uma voz da sala, e, quando virei a esquina, lá estava a minha mãe, sentada numa das minhas poltronas. — Apeteceu-me vir cá, para conversarmos.

— Ah... — Pensei que preferia ser untada com mel e amarrada a um formigueiro. — Como é que entraste?

— Ainda tenho uma chave desde as obras.

Oh, não me façam falar disso. Subitamente, a ideia de um pequeno cocktail pós-encontro (e tinha sido, sem dúvida, um encontro) parecia-me excelente. Fui até ao armário onde guardava a minha quantidade embaraçosamente desadequada de bebidas alcoólicas.

— Queres tomar alguma coisa, mãe? — A Vivienne estremeceu ao ouvir aquela palavra, mas eu gostava de lhe chamar aquilo, gostava de saber que tinha na minha vida uma pessoa que fazia o papel de mãe. Além disso, ela tinha acabado de entrar no meu apartamento, portanto, era aquilo que lhe ia chamar.

— Xerez — disse ela. — Sabes do que eu gosto, Jane Querida.

Assim, preparei-lhe um xerez — e um *shot* de uísque para a filha dela.

Sentei-me à frente dela na outra poltrona.

— À nossa.

— Jane Querida — começou ela —, eu não sei o que está a acontecer com o Hugh, ou o outro, ou qualquer outro que possa existir na tua vida ocupada. — O seu tom de voz sugeria que ainda não tinha decidido se eu tinha uma vida agitada, ou sequer mesmo uma vida.

Não consegui evitar interrompê-la.

— Uau, estou impressionada! A minha vida agitada!

— Por favor. — A Vivienne levantou a mão. — Deixa-me falar.

Assenti e bebi um golo da minha bebida, fazendo uma careta quando o fogo líquido deslizou pela minha garganta. Já sentia muitas saudades do Michael.

— Jane Querida, o que vim cá dizer-te é que... — A minha mãe parou, parecendo estranhamente sem saber o que dizer. Fiz uma careta e endireitei-me. Já estaria noiva do Karl Friedkin?

— Sim? — perguntei, com um tom encorajador, sem problemas de atitude.

— Bem, eu não vou estar cá para sempre, e, quando me for, a empresa será tua e poderás tomar as decisões que quiseres. — Terminou rapidamente e depois deu um golo no xerez.

OK, aquele era um rumo completamente novo para ela. Eu estava a começar a ficar preocupada.

— O que é que estás a tentar dizer, mãe? — perguntei.

— Não me interrompas. Há mais uma coisa. Eu nunca te disse isto, mas a minha mãe morreu de insuficiência cardíaca quando tinha 37 anos. Tu tens 32. Pensa nisso.

Dito isto, a minha mãe levantou-se, aproximou-se, deu-me um beijo na cara e depois saiu tão inesperadamente quanto entrara.

Que raio tinha sido aquilo? Ela achava que eu ia morrer de insuficiência cardíaca? Ela também estava estranha e diferente. Estava a dizer-me que tinha um problema no coração? Não, teria sido muito mais dramática, com gestos largos e a desmaiar como a Bette Davis.

Como sempre, a Vivienne tinha ficado com a última palavra.

Capítulo 50

OK, OK, OK. Eu percebi que carregar mais uma vez no botão do elevador não o faria aparecer mais cedo. Mas não conseguia evitar.

Depois do meu emocionante encontro com o Michael (fora mesmo um encontro) e da minha conversa estranha com a misteriosa Vivienne, dormira cerca de 20 minutos. Já era manhã, e eu estava a rezar para que o Michael estivesse à espera no átrio para me levar para o trabalho. Meu Deus, queria vê-lo novamente, pelo menos mais uma vez. *Por favor. Por favor. Por favor. Que ele esteja lá em baixo. Espero que ele não se tenha ido embora da minha vida outra vez.*

Pensei em descer os dez andares pelas escadas.

O meu comprador na Saks da Quinta Avenida — um presente de aniversário da Vivienne para mim (e que melhor presente para dizer a uma pessoa que nos envergonha do que um *personal shopper*?) — tinha enviado um fato chique *Lagerfeld*, calças e casaco de seda de um verde azulado pálido. Achei que me ficava bem, talvez até melhor do que bem.

Raios, estava mesmo gira! Até tinha perdido um quilo!

Um quilo inteiro. Aquilo nunca me tinha acontecido.

O elevador chegou finalmente, e enquanto descia nele tive vontade de saltar para o fazer andar mais rápido. *Jane. Por favor! Relaxa*, disse para mim própria, e tentei ouvir o meu próprio conselho. Quando o elevador finalmente chegou ao átrio, pus um sorriso no rosto, mas o meu coração batia descompassadamente. As portas abriram-se. E então... só lá estava o porteiro da manhã, o Hector.

— Bom dia, menina Jane — disse ele.

— Bom dia, Hector. Como está? — *Eu estou devastada*.

O Michael não estava no átrio!

O Michael não me estava a espreitar da porta da rua.

O Michael não estava em parte nenhuma onde conseguisse vê-lo.

— Quer que lhe chame um táxi? — perguntou o Hector.

Empatei para ganhar tempo.

— Não sei bem. Posso ir a pé.

— Claro. Está um belo dia para isso.

— Sim, um belo dia.

Talvez o Michael estivesse atrasado. Não, nem pensar. O Michael nunca se atrasava. Não se atrasou uma única vez quando eu era pequena.

— Acho que vou precisar do tal táxi — disse finalmente. Enquanto esperava sob o toldo do prédio, olhei para um lado e para o outro, na esperança de ver o Michael aparecer de repente no meio do mar de empresários, turistas e alunos que marchava ao longo de Park Avenue.

Mas o Michael não estava no meio da multidão.

Teria saído novamente da minha vida? Se assim fosse, eu ia matá-lo nem que tivesse de esperar pelo último dos meus dias. Ou, pelo menos, ia pôr-lhe uma coleira. daquelas com sininho.

Afinal, para que é que se tinha dado ao trabalho de voltar?

Capítulo 51

Quando cheguei à zona da receção da ViMar Produções, sentia-me um pouco inquieta, mas estranhamente decidida em relação a mim, a quem era e ao que devia fazer com a minha vida. Seria por isso que o Michael regressara? Porque a minha confiança precisava de uns retoques ou, para ser sincera, de uma remodelação total? Seria isso que a Vivienne estava a tentar dizer na noite anterior?

Vi a Elsie a acenar atrás da secretária da receção.

— No teu escritório — disse. — É uma surpresa.

Sim, e estava cá com uma disposição para surpresas... Não gosto de surpresas nem em dias bons, e naquele dia era provável que me fizesse desatar a correr aos gritos pelo corredor. Quando abri a porta, fiquei realmente perplexa, mas não no bom sentido. Era o Hugh. E ele estava sentado à minha secretária a vasculhar o meu correio.

— Agora que já me viste o correio, não queres o Black-Berry? — disse, atirando o aparelho para cima da secretária.

Ele levantou-se de um salto.

— Jane! — disse, caminhando na minha direção com os braços abertos. Tinha vestido umas calças de ganga coçadas, botas *Prada* pretas, o relógio

que lhe dera no último Natal e uma camisa de ganga cara também coçada para parecer que tinha custado 10 dólares ou menos, apesar de ter custado provavelmente uns 200.

Ignorando a minha expressão consternada e a minha rigidez, abraçou-me e tentou dar-me um beijo. Fazendo uma careta, virei a cara, e os seus lábios tocaram-me no rosto.

— Já não estou zangado contigo — declarou.

— Uau. Gostava de poder dizer o mesmo. Por favor, sai daqui, agora.

— Vejo que voltaste sã e salva de Brooklyn.

Ele esperou pela minha reação à sua piadinha, que, infelizmente para ele, foi um olhar semicerrado. Afastei a mão dele do fundo das minhas costas, fui até à secretária e sentei-me.

— Porque estás aqui, Hugh?

— Estou aqui porque és a minha miúda. Vá lá, Jane. Dá-me uma hipótese.

Era pouco provável. Não que o meu coração fosse frio: ele nem sequer dava pela presença do Hugh.

— Hugh, tenho montes de trabalho para fazer.

De repente, o seu rosto foi assolado por uma expressão infantil que parecia dizer «tenham pena de mim».

— Jane, preciso da tua ajuda. Não peço muito.

Ergui as sobrancelhas, mas ele continuou ainda assim.

— Olha, vamos ser honestos. Preciso deste papel. Preciso do *Graças a Deus*. OK, agora estás feliz? Estou submisso e humilhado.

Continuei sem dizer nada, apesar de ter percebido o que ele dissera e até sentir alguma pena. Ainda assim, aquele era o mesmo Hugh que queria trocar um anel de noivado por um papel num filme e me abandonara em Brooklyn.

— Isso não vai acontecer, Hugh. Lamento, a sério que lamento. Mas não vais conseguir o papel. Não és o Michael.

— Vou, sim! Por amor de Deus, Jane. Eu criei aquela personagem.

— Não, não criaste. Não tiveste nada a ver com a criação do Michael. Acredita.

Os seus olhos esbugalharam-se ainda mais, e surgiu um ligeiro esgar de maldade.

— Sua nojenta de merda! — disparou. — A menina da mamã a fingir que é a mamã. Continua a viver no mundo dos contos de fadas como se tivesse 8 anos.

Levantei-me atrás da secretária, esperando que as minhas mãos comessem a tremer, mas não tremeram.

— Isso foi muito baixo, Hugh. Mesmo para ti.

— Sabes onde podes enfiar o teu filme? Estava a fazer-te um favor a oferecer-me para participar nessa trampa sentimentalona! Nem sequer seria rodado se não fosses a filhinha carente da Vivienne Margaux.

Os meus olhos estavam a encher-se de lágrimas, mas o Hugh nem parecia reparar, e isso era a única coisa boa que estava a acontecer. Ele aproximou-se da minha secretária, apontando-me o dedo enquanto falava.

— Tu precisas de mim, Jane. Eu não preciso de ti. Tu precisas do meu talento. Não preciso do teu. O que é bom, já que não tens talento nenhum.

Vi tudo vermelho como nos livros, e uma raiva ardente encheu-me o peito.

— Eu não teria tanta certeza — afirmei. — Vê bem, Hugh.

Puxei o braço atrás e dei um murro na cara do Hugh com toda a minha força.

Fez-se silêncio.

Ficámos ambos embasbacados. O Hugh tinha as duas mãos sobre o olho esquerdo, mas o direito estava esbugalhado a observar.

Um segundo depois senti uma enorme dor na mão e olhei para verificar se tinha partido alguma articulação.

— Meu Deus, Jane. Estás doida?

Com a minha sorte habitual, a minha mãe acabara de chegar, mesmo a tempo de me ver esmurrar o Hugh. Excelente. Tinha a certeza de que conseguiria esquecer aquele episódio. Um dia. Depois de a Vivienne recuperar-se do choque provocado pela roupa que eu escolhera usar na festa de fim do meu 6.º ano e que continuava a provocar comentários ocasionais.

— Ela ficou... — disparou o Hugh — ... ficou doida!

Sabem, não os conseguia contrariar. Afinal, o que poderia eu dizer? «Não teria precisado de te bater se o meu amigo imaginário, possivelmente namorado, estivesse aqui.»

Acho que não.

Capítulo 52

A minha mãe e aqueles seus malditos sapatos de salto alto tinham entrado a repicar o chão do escritório, não para me ver, mas para garantir que tinha aceitado as desculpas ridículas do Hugh.

— Jane, o que se passa? — perguntou.

— Ficou doida, foi isso o que aconteceu! — gritou o Hugh.

— Na verdade, nada, mãe — respondi calmamente. — O Hugh e eu acabámos de terminar tudo formalmente.

— Acabaram? — perguntou. — Como? Porquê? O que é que não estou a perceber no meio disto? Estou perdida e nunca fico assim.

— Percebo porque é que estás confusa — disse. — Mas, no fim de contas, nunca fomos propriamente um casal. Era mais uma atuação a solo com um assistente.

A minha mãe olhou para mim de olhos esbugalhados e, de seguida, inclinou-se para espreitar pela porta do meu escritório.

— MaryLouise!

Ela devia andar junto à porta a ouvir o fogo de artifício porque respondeu em tempo recorde.

— Arranja-me gelo embrulhado numa toalha de linho — pediu a Vivienne.

A Vivienne encarrega-se sempre de especificar o tipo de tecido para as toalhas.

O Hugh agradeceu à Vivienne pela sua preocupação, e ela levou-o até ao sofá de três lugares que estava encostado à parede.

— Estou bem — disse. — Vou só sentar-me aqui uns minutos. Vivienne, não sei o que fiz de errado.

Bem, como disse, ele era ator.

A minha mãe voltou a sua atenção para mim.

— Estás a ver, Jane? O que te deu? Não podes andar a bater em pessoas como o Hugh. Podias tê-lo magoado.

— Ela magoou-me — disse o Hugh com voz abafada.

— Não mais do que ele me magoou — disse eu. — Suponho que ainda não saibas do fiasco do pedido de casamento.

— Jane, não sejas parva. Estou a falar a sério.

— Eu também. Ou os meus sentimentos não contam porque sou só eu?

— Escuta, Jane. Isto não é o teu mundo de fantasia onde podes fazer tudo o que te apetece — lançou a Vivienne.

— Oh, ainda bem que esclareceste isso — disparei, cruzando os braços diante do peito.

— Não consigo imaginar algo que o Hugh possa ter feito para provocar qualquer ato violento da tua parte.

— A sério? Bem, quando tiveres algumas horas, eu faço-te uma lista. Por agora, quero que os dois saiam do meu escritório.

O rosto da Vivienne ficou corado, e ela avançou na minha direção, parando a centímetros da minha secretária.

— Este não é o teu escritório. É o meu escritório. Cada cinzeiro, cada secretária, cada computador, cada sanita, cada pedaço de papel, cada fotocopiadora...

Fiquei de queixo caído.

— Não trabalharias aqui se não fosse por mim. Certamente não trabalharias aqui se eu soubesse que ias abusar fisicamente de um ator talentoso como o Hugh McGrath. Não tenho de aturar comportamentos deste tipo.

— Tens razão, mãe. Não tens.

A raiva consumia-me por dentro. Estendi o braço para pegar na minha mala de pele preta. Depois enfiei lá dentro tudo o que pude daquilo que tinha em cima da secretária. Papéis, cartas, canetas e fotografias, tudo para dentro da mala, certificando-me de que não me esquecia da minha agenda de contactos.

— Não sejas ridícula, Jane.

— Oh, não estou a ser, mãe. Há muitos anos que não me sentia tão sã. — Depois acrescentei, porque sou mesmo assim: — Desculpa.

Passei por ela e pelo Hugh. E, de repente, tive uma ideia louca: *Hoje não há beijo, mãe?*

Ia chocando com a MaryLouise à porta.

Enquanto percorria o corredor em direção ao elevador, ouvi-a dizer:

— Não tinham toalhas de linho, Sra. Margaux. Tem de ser algodão.

Capítulo 53

Nessa manhã o Michael pôs os auscultadores e correu até ao Olympia para ver Patty e certificar-se de que estava bem, mas ela não estava lá. Por isso, sentou-se, comeu um pequeno-almoço farto e cheio de gordura e tentou compreender tudo o que estava a acontecer. Como o facto de achar que se estava a apaixonar por Jane Margaux.

Apresentava todos os sintomas clássicos: coração acelerado, palmas das mãos suadas, divagações sonhadoras, um certo grau de imaturidade e uma sensação de felicidade em cada centímetro do seu corpo. Precisava de voltar a ver Jane depois da noite anterior. Naquele mesmo dia. Ainda pior, tinha de beijá-la novamente. Ia encontrá-la no escritório aquela noite. Não conseguia manter-se afastado, mesmo que isso fosse o melhor para todas as partes envolvidas.

Quando voltou a casa após o pequeno-almoço, quase abalroou Patty e a filha. Estavam a sair do seu prédio.

O que era aquilo? Não era nada bom!

Patty estava a chorar, e a menina também parecia triste e deslocada. Michael já vira as suas crianças muitas vezes com aquela expressão, e partia-lhe sempre o coração.

— Olá, Patty — cumprimentou, inclinando-se imediatamente para falar com a menina. — Olá, querida. Chamas-te Holly, não é? O que se passa?

— A minha mãe está triste — respondeu. — Acabou com o namorado, o Owen.

— Ah, sim? A tua mãe é muito forte. Forte como o aço. E tu, estás bem?

— Acho que sim. Falei com a minha amiga Martha sobre isso. — Depois a menina sussurrou: — Ela é invisível, sabes?

— Ah, por acaso, sei — respondeu Michael, já que Martha estava mesmo ali com um ar preocupado. Fez-lhe um ligeiro aceno. — Olá — disse Michael, piscando o olho a Holly. — Como estás, Martha?

Martha fez um gesto com a mão como quem diz «assim-assim».

De seguida, Michael levantou-se.

— És uma pessoa fantástica, Patty. Sabes isso, não sabes? O Owen não está preparado para viver como um adulto — afirmou. Não valia a pena andar com rodeios relativamente àquele aspeto.

— Obrigada, Michael. A culpa não é tua — disse Patty. — A culpa é minha.

Depois pegou em Holly e desceu os primeiros degraus em passo apressado, com Martha a segui-la de perto.

— O Owen é um traste — disse Martha a Michael quando passou por ele.

Ele ficou a observar o trio a ir-se embora e subiu os quatro lanços de escadas até ao seu andar. Sem qualquer plano em mente, dirigiu-se até à porta de Owen e estava prestes a desatar a bater nela, mas controlou-se.

Que se lixasse! Owen Pulaski não merecia o esforço e provavelmente nunca mereceria. Talvez tenha acontecido alguma coisa durante a sua infância que o tivesse traumatizado. Na verdade, tinha acontecido a vários homens, mas ele não podia resolver o problema, pois não? Não podia mudar o facto de os rapazes não poderem mostrar os seus sentimentos e de isso lhes parecer injusto. E também os fazia ficar zangados, por vezes para

o resto das suas vidas. E assim descarregavam as frustrações em cima de toda a gente, especialmente das mulheres.

De repente, a porta abriu-se, e Owen apareceu ali de pé. Parecia surpreendido por ver Michael, e o seu rosto foi invadido por uma expressão de culpa. Mas desfez-se imediatamente dela e assumiu uma expressão malandra.

— Olá, Mike! Tudo bem, bacano?

Foi então que Michael lhe bateu.

— Estou a julgar-te, Owen. Considera-te julgado.

Mas depois, sendo como é, baixou-se e ajudou o traste a levantar-se.

— Ouve o que te digo, Owen. Percebeste tudo mal. Não há nada melhor do que o amor nesta vida. É uma missão difícil, mas encontra alguém que te ame e dá o teu melhor para retribuíres da melhor forma possível. E que não seja a Patty, senão vou voltar.

Dito aquilo, Michael voltou para a rua. Precisava de ver Jane. Imediatamente.

Capítulo 54

Vinte e três minutos depois, talvez 25, mas ninguém estava a contar, Michael estava dentro de um elevador a subir para o escritório de Jane. Aquilo não podia esperar. Quando as portas se abriram, ele conseguia pressentir que algo estava errado. Em vez de ter o habitual sorriso amistoso, Elsie apresentava uma expressão preocupada.

— Quero ver a Jane — disse Michael.

— Ela não está cá. Tinha esperança que estivesse consigo. A Jane saiu há meia hora.

Michael conseguia ouvir Vivienne a falar alto do outro lado da porta. Depois reconheceu a voz esganiçada do ator de segunda chamado Hugh. Não conseguia perceber o que diziam, mas conseguiu ouvir as palavras «Jane» e «doida», e ambos pareciam estar em pânico.

— Aquela rapariga nem imagina o quanto a amo — disse Vivienne. — Não faz a menor ideia.

— O que lhe aconteceu? — perguntou Michael a Elsie. — A Jane está bem?

— Bem, não tenho a certeza, mas teve uma discussão horrível com a mãe e com o namorado...

Michael começou a interromper.

— Ele não é namorado dela! — e depois parou.

Elsie continuou.

— Tudo o que sei é que... a Jane saiu daqui a correr e disse: «Não me passes as chamadas. Nunca mais!»

Elsie mal acabara de falar quando a porta se abriu e Vivienne e Hugh saíram. Hugh tinha uma toalha encostada à cara. Michael tinha esperança de que alguém lhe tivesse batido. Alguém como Jane.

A voz de Vivienne destilava veneno quando falou com Michael.

— Tu! Tu estás metido nisto. A Jane nunca se comportou desta forma. Corrompeste-a! — Agitava o dedo na sua direção como uma professora austera da Academia Superficial.

— Não sei do que está a falar — interrompeu Michael. — A Jane é adulta. E é incorruptível! Ao contrário do Hugh!

Os olhos de Hugh semicerraram-se, e, de repente, avançou na direção de Michael, tentando dar-lhe um soco que parecia ter sido encenado em cima de um palco. Michael bloqueou-o facilmente e, sem pensar, infligiu um soco bem no estômago de Hugh.

O ator contorceu-se e sentou-se no chão, mais perplexo do que magoado.

E Michael estava ainda mais espantado: dois socos em menos de uma hora.

— Lamento — disse Michael, mas depois mudou de ideias. — Bem, não lamento nada. Andavas a pedi-las, Hugh. Tenho alguma pena pelo Owen. Ainda bem que te bati.

— Elsie, telefona para o 112! — gritou Vivienne com o rosto corado. — Chama a segurança! Chama alguém! E tu! — vociferou na direção de Michael. — Mantém-te longe da Jane e do Hugh e nunca mais te atrevas a voltar a este escritório.

Michael retorquiu:

— E se fosse à melhor de três?

Capítulo 55

Quando deu por si, Michael estava novamente na rua. Era assolado pelos mesmos sintomas que antes, mas de uma forma mais preocupante: ansiedade, medo e uma pressão desconfortável no peito. Tinha tido as mesmas dúvidas acerca de Jane e de si mesmo. Algo que *não* tinha era o número do telemóvel dela. Lembrou-se disso quando passou por uma das poucas cabinas telefónicas que ainda restavam em Nova Iorque.

Não valia a pena ir ao apartamento de Jane. Se saiu furiosa do escritório, não iria para um sítio onde Vivienne pudesse encontrá-la facilmente. Por isso, aonde teria ido?

Continuou a andar e, quando ficou farto de andar, começou a correr. Quando começou a ficar farto de correr, simplesmente correu mais depressa. As pessoas afastavam-se para deixá-lo passar no passeio como se estivesse louco... e talvez tivessem razão. Os nova-iorquinos sabem topar os loucos.

Colocou os auscultadores para ouvir Corinne Bailey Rae. Ajudou um pouco. Corinne tinha um efeito calmante. Avançando sem destino certo, subiu Riverside Drive, e, na rua 110, as espirais ascendentes da Catedral de São João, o Divino, começaram a preencher o céu.

Na verdade, aquela rua era conhecida como Cathedral Parkway, e a Catedral de São João, o Divino, era a maior catedral do mundo. Isto porque a catedral de São Pedro em Roma não é classificada como catedral. Michael sabia essas coisas. Sempre leu muito e considerava-se um aprendiz.

Abriu uma das pequenas portas recortadas nas portas maiores. Depois entrou, ajoelhou-se e benzeu-se.

A igreja era enorme e tinha, pelo menos, 180 metros de comprimento; de repente, sentiu-se pequeno. Lembrou-se de ouvir dizer ou ler que a Estátua da Liberdade caberia confortavelmente sob a cúpula central. Parecia muito provável.

Michael sentiu-se tão... humano ajoelhado na catedral. E não sabia bem se gostava dessa sensação. Mas também não sabia se não gostava.

Capítulo 56

Michael desligou a música e começou a rezar. Queria respostas, precisava delas, mas ninguém parecia dá-las. Finalmente ergueu a cabeça e observou a igreja magnífica à sua volta. Sempre gostara da catedral: a mistura do gótico francês e do romanesco, as capelas que irradiavam do deambulatório, as colunas e arcos bizantinos, as vozes a ecoar e um organista a praticar algures. *Deus vive aqui! Tem de viver*, pensou.

Uma calma invadiu-o quando vislumbrou a magnífica rosácea por cima do altar. O seu coração acalmou-se um pouco.

Depois, para seu enorme espanto, uma lágrima formou-se-lhe no olho. Aumentou de volume, turvou-lhe a vista e rolou face abaixo.

— O que me está a acontecer? — sussurrou.

Tinha feito um corte a barbear-se, tinha batido em dois fulanos no mesmo dia (apesar de ambos o merecerem) e agora estava a chorar. Na verdade, apoderou-se de si uma tristeza esmagadora. Então a tristeza era aquilo. Era aquela a dor no coração e o aperto na garganta de que tinha ouvido falar e sobre os quais lera tanto.

Mas nunca o sentira antes, e era tão doloroso e desagradável que desejou que parasse. Estalou os dedos, mas nada aconteceu. Não controlava a

situação de todo, pois não? Estava perdido, aturdido, confuso. O intenso bombear do seu coração tinha dado lugar a uma dor ligeira e acutilante, e, com a dor, veio alguma clareza, uma sensação de conhecimento. Uma horrível sensação de conhecimento.

E talvez... uma mensagem. O que estava a acontecer?

Michael achou que as suas preces tinham sido respondidas, mas não queria que fosse aquela a resposta. Achava que sabia por que motivo estava de volta a Nova Iorque e por que tinha reencontrado Jane Margaux. As suas missões tinham sido precedidas sempre por aquelas sensações, uma espécie de pressentimentos, e era o que sentia agora. A mensagem era muito clara, e não conseguia recordar-se de alguma vez em que uma daquelas sensações tivesse sido tão angustiante. Nem uma vez. Não se recordava de tal coisa.

— Oh, não... — sussurrou em voz alta. — Não pode ser.

Mas era, não era? Tudo o que acontecera até então fazia sentido. Aquela era a peça que faltava no quebra-cabeças que ele estava a tentar resolver. Explicava o motivo pelo qual tinha encontrado Jane. É claro que sim. Era a resposta perfeita.

Olhou novamente para a gloriosa rosácea. Depois para o altar. Aquilo não podia estar a acontecer. Mas era evidente que estava.

Há muitos anos, Michael tinha ajudado a orientar Jane na sua vida. Tinha-a ajudado no seu caminho ao ser o seu amigo imaginário, até ter de a abandonar quando ela completou 9 anos.

E agora tinha sido ele o escolhido para levar Jane daquela vida. Percebia isso agora. Compreendeu. Era uma questão de mortalidade humana, não era?

Jane ia morrer.

Era por isso que Michael estava em Nova Iorque.

TERCEIRA PARTE

A fragilidade da vida

Capítulo 57

Chamemos-lhe mensagem, talvez. Ou despertar. Instinto?

Senti a necessidade de ir a um dos nossos *sítios*: o primeiro degrau do Met, a minha vista preferida em Nova Iorque desde que era miúda e ia ali com o Michael.

Estava sentada nos degraus há algum tempo. Depois de sair a correr do escritório da minha mãe, disse automaticamente ao taxista para me levar ali. Agora a minha raiva tinha dado lugar a algo que se assemelhava vagamente a força. Pelo menos era isso o que eu dizia a mim mesma. *O que não nos mata torna-nos mais fortes, não é?* Nunca gostei particularmente desse lugar-comum, mas não conseguia evitar usá-lo naquele momento.

E todas as flores da primavera pareciam estar a florir. De onde estava, conseguia ver botões de macieiras cor de rosa e azáleas a brotar num vermelho vibrante. Um xadrez dourado e laranja de calêndulas acabadas de plantar enchiam um jardim junto à Quinta Avenida.

Assim está melhor, muito melhor.

As crianças saíam dos autocarros escolares diante do museu. As velhotas de bengala subiam os degraus com cuidado, possivelmente para ver a exposição de vestidos da Jackie Kennedy. Eu já o tinha feito.

Um casal de adolescentes estava sentado a poucos degraus de mim. Beijaram-se demoradamente; gostei de os observar porque, durante aquele momento, pelo menos, eles estavam irremediavelmente apaixonados. Eu também estava apaixonada. Também seria de uma forma irremediável?

A boa notícia é que sentia que me tinham tirado um enorme peso de cima dos ombros. Estava livre da Vivienne, livre do Hugh, livre das pressões do meu trabalho, livre da rotina das 9 às 5 (ou melhor, das 9 às 9), livre de preocupações sobre se estava bonita ou não. Pelo menos durante a próxima hora.

Queria uma coisa na minha vida: o Michael. Sabia que não podia contar cegamente com a sua presença e que isso não dependia totalmente dele. Sabia que ele poderia desaparecer de um dia para o outro, o que provavelmente iria acontecer. Mas o amor implica riscos, e queria correr um risco naquele momento. Por uma vez na vida, sabia o que queria.

Era um começo, não?

Ouvi uma voz, olhei para cima e tive de fazer sombra sobre os olhos para me proteger da luz do sol.

— Desculpe, menina. Este degrau está ocupado?

Era o Michael.

— Como sabe que não sou casada? — perguntei.

Capítulo 58

Era mesmo o Michael. Tinha-me encontrado.

Mas, por Deus, estava com um aspeto tão terrível!

— O que te aconteceu? — perguntei depois de o olhar de alto a baixo.

— Como assim? O que é que eu tenho?

— Parece que não dormes há dias. Tens os olhos vermelhos. A tua roupa está a pingar de suor. Estás...

Sentou-se ao meu lado e segurou-me na mão.

— Estou bem, Jane. Estou muito bem. — Inclinou-se e beijou-me o pescoço. Com suavidade, firmeza. Não sabia bem, mas era irrelevante. Depois beijou-me os lábios, e cada nervo dentro de mim acendeu-se. Beijou-me uma segunda vez. E uma terceira. Olhei-o nos olhos e senti um formigueiro a percorrer-me o corpo.

— Porque não estás no trabalho? — perguntou.

Com grande esforço, concentrei-me naquilo que ele acabara de dizer.

Conseguia perceber que ele sabia o que tinha acontecido.

— Jane?

— Porque não estou no trabalho? Porque dei um soco no desgraçado do Hugh McGrath. E acho que também magoei os dedos.

Michael beijou-me as mãos.

— Porque, por uma vez na vida, disse à minha mãe para se meter na vida dela, e soube-me maravilhosamente, Michael. Porque deixei o trabalho que tenho durante o dia, que, por acaso, também é o trabalho que tenho na maior parte das vezes à noite.

O Michael lançou-me um sorriso terno.

— Bravo, Jane! Que bom para ti!

— Bravo para a Jane? Bom para mim? Espero que isso não signifique que o teu trabalho está acabado. Porque não está, nem de perto nem de longe — disse eu, a rir-me.

— És um projeto interminável — afirmou, lançando outro sorriso. — Desafiante, envolvente e surpreendente.

— Excelente segmento de frase. Tens praticado.

Depois inclinei-me sobre ele e beijei-o de novo.

— Decidi que estou farta de me sentir miserável e oprimida. Quero aproveitar a vida. Quero divertir-me. Não merecemos isso? — perguntei.

— Absolutamente — respondeu ele. — Sobretudo tu.

De repente assumiu uma expressão muito séria, e os seus olhos evitaram os meus. *Humm...*

— O que foi? — perguntei.

— Jane, lembras-te de quando eras muito pequena e o teu pai te levou a passar um fim de semana prolongado em Nantucket? Lembras-te disso?

— Foi para compensar por não me ter levado a sítio algum quando fiz 5 anos. Ou 4. Talvez também quando fiz 3.

— Sim, foi mesmo.

— Foi a primeira vez que me lembro de estar realmente feliz — afirmei, sorrindo com a memória distante. — Tu e eu fizemos castelos na areia com o meu estúpido conjunto de pá e balde da Barbie. Fomos a uma gelataria na cidade onde juntavam raspas de chocolate e amendoins ao gelado de café. Íamos nadar todos os dias, apesar de a água estar geladíssima.

— Bons tempos, não? — perguntou o Michael.

— Os melhores. Lembras-te do Cliffside Beach Club? E de Jetties Beach?

— Vamos voltar lá, Jane.

Sorri.

— Adoraria. Quando?

— Agora. Hoje. Vamo-nos embora. Que dizes?

Olhei para os olhos verdes do Michael e pressenti que se passava algo, mas não queria perguntar o que era. Achei que mo diria em breve. Além disso, lá estava a Jane cobardolas outra vez. A fantasia é muito melhor do que a realidade.

— Adorava ir a Nantucket — disse. — Mas tens de prometer que me respondes a algumas perguntas enquanto lá estivermos.

Capítulo 59

— Primeira pergunta — começou Jane, quando saíram do aeroporto. — Não me disseste se alguma vez namoraste. Mas já estiveste apaixonado?

Michael fez uma careta, suspirou e disse:

— O que acontece, Jane, é que, depois de algum tempo, parece que me esqueço do que aconteceu no passado. A propósito, não é uma opção minha. Respondendo à tua pergunta: acho que não.

— Então esta é a primeira vez? — perguntou Jane, e Michael sorriu devido à sua confiança em partir do princípio de que ele se tinha apaixonado por ela. Ele ainda não o tinha dito, mas ela conseguia perceber. E estava certa.

— E o sexo? — perguntou a seguir.

Michael começou a rir-se.

— Vamos lá ter calma. Uma pergunta de cada vez, está bem? Agora falemos sobre outra coisa, Jane Querida.

— Está bem. Quando era miúda, lembro-me de que costumávamos viajar pela Eastern Airlines até Cape Cod. Íamos lá um par de vezes em cada verão — disse Jane, enquanto o táxi entrava no velho Terminal Marine do Aeroporto de LaGuardia.

Michael deu-lhe um beijo, detendo-se na suavidade dos seus lábios e reparando no brilho dos seus olhos. Era uma mulher feita, mas adorava as características inocentes e infantis que ela conservava.

— Estás a tentar calar-me? — perguntou Jane. — Esta coisa dos beijos?

— De todo. Apenas... gosto. — E voltou a beijar Jane.

O taxista finalmente virou-se para trás e disse:

— Vão sair do táxi ou vão ficar aí aos beijos o dia todo?

— Aos beijos — respondeu Jane, a rir-se, e ele quase sorriu de volta.

Michael pagou ao taxista e pegou nas duas malas pequenas. Depois de entrarem no velho terminal, parou e olhou à sua volta.

— De que estás à procura agora?

— Deles.

Michael apontou para um velhote com um corta-vento castanho flexível com as letras «CCPA» no bolso ao peito. A sua face estava queimada pelo sol e coberta de rugas.

— Cape Cod Private Air? — perguntou Michael quando se aproximou dele.

— Nada mais, nada menos — respondeu num tom grave. — Sigam-me. São a Jane e o Michael, certo?

— Somos nós — confirmou Jane.

Seguiram o velhote e, poucos minutos depois, estavam a bordo de uma pequena avioneta curiosamente parecida com uma que Michael tinha visto em fotografias do voo transatlântico de Lindbergh.

— Acha que este avião chega a Nantucket? — perguntou Jane, apenas meio a brincar. Michael tinha esperança de que ela não se recordasse de nenhum acidente com avionetas recentemente.

— Tenha um pouco de fé, menina — disse o piloto.

— Temos de sobra — respondeu Michael. — Nem faz ideia.

Poucos minutos depois, a hélice começou a girar e a avioneta avançou pela pista como um bêbado a cambalear por Bowery.

— Quando imaginei a minha morte, não pensei propriamente num desastre de avião. — Jane tentou brincar, mas a sua mão agarrou a de Michael com força.

Michael sentiu um aperto na garganta, e o seu peito começou a doer novamente. Jane tentava gracejar, mas teve uma sensação desagradável acerca do que acabara de dizer. Teriam de sofrer um acidente? E, se isso acontecesse, Michael morreria também? Afinal de contas, tinha tido algumas experiências novas nos últimos dias. Seria a morte a última experiência nova que ele teria, à semelhança de todas as outras pessoas?

— Não nos vamos despenhar, Jane — assegurou ele, segurando-lhe na mão com mais firmeza.

Capítulo 60

O avião descolou e demorou algum tempo a alcançar a altitude de voo. Na opinião de Michael, estavam há demasiado tempo a examinar os telhados de Queens. Mesmo quando subiram até às nuvens, o avião fez um ruído engasgado que não era propriamente reconfortante.

Contudo, de alguma forma, 50 minutos depois estavam a aproximar-se de Nantucket. Conseguiram ver quilómetros e quilómetros de costa arenosa lá em baixo, bem como algumas ilhas mais pequenas. Depois aterraram. Sem quaisquer problemas. Jane acabou por largar a mão de Michael.

Apesar de ainda ser final de primavera, o sítio estava cheio de pessoas com roupas de verão. Um mar de cor de rosa, amarelo e verde-lima. Calças de ganga cuidadosamente coçadas e bermudas. As gaivotas grasnavam por cima deles como se nunca tivessem visto turistas ou como se estivessem fartas de os ver.

Michael e a Jane encaminharam-se para a paragem de táxis. O sol estava a pique. O ar estava límpido e fresco.

Enquanto esperavam, Jane agarrou no rosto de Michael com ambas as mãos.

— Michael, onde estás? — perguntou.

— O quê? Estou aqui.

Ele não sabia o que responder, mas sabia que tinha de se recompor. Estivera a pensar na morte de Jane, mas ela estava mesmo ali, não estava? Estavam os dois. Então, porque é que estava a desperdiçar tempo precioso? Porque alguém o faria? Porquê desperdiçar um segundo do tempo que temos? Agora era tudo muito óbvio para ele.

— Estamos juntos — disse Jane, olhando-o nos olhos. — Vamos aproveitar este tempo, está bem? Esquece tudo e fica comigo. Vamos viver um dia de cada vez. Uma hora de cada vez. Minuto a minuto. Está bem?

Michael cobriu uma das mãos dela com a sua e virou-a para lhe beijar a palma com gentileza. Ele sorriu e anuiu.

— Sim — respondeu ele. — Minuto a minuto. Uma hora de cada vez. Um dia de cada vez. — Os táxis e os autocarros não paravam de chegar ao pequeno aeroporto. As pessoas enchiam-nos com sacos de lona da L. L. Bean e com sacos de compras da Dean & DeLuca. Michael e Jane esperaram, cada vez mais impacientes. Finalmente tinham chegado ao início da fila.

— Ponham as *valises* no porta-bagagens — disse o taxista.

Valises. Que palavra tão maravilhosamente antiquada para se usar. Ouvi-la fez Michael sorrir, e, ao vê-lo sorrir, Jane sorriu também.

— Ótimo. Estás de volta.

— Estou mesmo aqui, Jane. É a minha mão que seguras na tua. É o meu coração acelerado que ouves.

Jane sorriu e depois olhou à sua volta. Michael achou que ela estava a recolher memórias. A erva alta dobrava ao vento. As gaivotas voavam por cima deles. Uma adolescente loira tinha improvisado uma banca junto à paragem de táxis para vender compotas caseiras.

O taxista podia ser irmão do piloto que os trouxera. Um natural da Nova Inglaterra simples e terra a terra com 60 a 65 anos de idade.

— E aonde vos posso levar? — perguntou.

— Ao India Street Inn — respondeu Michael.

— Boa escolha — respondeu. — É a antiga casa do capitão de um baleeiro, sabiam?

Jane sorriu e apertou a mão de Michael com mais força.

— Boa escolha — repetiu. — Adoro capitães de baleeiros.

— E sim — disse-lhe subitamente Michael ao ouvido. — Respondendo à pergunta que me fizeste: sim, já fiz sexo.

Capítulo 61

Eis o que Jane e Michael não viram ao chegar à cidade: restaurantes de comida rápida, lojas de recordações e até mesmo um sinal de trânsito. Era realmente o paraíso. Na verdade, viram alguns cartazes amadores a publicitar o 10.º Festival Vinícola de Nantucket e a 35.^a Corrida de Barcos de Figawi. Um começo perfeito para a sua visita.

Depois, o táxi parou diante do India Street Inn.

— É assim que uma estalagem de Nantucket deve ser — disse Jane quando passou pela porta de entrada. Era aquele o plano do Michael: algo simples e bonito, nada exagerado, simplesmente bonito, fresco e ideal para a sua viagem.

Não havia dúvida de que tinham reduzido tudo a uma ciência exata naquele local, pensou Michael: gerânios vermelhos em floreiras azul-real nos parapeitos, colchas com padrões geométricos coloridos nas paredes, desenhos de trenós nos corredores e, claro, a velhota irascível de Nova Inglaterra que geria o local.

— Têm reserva? Caso contrário, não tenho quarto para vocês — disse ela. — Quero dizer: não há quartos no India Street Inn.

Michael indicou o nome «Michaels», e, pouco depois, estavam na suíte 21 no 2.º piso. Era um quarto espaçoso com uma enorme cama e várias antiguidades feitas de pinho, um mural pintado à mão na parede e toalhas brancas felpudas por todo o lado. Uma porta na casa de banho dava para outro quarto mais pequeno. Quartos contíguos. O que Michael pediu quando telefonou para lá.

— Isto é fantástico — foi tudo o que Jane disse depois de examinar o local.

Ela dirigiu-se à janela do quarto maior e abriu-a de par em par. Uma brisa fria soprou-lhe no cabelo, e Michael pensou que ela estava mais bonita do que nunca. Poderia haver algo mais especial do que estar ali com Jane? Achava que não. Certamente que mais ninguém fazia o seu coração acelerar daquela forma. Lembrar-se-ia caso já tivesse acontecido, não?

Jane pegou num folheto que estava na receção e começou a ler:

— «Café no salão da entrada a partir das 6 da manhã. Aulas de *windsurf* no outro lado da baía todas as segundas e quintas. É possível alugar bicicletas. Além disso, os hóspedes podem subir à torre da Old North Church.» Podemos? Quero fazer tudo. Está bem?

Michael quase conseguia sentir a felicidade de Jane pela forma como ela falava. Não estava a comportar-se como uma menina, mas tinha as mesmas qualidades maravilhosas: entusiasmo, curiosidade e inocência.

Amo-a, pensou. E disse:

— Muito bem. Tudo o que quiseres.

E decidiu ficar naquele lugar fantástico por enquanto.

Capítulo 62

A estalajadeira deu-lhes duas velhas bicicletas *Schwinn*, nada de especial, com pneus largos, enferrujadas, travões de pedal e muitas peças a ranger. Indicou-lhes a direção de Siasconset e rematou:

— A maioria dos turistas acha ‘Sconset muito bonita e especial. Porque é realmente bonita e especial.

Jane avançou primeiro, e Michael seguiu-a por Milestone Road. Havia pouco trânsito, um jipe que passava ocasionalmente, uma moto, uma camioneta de entrega de peixe, um *Hummer* enorme e vulgar pintado de amarelo como os táxis e depois um grupo de rapazes com bicicletas de corrida que andavam mais depressa do que alguns dos carros.

— Tenham uma boa lua de mel! — gritou-lhes um dos rapazes. Michael e Jane trocaram olhares e sorriram. Após sete ou oito quilómetros, depararam-se com uma cerca e uma vista surpreendentemente semelhante ao africano Serengeti. Depois passaram por Tom Nevers Road e foram brindados com uma grande vista para as plantações de mirtilos. Depois viram o Clube de Golfe de Nantucket, hectares de colinas de caminhos e relvados imaculados que tornavam a prática de golfe realmente divertida.

E seguiu-se outra colina, mais alta do que as outras. Numa tabuleta de madeira com a forma de uma seta, podia ler-se: «Siasconset». Começaram a descer, e ali estava: uma praia de areias brancas que se estendia até ao oceano. Michael ficou a pensar se Jane saberia que iriam ser brindados com um pôr do sol vermelho pronto para os inundar com a sua maravilhosa luz.

— Diz-me se já viste algo tão bonito — disse ela, enquanto se instalavam na areia.

— Na verdade, já. — Ele estava a olhar para os seus olhos.

— Para! — disse ela, a rir-se e a corar. — Vais perder toda a credibilidade no nosso primeiro dia aqui.

— Está bem.

— Não, não pares.

Então ele envolveu-a com um braço, observou-a pelo canto de um olho e aproveitou o momento.

Só sei que amo a Jane. Nada mais importa agora.

Capítulo 63

Sobre a questão do sexo: não aconteceu nada na nossa primeira noite em Nantucket, e tentei não pensar demasiado no assunto, mas não consegui. Também tentei não me deixar perturbar por isso e fracassei bastante miseravelmente uma segunda vez.

Bem cedo na manhã seguinte, rumámos àquele que deveria ser o ponto mais alto da ilha, chamado Folger Hill. Até tivemos o bom senso de nos untarmos com protetor solar e usar camisolas de manga comprida. Estava a adorar tudo aquilo, cada minuto e cada segundo. Apesar de não saber o que viria a seguir, apesar de todas as dúvidas que ainda me assaltavam, estava a seguir o meu próprio conselho e a desfrutar de tudo dia a dia, hora a hora, minuto a minuto.

A viagem por Polpis Road parecia longa. Talvez estivesse simplesmente cansada. Além disso, o tempo não estava agradável. Havia nevoeiro, o que provocava atrasos nos *ferries* e nos barcos de mercadorias.

Acabámos por chegar a uma pequena cidade costeira chamada Madaket. Havia uma loja de iscos, uma loja de ferragens e um ponto de encontro chamado Smith's Point. Por volta das 11.30, comemos peixe com batatas

fritas numa barraca com mau aspeto que, à primeira vista, pensámos estar abandonada.

— Como conhecias este lugar? — perguntei.

— Não tenho bem a certeza. Simplesmente sabia, Jane.

Talvez para me calar, o Michael beijou-me, algo de que nunca me parecia cansar, e depois comemos os pedaços de peixe frito mais crocantes e deliciosos da minha vida. O cozinheiro embrulhou-os em folhas do jornal *The Inquirer and Mirror*. Temperámos o bacalhau com vinagre de malte. E, como o Michael acredita que os fritos nunca são demais, pediu uma dose de batatas fritas embrulhadas num cone feito com folhas de jornal, também temperadas com vinagre. Entretanto escutavam-se canções antigas do Bob Dylan a tocar na cozinha a céu aberto, e tudo parecia tão perfeito e mágico que me apeteceu chorar.

Por vezes apanhava o Michael a olhar para as ondas do mar. Quando o fazia, parecia divagar para longe. Queria saber para onde ia, em que estava a pensar. Saberia realmente quando me ia deixar? Fechei os olhos, recusando-me a pensar nisso. Não iria pensar em tal coisa até acontecer.

Tinha de acontecer, não é? Era assim que aquilo tinha de acabar. O Michael teria de partir para cuidar de uma criança algures, possivelmente longe de Nova Iorque.

Era inevitável, por isso, esqueci esse pensamento triste e concentrei-me nas férias e na minha paixão pelo Michael.

— De que te lembras de mim quando eu era criança? — perguntei, recostando-me, e fiquei a ouvir as memórias do Michael durante cerca de uma hora. Curiosamente, ele parecia lembrar-se de tudo, mesmo do gelado de café com rios de chocolate quente.

Capítulo 64

— Nunca pensei dizer as palavras que vou dizer agora — afirmei.

— E que palavras são essas?

— Estou demasiado cheia para jantar.

— Jane, não comemos nada desde o almoço.

— Come tu. Eu fico a ver — sugeri, e o Michael olhou para mim preocupado.

De volta ao India Street Inn, tomámos um duche e vestimos calças de ganga, t-shirts e quebra-ventos. Depois fomos caminhar. Lá estávamos nós: a caminhar e a conversar. Afastámo-nos do centro da vila, das lojas, das preocupações, das responsabilidades e de tudo o que tinha a ver com o chamado «mundo real», com o meu trabalho e com a Vivienne.

Passámos por casas com 300 anos outrora habitadas por marinheiros e baleeiros e em que esposas pacientes e fiéis aguardavam que os maridos regressassem do mar. Casas que estavam ali muito antes de as celebridades mediáticas, os cantores *pop*, os atores e os escritores invadirem a ilha.

Passámos por um moinho de vento, por inúmeros pequenos charcos, por caminhos e por mais casas exibicionistas do que aquelas que conseguimos contar.

— De certeza que não tens fome? — perguntou o Michael no caminho de regresso para a estalagem.

— Só tenho duas certezas na vida — respondi. — Uma é a de que não tenho fome, e a outra... — fiz uma pausa, não para aumentar o dramatismo, mas porque não tinha bem a certeza daquilo que ia dizer.

— Continua... — disse ele. — Tens duas certezas na vida, e a segunda é...?

— A segunda é a de que te amo, Michael. Acho que te amei toda a minha vida. Precisava de dizer isto em voz alta e não apenas para mim.

Parámos de andar, e o Michael agarrou-me pela cintura e subiu as mãos pelas minhas costas, excitando-me de uma forma que me fez ficar... bem, disposta a tudo. Voltámos a beijar-nos, e ele pegou em mim como se fosse um urso e levantou-me, algo que adoro que faça; depois percorremos o breve percurso que nos separava da estalagem. Pareceu-me que havia um sinal de néon na janela da entrada a dizer: «E agora?»

Capítulo 65

— Quase não os reconhecia sem a bicicleta entre as pernas — disse a estalajadeira quando entrámos pela porta da frente. Olhei para ela, admirada. Acho que ela não queria dizer aquilo com aquele tom, porque se fechou em copas imediatamente.

O Michael e eu rimo-nos e depois fomos para o nosso quarto, de mãos dadas, mas em silêncio, sem trocarmos uma única palavra para variar. Nem sequer me ocorria nenhuma pergunta para lhe fazer naquele momento.

Os beijos recomeçaram dentro do quarto. Os beijos eram intensos, depois suaves, suaves, e depois intensos, novamente suaves com os lábios a tocarem-se e a escutarmos a respiração um do outro. *Até onde irá isto?*, pensei. *Até onde irá?*

— Na tua casa ou na minha? — Consegui finalmente dizer algumas palavras.

— Eu... eu... — balbuciou o Michael com uma expressão preocupada.

— Vou considerar isso um «sim, senhora» — retorqui, fazendo uma careta. Ele lançou-me um olhar solene. — Então, Michael? — disse eu, enquanto lhe acariciava a nuca e apertava o meu corpo contra o dele. — Isto é bom. Isto vai ser bom. Juro. Prometo. Espero que sim? Acho que vai.

Ele sorriu e pegou na minha mão, conduzindo-me para o quarto mais pequeno.

— Vai ser bom — murmurou suavemente. — Tem de ser. Tudo nos conduziu até aqui, até este momento. E aqui estamos nós. Sentes-te bem?

Sorri novamente.

— Já me tinhas convencido com o «sim, senhora».

Capítulo 66

Estava ansiosa e nervosa. Sobretudo ansiosa, mas...

— Esta é sempre a pior parte — disse, sentando-me na sua cama.

— O quê?

— Despir-me.

— Talvez para ti — afirmou o Michael, num tom provocador. — Para mim, ver-te tirar a roupa será definitivamente o ponto alto dos últimos anos.

Comecei a brincar com os botões da minha blusa e, de repente, senti-me assaltada por uma daquelas preocupações estranhas e inconsequentes que me parecem assolar sempre que tento concentrar-me desesperadamente em algo diferente. Mas aqui vai uma dúvida para os sacerdotes, padres ou rabinos que por aí andam: é correto fazer amor com o nosso amigo imaginário? Decerto que algo com tanto amor não pode ser pecado. Mas se, de uma forma inexplicável, for pecado, será grande ou pequeno? Mortal ou venial? E se o nosso amigo for um anjo, ou possa ser, mas ele próprio não tiver a certeza?

Seja como for, o Michael notou a minha hesitação e deitou mãos à obra. E à minha blusa. Desapertou o meu sutiã com mestria usando apenas uma mão em menos de cinco segundos.

— És bom nisso — disse eu, sentindo um frio no estômago. Senti um rubor percorrer-me o pescoço e a cara.

— Ainda não viste nada. — E lançou-me um olhar caloroso.

— Espero que não.

— Eu também.

Retomámos os beijos, e o Michael acariciou-me os seios com as mãos, fazendo-me soltar um gemido que seria totalmente embaraçoso noutras circunstâncias. Naquele caso, devo dizer que foi algo excitante. Ele tocava-me com gentileza, como se tivesse medo de me magoar, e acariciou-me suavemente os mamilos com os polegares, arrepiando-me. Mais gentil e doce, impossível. Depois percorreu-me a barriga com as pontas dos dedos. Também adorei isso e senti-me a derreter sob o seu toque.

Ele tinha um toque fantástico. Sublime. Talvez fosse um anjo? Naquele momento não sabia e estava-me nas tintas para isso. Os pelos do meu corpo estavam todos eriçados, em sentido, prontos para o que quer que acontecesse num momento tão maravilhoso. Não fazia ideia: nunca tinha sido tão maravilhoso.

— Adoro a forma como me tocas — sussurrei-lhe com a boca encostada ao seu rosto. — Nunca me tocaram assim.

A sua respiração estava a ficar mais intensa e parou de me beijar para dizer:

— A mim também não.

Puxou-me para cima dele. A sua língua acariciou-me suavemente os mamilos e fiquei sem ar. Deixei de pensar se o Michael teria ou não experiência naquilo. Estávamos juntos, e adorava estar com ele. Talvez porque conseguia perceber que o Michael também se sentia feliz comigo. Podia senti-lo no seu toque e vê-lo nos seus olhos verdes. Estava a adorar aquilo tanto quanto eu.

Voltei a beijá-lo e provei a doçura da sua boca, afastando a minha cara a seguir. Olhei-o nos olhos e sussurrei:

— OK. Sim, por favor.

— OK, Jane. Sim — disse o Michael, antes de sorrir como o nascer do sol. Depois virámo-nos, e ele deitou-me de costas. Afastei as pernas para o acolher e senti o seu delicioso peso sobre mim e o calor da sua pele. Depois senti-o dentro de mim. Aquilo deve ter sido a coisa acertada a fazer, tinha de ser, porque o Michael disse:

— Amo-te muito, Jane. Sempre amei e sempre amarei.

E era exatamente o que eu estava a pensar, praticamente palavra por palavra.

Capítulo 67

Estiveram juntos muito tempo naquela noite. Jane dormiu como um bebê depois disso, mas Michael não conseguia adormecer. Ficou deitado na cama com a cara a centímetros da dela, afagando-lhe o cabelo durante aquilo que pareceu uma hora ou mais.

Vê-la ali deitada com um ar tão sereno fê-lo ter vontade de... partir todas as janelas do quarto. A vida era injusta, teve verdadeira consciência disso pela primeira vez. Estaria ali para aprender a ser mais compassivo? Se fosse o caso, era uma grande treta, porque ele já era demasiado compassivo. Qualquer pessoa que seja amigo imaginário de uma criança tem de o ser. Por isso, qual era o seu papel naquele pequeno melodrama? De anjo? De pessoa normal? De amigo imaginário? Tinha tantas dúvidas como Jane, e nenhum dos dois estava a obter respostas.

Afastou-se em silêncio e sentou-se na beira da cama. Foi até à casa de banho e olhou-se ao espelho.

Tens de dizer a verdade à Jane. O que lhe vai acontecer.

Mas ele não sabia se essa era a atitude correta. Podia estar errado. Abriu a água do chuveiro na temperatura mais alta que conseguia aguentar. O

próprio chuveiro estava cheio de coisas de Jane: sabão de amêndoa, amaciador *Kiehl* e champô.

Quão doente estaria ela? Seria cancro? Um problema cardíaco? No dia anterior, depois de comerem o peixe com batatas fritas, Jane disse que estava tão cheia que queria chamar um táxi para não ter de regressar de bicicleta à estalagem. Depois sentiu-se cansada na caminhada pela vila. E andava a comer pouco, pelo menos segundo o que era normal para ela.

— Está aqui tanto vapor que parece que a casa de banho está arder.

Ele ouviu-a no quarto e começou a sorrir.

— Michael? Estás aí? — chamou.

— Não, ele não está aqui. Sou apenas um tipo qualquer com uma voz igual à dele.

Jane riu-se enquanto puxou a cortina do chuveiro.

— Oh! E há aqui mais qualquer coisa do Michael. Meu Deus, é grande. E está a crescer. Alguém pise isto ou lhe dê com um pau. Ou... Pronto, suponho que possa fazer *isto* com ele.

Capítulo 68

E o que aconteceu depois foi isto.

Fizeram amor outra vez e voltaram a adormecer. De manhã acordaram com um sorriso estampado no rosto e com uma nova sensação de espanto e alegria. Depois do pequeno-almoço, participaram numa excursão de observação de baleias. Michael adorou o entusiasmo de Jane quando viram uma baleia-jubarte incrivelmente perto do barco. Após o almoço foram até ao farol de Brant Point. De seguida deram um longo passeio pela praia, de mãos dadas, ora conversando, ora em silêncio.

Michael contou a Jane há quanto tempo era «amigo» e contou-lhe tudo aquilo de que se conseguia recordar. Só se lembrava das últimas missões. Sentia que tinha havido outras, mas as memórias tinham-se desvanecido como se fossem sonhos. Ver Jane agora, adulta, reavivou as memórias que tinha dela em criança. Sinceramente não sabia se todas as crianças tinham um amigo invisível, mas desejava que sim.

Nessa noite, Michael telefonou para um restaurante local e um táxi entregou-lhes diretamente na praia lagosta, vaporizadores e milho em espiga. Regressaram à estalagem e voltaram a fazer amor, sentindo-se ainda mais confortáveis um com o outro. E o sexo era fantástico, melhor do que

Michael alguma vez poderia imaginar. Possivelmente porque estavam tão apaixonados e porque se conheciam tão bem. Jane sentiu-se um pouco indisposta nessa noite, mas tinha a certeza de que era por causa de algo que tinha comido, talvez o marisco ao vapor.

O que nos leva à manhã seguinte, em que alugaram um barco de pesca. Jane apanhou uma dúzia de anchovas, mas Michael não apanhou nenhuma. Tentou memorizar como ela estava, tão feliz e triunfante, apanhando mais uma anchova brilhante que se debatia ferozmente. O cabelo de Jane brilhava ao sol, e o seu sorriso iluminava o céu. Estava ansioso para voltar com ela para a estalagem.

Voltaram a fazer amor antes do jantar com uma intensidade que os apanhou de surpresa a ambos. Depois não falaram sobre isso, mas pegaram nas velhas bicicletas e pedalarão de volta para a pitoresca Siasconset. No caminho de regresso para a estalagem, pararam e apanharam molhos de rosas selvagens com um cheiro apimentado que colocaram nos cestos das bicicletas. Jantaram no restaurante Ozzie & Ed's, na vila em que Ozzie e Ed praticamente adotaram o casal, dizendo constantemente que eram «amorosos».

No caminho de volta após o jantar, Michael perguntou:

— Já te falei do Kevin Uxbridge?

— Não. Era uma das tuas crianças? Um amigo?

— Não. O Kevin Uxbridge participou na corrida de Douwd em *O Caminho das Estrelas*.

— No original ou na *Geração Seguinte*?

— Na *Geração Seguinte*. Ele conheceu uma mulher chamada Rishon e apaixonou-se por ela tão profundamente que decidiu abdicar dos seus poderes extraordinários para se casar com ela e ter uma «vida mortal».

— Espero que lhes tenha corrido bem — disse Jane. — Consigo ver as semelhanças.

— Bem, na verdade, não correu nada bem — admitiu Michael. — Os Husnocks surgiram e atacaram a colônia deles. A Rishon foi morta, e o Kevin Uxbridge ficou tão furioso e arrasado que destruiu completamente a raça Husnock. Os 50 mil milhões de Husnocks.

— Caramba, parece um pouco excessivo. Mas espera. O Kevin és tu ou sou eu?

— Nenhum de nós é o Kevin — disse Michael, parecendo quase irritado.

— Está bem... — retorquiu Jane, pegando-lhe novamente na mão. — Pessoalmente, sempre preferi os Tribbles.

Michael decidiu esquecer o assunto.

Entretanto, sempre que Jane tossia ou parecia minimamente cansada, Michael acordava de novo para a realidade. Sempre que ela falava em câibras ou na falta de apetite, ele estremecia. Mas não lhe podia contar... porque... o que conseguiria com isso senão transformar aqueles momentos especiais em algo demasiado triste para ser descrito por palavras?

Capítulo 69

Quando anoitece em Nantucket, escurece muito mais do que em Nova Iorque, sobretudo se estiver nublado. Não há lua, não há candeeiros na rua e não há turistas barulhentos a percorrer os passeios. Jane dormia, e Michael olhou pela janela do quarto. Mal conseguia ver os edifícios mais próximos no meio da escuridão.

Fora incrível reencontrar Jane e conhecê-la enquanto mulher. E depois nasceram sentimentos entre eles, os jantares e as conversas, o riso que por vezes parecia convulsivo. Os beijos nervosos e perscrutantes que pareciam provocações, depois os beijos apaixonados em que juntavam o coração e a alma. E, finalmente, fazer amor, abraçar Jane durante horas, tentando imaginar um futuro além de Nantucket.

Por volta das 4.00 dessa manhã, Michael sentou-se à beira da cama a observar Jane a dormir novamente, tentando engendrar um plano, alguma coisa. Algo a deve ter alertado para o facto de que Michael estava acordado.

— O que se passa, Michael? — perguntou, num tom suave e sonolento.
— O que aconteceu? Passa-se alguma coisa? Estás doente?

— Não é nada, Jane. Eu não fico doente, lembras-te? Dorme. São 4 da manhã.

— Anda deitar-te comigo. São 4 da manhã.

Então, Michael deitou-se ao lado de Jane, aconchegando-se até ela voltar a adormecer. Observou-a até lhe doerem os olhos. Faria tudo o que estivesse ao seu alcance para a salvar. Mesmo que isso implicasse... o impensável.

Talvez fosse isso. Pensou em algo, uma ideia, um embrião de uma ideia, em todo o caso. Esperou ter descoberto a lógica de tudo aquilo. Estava ali para levar Jane daquele mundo, certo? Era essa a sua missão. Mas e se ele deixasse de estar ali?

A dor trespassou-lhe o coração quando imaginou uma existência triste e desprovida de cor sem Jane. Mas valeria a pena se ela pudesse viver. Se ele não estivesse ali para a ajudar a abandonar aquele mundo, ela não teria necessariamente de lá ficar? Quem sabe?

Ele não sabia. Mas, naquele momento, era tudo o que lhe restava.

Ainda tentando alinhar essa ideia na sua mente, no meio do desespero, começou a atirar coisas para dentro do saco de lona e depois fechou a janela para Jane não apanhar frio. Olhou para ela outra vez.

Estarei a tomar a atitude correta ao abandoná-la agora?

Será que vai resultar? Talvez. Tem de resultar.

A Jane não pode morrer.

Queria dar-lhe um beijo de despedida, falar com ela uma vez mais e escutar a sua voz. Mas não a podia acordar. Como era ele capaz de a abandonar outra vez? Talvez porque não tivesse outra ideia e, por isso, não lhe restasse outra escolha.

— Amo-te, Jane — sussurrou. — Vou amar-te para sempre.

Com cuidado, fechou a porta atrás de si, apressou-se pelo corredor e desceu as escadas. Havia um *ferry* às 5.30 que partia para Boston. Fez uma paragem na receção e falou com o rececionista do turno da noite.

— A minha amiga está na suíte 21. Podem ver como ela está de manhã? Alguém pode dizer-lhe que tive de me ir embora subitamente? Um amigo...

adoeceu. Certifique-se de que lhe diz que é um amigo. Uma criança.

Michael percorreu a escuridão das ruas de Nantucket, que estavam completamente vazias. Sentiu-se só, isolado e à deriva. Estava com dificuldades em respirar, o que era invulgar. As pernas pareciam-lhe incrivelmente pesadas. Por fim, as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto. Lágrimas verdadeiras. As primeiras que alguma vez derramou.

Apertou bem o corta-vento e esperou na doca. O barco chegaria dentro de meia hora.

Já se vislumbra a luz do sol no horizonte. Queria isso dizer que ainda havia esperança?

Tinha de haver, porque Jane não podia morrer.

Era demasiado desolador pensar nisso sequer.

A Jane não pode morrer agora.

Capítulo 70

Acordei na manhã seguinte a sorrir, a espreguiçar-me com aquela sensação intensa de felicidade, segurança e ligeira preguiça que se tem depois de se fazer amor várias vezes, amor verdadeiro e não sexo.

Sentia-me maravilhosamente. A luz do sol inundava o quarto como se o astro estivesse a tentar brilhar com mais intensidade só para nós. Quando me virei, fiquei desiludida por não ver o Michael ao meu lado. O pequeno relógio em cima da mesa de cabeceira indicava que eram 8.55. Mas era impossível ser tão tarde.

O que é que o Michael e eu tínhamos planeado fazer aquela manhã? Vejamos. Tínhamos falado em ir a uma loja de antiguidades que tivesse dentes de baleia esculpidos de que o Michael gostasse. Mas, primeiro, tomar o pequeno-almoço no café da cidade que era especializado em panquecas de arando, apesar de ainda não ter fome. Talvez porque estivesse a emagrecer um pouco e a gostar da sensação que o meu corpo transmitia. Ou, mais provavelmente, porque estava apaixonada.

Bem, fosse o que fosse, íamos chegar atrasados, não era? Todos os dias que passássemos juntos eram curtos demais. Aproveitávamos cada minuto.

Além disso, o Michael adorava comer, provavelmente porque nunca engordava um único grama. O sacana.

Ia saltar da cama quando de repente me lembrei da noite anterior. A minha mente vagueou até uma conversa que o Michael queria ter, algo que precisava de me dizer. Lembrei-me de acordar durante a noite e de o ver deitado ao meu lado.

Onde estava ele?

— Michael? — chamei, sem obter qualquer resposta. — Michael, estás aí? Michael? Mikey? Mike? Ei, tu!

Saí da cama, tirei o cabelo da frente dos olhos e olhei à minha volta. Nem sombra do Michael. Não estava em lado algum.

Fiquei aturdida. Não conseguia acreditar. Procurei algum tipo de nota, mas não encontrei nada.

Abismada, levei a mão à boca. Ele não me podia ter feito aquilo.

De alguma forma, acabei por regressar ao meu quarto, onde os lençóis revolvidos pareciam troçar de mim. A ideia de o Michael literalmente amar-me e abandonar-me nunca me tinha ocorrido. Não sabia se me havia de sentir preocupada, furiosa ou simplesmente de coração despedaçado, de uma forma muito dolorosa e agonizante.

— Michael... — sussurrei, no quarto vazio. — Michael, como foste capaz? Não me amavas? Foste a pessoa que... — Oh, meu Deus. Era isso, não era? O que ele me queria dizer. O motivo pelo qual não conseguia dormir.

Abandonou-me novamente por outra criança, não foi? Voltou a ser o amigo imaginário de outra pessoa.

Corri pelos dois quartos como se fosse uma louca à procura de uma réstia de sanidade. As suas coisas tinham desaparecido todas. O seu saco evaporara-se. Abri as gavetas da secretária e escancarei as portas dos armários. Não consegui encontrar nada que fosse do Michael. Nem sequer um sinal de que ele tinha estado ali.

Olhei pela janela e deparei-me com um dia tão luminoso e bonito como todos os outros que passara até então em Nantucket. Um dia perfeito para andar de bicicleta e comprar antiguidades, para jantar no Ozzie & Ed's e estar com alguém que se ama mais do que a própria vida.

— Oh, Michael... Como pudeste deixar-me sozinha? Outra vez.

Dessa vez não o perdoaria, porque nunca o poderia perdoar por me partir o coração duas vezes.

Capítulo 71

Os homens não prestam! Nem mesmo os imaginários.

Cheguei a Nova Iorque nesse dia e senti-me uma estranha na minha própria casa; tudo em todas as divisões parecia pertencer a outra pessoa. Alguém que não era eu. Era aquela a minha mobília? Tinha escolhido os quadros na parede? Quem é que tinha escolhido os cortinados? Oh, esperem. Havia uma razão para sentir que era o apartamento de outra pessoa. O apartamento da Vivienne, por exemplo.

E quem era aquela pessoa no espelho do corredor? Não eram só os borrões negros por baixo dos meus olhos que me iludiam. Estava tão magra!

Levei a minha mala para o quarto e sentei-me na cama. Os meus olhos turvos concentraram-se na mesa de cabeceira. As gardénias que o Michael me oferecera tinham desaparecido. A minha empregada devia ter deitado fora as flores mortas.

As lágrimas enchiam-me os olhos, a mim, que pensava que tinha chorado tudo o que havia para chorar.

Nem por sombras, Jane Querida!

De repente fui inundada por um horrível ataque de náuseas. Invadiram o meu estômago e peito com uma terrível sensação de ardor. Mal consegui chegar à casa de banho. Então ajoelhei-me diante da sanita a vomitar o melhor marisco de Nantucket e a agarrar-me à barriga. Finalmente o ataque passou e lavei a cara no lavatório. Ainda tinha as mãos a tremer e estava pálida, com uma cor ligeiramente esverdeada, quando me olhei ao espelho. Uma intoxicação alimentar. Era mesmo aquilo de que eu precisava.

Quando me senti capaz, verifiquei as minhas mensagens na esperança de que o Michael tivesse deixado uma palavra, algum tipo de explicação. Mas antes, é claro, a minha mãe: «Jane Querida, estou preocupada contigo. Muito preocupada. Por favor, telefona-me. É a tua mãe.»

Na verdade, tive a súbita sensação de que tinha mesmo de telefonar à Vivienne. Apesar de ela estar apoplética com a minha ausência. Na verdade, e digo-o sinceramente, estava surpreendida por ela não ter contratado detetives para me procurarem.

Escolhi o número da Vivienne no menu de marcação rápida. Não fui atendida nem pelo criado nem pela criada, e a chamada foi encaminhada para o correio de voz. «Tentou ligar para a Vivienne Margaux...»

Enquanto ouvia a voz da minha mãe, ensaiei a mensagem que ia deixar. Ouvi o sinal sonoro.

Foi então que me fui abaixo e o meu discurso ensaiado caiu por terra.

— Mãe, sou eu. É a Jane. Escuta. O Michael deixou-me. Por favor, telefona-me. Adoro-te.

Eu precisava mesmo de um beijo da minha mãe naquele momento. Mais do que precisara em toda a minha vida.

Não consegui falar depois disso, portanto, desliguei o telefone e deitei-me de barriga para baixo na cama. Voltei a soluçar de repente, mas também a tossir, com a garganta dorida.

Não havia como resistir ao ataque de náuseas que se seguiu. Caminhei atabalhoadamente até à casa de banho, que fedia. As náuseas passaram

finalmente. Mas a tosse não parava. Tentei engolir com força, mas isso só piorava a situação.

Fui novamente invadida pelas náuseas, desta vez assustando-me. Sentia um ardor intenso dentro de mim. Já não restava nada para vomitar. Apenas a ânsia de vomitar. E suores frios. Caí no chão da casa de banho e encostei a cabeça ao tapete. Estava simultaneamente a arder e a tremer com arrepios. Senti-me como morta. Tudo o que conseguia fazer era abrir e fechar os olhos.

Conseguia ouvir o telefone a tocar no meu quarto, mas acho que não tinha forças para me levantar ou até mesmo rastejar até ele para atender. Mas só podia ser a Vivienne, e queria falar com ela.

Ou talvez fosse o Michael?

Forcei-me a levantar e comecei a cambalear.

Capítulo 72

A preocupação de Michael, a sua ansiedade, culpa e insónias finalmente levaram a melhor na viagem no *ferry* das 5.30 de Nantucket para o continente. Os seus olhos começaram a arder novamente, e a sua camisola de malha era uma parca proteção contra o frio húmido da manhã que vinha do Atlântico.

O seu terrível estado de preocupação e confusão continuou a fazer-se sentir na viagem de autocarro até ao aeroporto em Boston e depois no serviço de transporte de Logan para LaGuardia, e essa situação tinha um efeito estranho na sua visão. É como se a cor fugisse de tudo para onde ele olhava. A maior parte das coisas tinha um tom cinzento doentio. As coisas que tinham cor apresentavam tons esbatidos e ténues. Há poucas horas estivera em Nantucket, onde fora incrivelmente feliz com Jane. Nunca se tinha sentido tão feliz na vida. Agora tudo mudara.

Chegou ao prédio onde vivia e arrastou-se pelas escadas acima. Ouviu risos vindos do apartamento de Owen. Uma voz feminina. Outra conquista? Meu Deus, o que é que Jane pensaria se estivesse com ele? Pareceriam as coisas o mesmo para ela? Claro que sim.

Largou o saco dentro do apartamento, mas não conseguiu ficar lá. Agora não, não naquele estado.

Minutos depois estava a percorrer a Broadway a passos largos, vendo pessoas cinzentas, táxis cinzentos e os edifícios da cidade de Nova Iorque mais cinzentos do que nunca. A saudade que sentia de Jane provocava-lhe uma dor quase fatal, uma dor profunda no seu peito. Pensou no que ela estaria a fazer, se estaria bem. Teria o seu plano resultado?

Acabou por não conseguir aguentar mais: telefonou para o apartamento dela. Depois de ouvir o telefone tocar várias vezes, escutou a voz de Jane.

«Fala a Jane. Por favor, deixe uma mensagem. É importante para mim. Obrigada.»

Céus, como adorava a voz dela.

Perto de Lincoln Center, mal conseguiu evitar ser abalroado por uma mota que estava a fazer uma curva à direita de forma perfeitamente legal.

— Vê lá se acordas, desgraçado! — gritou o motociclista. Um bom conselho. Adoraria acordar daquele terrível pesadelo.

Avançou outro quarteirão, determinado a continuar a andar, até que, de repente, se lembrou:

— Vou para um lugar, para um lugar específico!

Mas onde?

Para nordeste, pelos vistos.

Por fim apercebeu-se de que uma qualquer força exterior a si o estava a impelir. Então soube, ou pelo menos achou saber.

Agora corria.

Os seus olhos estavam cheios de lágrimas, que começaram a cair sem parar. As pessoas olhavam para ele, e algumas ofereceram-lhe ajuda. Michael continuou a correr. Agora sabia mesmo para onde ia.

O Hospital de Nova Iorque.

E soube o que iria encontrar lá.

A Jane, meu Deus! Não deixes que isto esteja a acontecer.

*Só a queria ter beijado e abraçado mais.
Quem me dera ter ficado em Nantucket.
Quem me dera...*

Capítulo 73

York Avenue e a rua 68, finalmente. Michael estava quase a chegar.

Entrou de rompante pela entrada principal do Hospital de Nova Iorque. Ironicamente, já tinha estado naquele maldito lugar quando Jane tirara as amígdalas quando era criança. Foi direto à receção, recordando-se de onde ficavam os elevadores.

Ao fundo do longo corredor, à direita.

Deveria ir até ao 7.º piso. Quarto 703.

As pessoas apressavam-se a entrar no elevador à sua frente. Duas enfermeiras de mãos dadas, um médico, algumas visitas e uma menina que estava a chorar por causa do avô. Porque permitiam que existisse todo aquele sofrimento? De repente foi inundado por uma série de dúvidas.

— Acho que já não cabe mais ninguém — disse-lhe um médico.

— Lamento — retorquiu ele. — Podemos apertar--nos para cabermos. Ficaria espantado com aquilo de que nós somos capazes.

Nós, pensou e disse. *Nós*.

As pessoas no elevador trocaram olhares, o tipo de olhar nervoso que parece dizer: «Temos um maluquinho entre nós.»

As portas fecharam-se finalmente, e o elevador começou a subir.

— Não a devia ter abandonado — murmurou Michael para os seus botões. — Devia ter ficado com a Jane independentemente de tudo. E agora vejam o que está a acontecer.

O seu plano idiota não tinha resultado. Tinha-a feito sofrer para nada. Tinha sido tão estúpido!

O elevador chegou finalmente ao 7.º piso. Michael foi o primeiro a sair; de seguida, acelerou o passo e passou a mesa da enfermeira. Abrandou o passo quando chegou ao quarto 703.

A porta estava entreaberta. Penteou o cabelo cheio de suor e limpou a cara com uma manga. Precisava de ter um ar tranquilo e controlado. Mas não estava calmo. O seu coração parecia ir explodir. Nunca sentira tal aperto no peito, e agora era incontrolavelmente forte.

Finalmente abriu a porta, e os seus olhos perscrutaram o quarto. Havia uma enfermeira sentada ao lado da cama, a vigiar um monitor cardíaco.

O que viu a seguir deixou-o sem fôlego. Levou a mão à boca, mas não conseguiu evitar arquejar.

Não estava à espera daquilo, de todo. Mas fazia sentido.

Fazia sentido por tudo o que acontecera. Afinal existia um plano.

Capítulo 74

Estava outra pessoa na cama do hospital.

Não era Jane. Não era o que ele esperava e mais temia.

Era Vivienne.

A princípio, Michael não compreendeu, mas depois fez-se luz e algumas peças do quebra-cabeças começaram a encaixar-se. Era Vivienne quem estava a morrer. Era Vivienne quem ele devia ajudar.

Ela estava ali deitada, imóvel. Michael nunca a vira assim. A sua expressão mostrava uma palidez artificial por baixo do bronzeado, e não tinha maquilhagem. Tinha o cabelo solto com as raízes brancas visíveis. Mas, de algum modo, parecia serena e tranquila. Estava muito parecida com Jane, e o seu coração disparou. Queria ajudar se pudesse. Queria ajudá-las a ambas.

— Vivienne... — disse. Depois dirigiu-se à enfermeira: — Sou da família. Pode dar-nos um minuto?

A enfermeira sorriu para ele e levantou-se.

— Estarei lá fora. Sabe que ela sofreu um enfarte.

Vivienne abriu os olhos e olhou para ele. De seguida, os seus olhos fecharam-se novamente durante um segundo ou dois como se estivessem a

tentar perceber algo. Michael falou com calma.

— Vivienne, estou aqui para a ajudar. Sou o Michael.

Os olhos dela abriram-se num azul profundo e vivo.

— Michael? — perguntou, com o tom mais suave que alguma vez se ouvira da sua boca. — O Michael da Jane?

— Sim, o Michael da Jane. — Pegou-lhe na mão. — Quem me dera que pudesse ver quão maravilhosa está — disse. — Está como sempre. Linda.

— Tenho um espelho na carteira — retorquiui ela.

Michael foi buscar o espelho e mostrou a Vivienne como estava. Nunca a vira assim, tão vulnerável, deixando revelar a criança dentro de si.

— Já estive melhor. E pior, acho eu. Agora pouco importa, não é?

— É claro que importa — afirmou Michael.

— Estar bonita é a melhor vingança.

Ela sorriu e colocou uma mão sobre a mão dele.

— Onde está a minha filha? A Jane está aqui? — perguntou. — Não posso partir sem ver a minha Jane Querida.

Capítulo 75

E se não tivesse conseguido finalmente atender o telefone e ouvido o choro da quase incoerente MaryLouise a dizer-me para ir para o Hospital de Nova Iorque tão rápido quanto pudesse? Depois de desligar, foi quase como se estivesse fora do meu próprio corpo. Senti-me péssima, mas com menos náuseas. Apenas um pouco instável e fraca. Vesti roupa limpa, e foi como se estivesse a ver alguém parecido comigo a correr para o hall de entrada do prédio e dizer ao Martin, o porteiro:

— Por favor, chame um táxi.

Mas fui eu quem disparou do táxi em frente ao Hospital de Nova Iorque, quem correu para a receção e a quem foi dito que Vivienne Margaux estava no quarto 703.

MaryLouise estava à espera por trás da porta fechada. Beijou-me a bochecha e agitou a cabeça para trás e para a frente. Karl Friedkin estava ao fundo do corredor. A sua cabeça estava inclinada, mas eu podia ver que os seus olhos estavam cheios de dor.

— O Karl estava com ela quando tudo aconteceu — disse a MaryLouise.

A porta do quarto da minha mãe abriu-se naquele momento, e uma mulher de bata branca perguntou se eu era a Jane. Apresentou-se como

neurologista da minha mãe.

— A sua mãe teve um enfarte — explicou ela cuidadosamente. — Aconteceu ontem à noite no teatro. Tem chamado por si.

Cabeceei e tentei não chorar, ser corajosa, da forma como a Vivienne gostaria que eu fosse. Mas, assim que entrei no quarto do hospital, tremia por todo o lado.

Ali estava a mãe, muito pálida, muito pequena, e não algo que se assemelhasse a ela.

Ao seu lado, a segurar-lhe na mão, estava o Michael.

Capítulo 76

O Michael olhou para mim; fez um ligeiro aceno de cabeça e, de seguida, um ligeiro sorriso compreensivo.

— Olá — sussurrou. — Troca de lugar comigo. — Levantou-se, e fiquei na cadeira à cabeceira da Vivienne.

— Olá, mãe. É a Jane. Estou aqui.

A cabeça da minha mãe virou-se, e os seus olhos encontraram os meus. Estava a respirar com dificuldade. Pensei que estava a tentar falar, mas não conseguiu, o que nunca tinha acontecido antes. Não tinha maquilhagem nem o seu penteado perfeito. Usava uma bata de hospital normal, e foi então que soube o quanto era mau. Se ela fosse uma fração do que era, teria lutado para não usar a bata de hospital.

Além disso, parecia feliz ao ver-me.

Aproximei-me.

— O que foi, mãe? Que se passa?

Ela falou, finalmente, com uma voz suave e gentil.

— Fui dura contigo, Jane Querida. Eu sei isso — disse, antes de começar a chorar. — Sinto muito. Sinto mesmo muito.

— Tudo bem. Está tudo bem — respondi.

— Mas fi-lo para que ficasses forte. Fi-lo para que não tivesses de ser como eu. Tão fria, dura e maldosa. Tão Vivienne Margaux. Que coisa terrível teria sido.

— Por favor, não fales. Segura-me a mão apenas, mãe.

Ela sorriu.

— Gosto de quando me chamas mãe.

Ela sempre disse que odiava.

Pegou na minha mão e apertou-a.

— Graças a Deus, Jane Querida, não és nem um pouco como eu. És tão inteligente. Vais ter ainda mais sucesso. Mas vais ser sempre gentil. Vais ser a Jane. Vais fazer as coisas à tua maneira.

Ouvir aquele reconhecimento trouxe-me lágrimas aos olhos, as mesmas que eu continha há anos.

— Achei que era uma desilusão, por não ser como tu.

— Oh, Jane Querida. Não, não, não. Nunca. Queres saber uma coisa?

— O quê?

— És a única pessoa que amei, a única. És o amor da minha vida.

O amor da sua vida.

Os meus olhos ardiam das lágrimas, doía-me a garganta e o peito, mas a minha mãe era a própria imagem da paz. E pensei: *Então é isto?* Depois de tantos anos a gritar com assistentes, com secretárias, a lutar com investidores. Depois de décadas a dar ordens a empregadas domésticas, motoristas, fornecedores e decoradores. Depois de hectares de vestidos de alta-costura e sapatos de 1000 dólares. Depois de todas as viagens a Paris, Londres, Banguécoque e Cairo. Era assim que terminava, uma mulher frágil numa cama de hospital. A minha mãe e eu. Juntas, finalmente.

— Chega-te mais perto, Jane Querida — pediu. — Eu não mordo. Provavelmente — acrescentou, com um sorriso fraco.

Aproximei-me tanto que os nossos rostos ficaram quase colados.

— Tenho um favor a pedir-te.

— Claro, mãe. O que queres?

— Pelo amor de Deus, faz com que me enterrem... com o brocado novo do Galliano. Nada de preto. Fico horrível de preto.

Não pude deixar de sorrir. Era a Vivienne até ao fim, fiel a si mesma.

— O Galliano — disse. — Está combinado.

— E mais uma coisa, Jane.

— Sim?

— Também não vistas preto no funeral. O preto faz a maioria das pessoas parecer mais magras. Mas, por alguma razão, dá-te um ar um pouco pesado.

O meu sorriso aumentou.

— OK, mãe. Vou usar cor de rosa. Já tenho o vestido ideal.

— Tu és engraçada — retorquiu. — Sempre foste. Cor de rosa num funeral. Por favor, faz isso.

Olhei para o Michael. Também estava a sorrir.

A minha mãe fechou os olhos, e o seu corpo estremeceu. Detestava a ideia de perdê-la. A minha mãe. Finalmente, era a minha mãe.

O Michael levantou-se e caminhou para o outro lado da cama. Peguei numa mão. O Michael pegou na outra. Tinha chegado o momento? Estava a acontecer tudo tão rápido e tão de repente...

Inclinei-me e beijei a Vivienne na sua cara macia, suave. Ela sorriu e abriu os olhos novamente. Um leve movimento de cabeça disse que me queria mais perto outra vez.

— Jane, a única coisa que odeio em morrer é dizer-te adeus. Amo-te tanto. Adeus, Jane Querida.

— Adeus, mãe. Também te amo muito.

Deu-me um último beijo para me lembrar sempre dela.

Capítulo 77

Tal com era seu desejo, a Vivienne foi sepultada com o seu vestido *Galliano*. Estava linda. Na verdade, todo o funeral foi deslumbrante e comovente. E porque não? A Vivienne tinha planeado tudo até ao mais ínfimo pormenor.

Fui de cor de rosa. Cor de rosa *Yves Saint Laurent*.

O serviço fúnebre foi realizado em Park Avenue, na Igreja de São Bartolomeu, obviamente.

Dois pianistas tocaram Brahms de forma irrepreensível, como se a Vivienne estivesse ao lado deles. Depois um solista interpretou diversas canções de musicais produzidos pela minha mãe. Os convidados acompanharam as canções um par de vezes.

Por fim, à medida que a cerimónia chegava ao final, num dia muito quente de primavera, todos nos levantámos e cantámos a canção preferida da minha mãe, «Jingle Bells». É tão incrivelmente incaraterístico da Vivienne que também assentou na perfeição. Foi como se ela soubesse que seria assim.

Fiquei feliz por ela. A minha mãe tinha produzido um último êxito.

À medida que saíamos da Igreja de São Bartolomeu e entrávamos nas limusinas que nos aguardavam, o Michael disse-me:

— Se tivessem servido cocktails, isto teria sido uma recepção da Vivienne Margaux. Como manda a lei.

— Adorei — disse, abraçando-o. — Porque ela teria adorado.

Toda a gente que é alguém, ou que finge ser alguém, compareceu. Não apenas a Elsie, a MaryLouise e as pessoas do escritório. Mas atores muito famosos, realizadores, técnicos, coreógrafos, aderecistas e maquilhadores. Estiveram lá todos para homenagear a minha mãe e os seus feitos, que eram muitos, incluindo fazer de mim aquilo que sou.

O meu pai esteve lá com a mulher, a Ellie, que, aos 48 anos, começava finalmente a parecer ter mais de 30. Ou talvez se tivesse produzido menos em honra da Vivienne.

O Howard, o meu padrasto, também lá estava. E sóbrio. Disse-me que nunca tinha deixado de amar a Vivienne.

— Nem eu, Howard. Nem eu — retorqui, dando-lhe um abraço.

O antigo cabeleireiro da minha mãe, o Jason sem sobrenome, tinha estado de plantão. Tal como a Vivienne, o Jason era um testemunho vivo do que é uma cirurgia plástica perfeita. E ele tinha feito um último favor à minha mãe. Tinha voado de Palm Springs até Nova Iorque só para a pentear.

Até o Hugh McGrath esteve presente. Deu-me um aperto de mão, abraçou-me como se fosse uma ex-mulher e disse-me que lamentava por tudo. Quase acreditei nele até me lembrar de que o Hugh era ator. E que o Hugh era um filho da mãe.

O enterro no cemitério de Westchester County foi comovente e breve, igualmente de acordo com as instruções explícitas da Vivienne. O padre recordou-nos que a vida é demasiado breve, que estamos destinados a ir para outro mundo além deste e que não havia dúvidas de que a Vivienne ia produzir espetáculos no céu. Bem dito, mas bastava ficar por aí.

Coloquei uma única rosa sobre o caixão da minha mãe. É o meu estilo. Rezei para que a minha mãe estivesse em paz caso me observasse, agora que tudo corria como queria. *Usei cor de rosa, mãe!*

Depois o Michael pegou-me na mão e começámos a caminhar.

— Temos de falar — disse ele, e senti um arrepio percorrer-me o corpo.

Capítulo 78

O sol estava quente e claro e iluminava o cemitério como se fosse um cenário. Os tons de verde das árvores, as cores vibrantes das flores e tudo o resto parecia tão nítido, iluminado e perfeito. Então porque sentia arrepios?

— Está um lindo dia — comentei.

— Nem Deus se mete com a Vivienne — disse o Michael a sorrir. Tinha soltado o nó da gravata e despido o casaco. Pusera-o ao ombro e segurava-o com o indicador. Muito ao estilo do Michael, sempre fiel a si mesmo.

— Já sabemos por que me mandaram de volta para Nova Iorque — disse ele. — E o motivo pelo qual tive aqueles pressentimentos acerca do Hospital de Nova Iorque e tudo o resto.

Anuí, mas nada disse.

— Estava aqui para ajudar a tua mãe. Tenho quase a certeza disso, Jane.

Parei e olhei para ele.

— Mas continuas aqui.

Ele sorriu.

— Sim. Parece que sim. A não ser que seja realmente o teu amigo imaginário. É possível.

Dei-lhe um beliscão na barriga.

— Sentiste isto?

— Ufa! Senti, sim. E agora também me corto a fazer a barba regularmente.

Houve uma pausa. Os olhos verdes do Michael fecharam-se com a luz do sol.

— Acho que estou aqui porque quero estar. E estou aqui porque és a única pessoa que alguma vez amei. Estou aqui porque não consigo suportar a ideia de te deixar, Jane.

Voltei-me novamente para ele, de coração cheio, aproximámo-nos e beijámo-nos com doçura. Foi perfeito.

— Tenho algumas perguntas — afirmei, quando nos afastámos — que precisam de resposta.

— Não sei se tenho as respostas. Mas vou tentar, Jane.

— Muito bem, então. Deixa-me começar por uma difícil. Alguma vez... falaste com... tu sabes... com Deus?

O Michael anuiu.

— Sim, é claro que sim. Muitas, muitas vezes. Infelizmente, Ele nunca me responde. Ele, Ela, seja o que for. Próxima pergunta?

— Então acreditas...?

O Michael olhou para mim.

— Bem, que outra forma haveria de explicar... tudo isto? Ou a mim, claro? Ou a nós? Os scones, o *Pokémon*, *Os Simpsons*, o sistema jurídico americano, os *iPods*.

— Estou a perceber. Então és um anjo?

— Às vezes. Mas outras vezes sou uma espécie de diabinho. — Fez uma careta e piscou-me o olho. — Só estou a tentar ser sincero.

Bati com o pé. Tinha de saber aquilo.

— És um anjo, Michael?

Ele olhou-me fundo nos olhos.

— Sinceramente, não sei, Jane. Suponho que sou como as outras pessoas. Não faço ideia. — Abraçou-me novamente. — Vê-me, sente-me — sussurrou. — Chegámos até aqui.

Continuámos a andar.

— Michael, tenho de te perguntar outra coisa. Isto tem andado mesmo a incomodar-me. Vais ter sempre o aspeto que tens agora?

— Excecionalmente atraente, garboso e casual?

— Basicamente isso, sim.

— Queres saber se vou envelhecer, Jane?

— Sim.

— Sinceramente, não sei.

— Bem, tens de me prometer que não vamos simplesmente envelhecer juntos. Quero que pareça que estamos a envelhecer juntos. É muito importante para mim.

— Farei o meu melhor para ficar cheio de rugas, manchas e conduzir um enorme *Buick* preto.

— Muito obrigada — agradeceu. — Farei o mesmo. E quanto ao dinheiro? — perguntei. — Aonde é que vais buscar o dinheiro?

— Essa é fácil. — Michael estalou os dedos.

Não aconteceu nada. Voltou a estalar os dedos, franzindo as sobrancelhas.

— Que estranho... — balbuciou. Voltou a estalar os dedos uma e outra vez, mas não aconteceu nada. — Na verdade, isto é assustador. É normalmente assim que arranjo o dinheiro para gastar. E táxis, quando está a chover.

Tentou mais uma vez.

— Nada — disse. — Humm. Cortar-me a fazer a barba é uma coisa. Bem, vou ter de trabalhar. Talvez possa ser pugilista.

Voltei a beliscar-lhe a barriga.

— Ou talvez não.

Por fim, fiz a pergunta mais difícil de todas e a que me assustava mais.

— Vais ficar comigo, Michael? Ou vais abandonar-me outra vez? Simplesmente diz-me. Diz-me de uma vez por todas. É isso o que vai acontecer?

Capítulo 79

O Michael revirou os olhos, o que me fez sentir ligeiramente, mas só ligeiramente, melhor. Depois fez uma careta e pôs a mão no peito.

— Jane? — disse, num tom confuso. — Jane? — E depois caiu no passeio onde estávamos a caminhar.

— Michael! — Ajoelhei-me ao seu lado. — Michael, o que está a acontecer?! O que se passa?! Michael!

— Uma dor... no meu peito — conseguiu dizer.

Comecei a gritar por socorro, e, felizmente, algumas pessoas que foram ao funeral da minha mãe ainda ali estavam. Foram a correr.

— Liguem para o 112! — gritei, sem conseguir acreditar que aquilo estava a acontecer. — Acho que teve um ataque cardíaco. Por favor, liguem para o 112!

Olhei novamente para o Michael e vi que estava pálido e transpirava muito. Desapertei-lhe a gravata e o botão de cima da camisa, que saltou e caiu ao chão. Como é que aquilo podia estar a acontecer? Como podia estar a acontecer naquele momento? Parecia que ia enlouquecer, ficar histérica e tornar-me completamente inútil. Não podia deixar que isso acontecesse.

— Michael, a ajuda está a caminho. Uma ambulância. Aguenta-te, está bem?

— Jane... — repetiu o Michael num sussurro.

— Por favor, não fales.

O Michael estava muito pálido, tão incrivelmente mal assim de repente, do nada.

— Já falei com o 112 — disse um homem de fato preto que reconheci como sendo da agência funerária. — Já estão a caminho. Tente ter calma, senhor. É melhor não falar.

— Jane — repetiu novamente o Michael, parecendo que estava num sonho. — Tens uns olhos meigos.

Inclinei-me para me aproximar dele.

— Por favor, Michael. Não fales.

O Michael abanou a cabeça, e pensei que ia tentar levantar-se, mas não o fez.

— Não me digas isso. Tenho de falar agora. Há coisas que precisas de saber.

Peguei na mão do Michael e aproximei-me ainda mais. Tinha-se formado uma multidão à nossa volta, mas ali em baixo estávamos só os dois. Como sempre acontecera.

O Michael disse num sussurro rouco:

— Durante anos rezei para te voltar a ver... já adulta. Rezei para que isto acontecesse, Jane. Pensei muito nisso e desejei que acontecesse. E depois aconteceu. Há alguém a ouvir. É maravilhoso, não é?

— Chiu... — sussurrei, sentindo o calor das lágrimas nos olhos. Mas o Michael não se calava.

— És tão especial, Jane. Entendes isso? Entendes? Preciso de saber que sim.

— Sim — assenti, dizendo o que ele queria ouvir. — Estou a ouvir-te. Sou especial.

O Michael sorriu e, por um segundo, parecia novamente ele. Tinha o sorriso mais fantástico, caloroso, gentil e terno do mundo. Era um sorriso que me tocava o coração. Tinha-o tocado quando eu era criança.

— Não imaginava o quanto te iria amar... e o quanto seria bom — confessou.

Apertou a minha mão com força.

— Amo-te, Jane. Amo-te. Eu sei que já to disse, mas queria dizê-lo outra vez. Amo-te. — De seguida, os seus olhos ficaram cheios de lágrimas. — Isto não é assim tão mau — disse ele, com um sorriso estranho. Depois os olhos do Michael fecharam-se.

Capítulo 80

Agora tenho de contar que o que aconteceu depois não pode ter acontecido. Sei que parece uma loucura, dado que já aconteceu. Mas cá vai.

O Michael foi levado de ambulância para o Hospital de Northern Westchester. Eu ia logo atrás dele num carro da polícia. Um médico muito gentil chamado John Rodman disse-me que o Michael tinha um bloqueio nas quatro artérias do coração e que seria submetido a uma angioplastia de urgência. Uma cirurgia ao coração era também uma hipótese. O médico queria saber coisas sobre o Michael que eu simplesmente não sabia, por exemplo, a sua idade e se já tinha tido problemas cardíacos.

Quando o médico se foi embora, fiquei sozinha na sala de espera. Não tardaram a aparecer outras pessoas com um ar tão nervoso e desconfortável como aquele que estava certa que tinha.

Depois é que as coisas se tornaram realmente estranhas.

Uma das outras mulheres na sala, com um cabelo loiro que parecia areia, na casa dos 30, simpática à primeira vista, levantou-se para beber água num bebedouro e veio ter comigo.

— Posso sentar-me? — perguntou. Anuí com pouco entusiasmo, e ela sentou-se na cadeira ao meu lado. — Sou amiga do Michael — disse,

fazendo o meu coração disparar. Observei a sua expressão afável e aberta. — Somos todos. — Fez um gesto na direção das outras pessoas na sala de espera, que olharam para mim e acenaram calorosamente. — Somos aquele tipo de amigos. Imaginários.

— Oh... — Faltaram-me as palavras durante alguns instantes, olhei para todos eles e depois novamente para a mulher. — Sou a Jane.

— Sim, eu sei. Bem, Jane, todos adoramos o Michael. Como está ele? Sabe o que se passa?

— Tem um bloqueio no coração — afirmei. — Nas quatro artérias.

A mulher abanou a cabeça.

— Isso é... muito estranho. A propósito, chamo-me Blythe.

— Não é estranho tendo em conta o que ele come — retorqui, num tom irónico.

Ela esboçou um sorriso.

— Mas, Jane, nós não adoecemos. Nenhum de nós. Nunca. Por isso, sim, é estranho. Está a acontecer aqui algo completamente inesperado e totalmente bizarro.

Pensei no nosso romance condenado ao fracasso e abanei a cabeça.

— Nem imagina.

Blythe pegou na minha mão. Foi muito amável, era já uma amiga perfeita.

— Na verdade, imagino. O Michael tem falado de si. Nunca para de falar de si. Todos aprovamos. Não que precisem da nossa aprovação, mas aprovamos. Nunca vimos o Michael tão feliz. Gostamos de si, Jane.

Então sentámo-nos lado a lado, a Blythe e eu. A minha nova amiga imaginária. Esperámos, desesperámos e receámos. Por fim, o Dr. Rodman apareceu e veio na minha direção. Não conseguia de forma alguma ler a sua expressão, mas definitivamente não estava a sorrir. Senti o meu coração ficar apertado e a garganta a secar.

Desesperada, virei-me para a Blythe, e ela abanou a cabeça.

— O médico não nos consegue ver.

Oh, muito bem. É claro que não. Sou a única doida que aqui está com amigos imaginários. Aos 32 anos.

— Jane — disse o Dr. Rodman —, pode vir comigo? Passa-se algo estranho. Por favor, venha.

Capítulo 81

Michael observou Jane à medida que ela entrava na sala de recobro com o seu médico. Este era outro, um novo, o médico dele. Michael nunca tinha estado doente um único dia da sua vida, nunca tinha sido examinado por um médico e certamente nunca tinha sido submetido a uma cirurgia ao coração. E mais uma coisa: nunca tinha estado tão assustado como agora.

Não com a ideia de morrer: ele sentia-se confortável com isso, mais ou menos. De qualquer forma, era cuidadosamente otimista.

Mas tinha acabado de reencontrar Jane e não queria perdê-la por motivo nenhum.

Não podia perder Jane.

— Olá — disse ela, e ele respondeu com um sorriso fraco. Adorou o som da voz de Jane.

— Olá. Deve parecer que fui atropelado por um camião. É assim que me sinto.

— Estás fantástico, para uma pessoa que foi atropelada por um camião.

O médico tocou no ombro de Jane e saiu. Jane aproximou-se da cama de Michael e inclinou-se para lhe dar um beijo na testa; de repente, ele

recordou-se de fazer exatamente o mesmo a Jane quando ela tinha 8 anos. Ele fê-la recordar-se disso.

— Estamos em sintonia, Michael. É claro que me lembro — afirmou Jane, sorrindo. — Eu disse-te que nunca te esqueceria.

Depois deram as mãos. As quatro mãos entrelaçaram-se.

— O teu médico está em estado de choque por teres acordado tão depressa da anestesia. Demasiado depressa.

Michael encolheu os ombros.

— Não sei porquê. Mas o que me aconteceu?

Jane sorriu novamente, e Michael sentiu-se melhor.

— O que te aconteceu foi andares a comer demasiada comida condimentada e demasiada comida de plástico, só Deus sabe há quanto tempo. E digo-o literalmente. Mas há boas notícias.

— Sou todo ouvidos.

— Tens um coração, Michael. Podias ter morrido. És humano, Michael. És humano. — A sua face iluminou-se com uma alegria interior.

— Deixa-me ver se entendi — disse Michael. — A grande alegria de ser humano é poder morrer?

— Viver e morrer — respondeu. — Mas, sim, basicamente é isso. A grande alegria.

Michael e Jane desataram a chorar e abraçaram-se intensamente.

— Isto — conseguiu dizer finalmente —, o que aconteceu hoje, é um milagre.

Capítulo 82

Já que falamos de milagres, pensem nisto: lá porque a vida é difícil e termina sempre mal, não quer dizer que todas as histórias acabem mal, mesmo que seja isso o que nos ensinam na escola e na crítica literária do *New York Times*. Na verdade, é bom que as histórias sejam tão diferentes umas das outras, tal como nós.

Então eis como esta acaba. Tem um final feliz, devo avisar.

O céu de Manhattan é rasgado por luzes intensas à noite que demonstram que isto é algo muito importante. As pessoas agitam canetas e pedaços de papel e gritam a pedir autógrafos aos atores. A polícia controla a multidão na Sexta Avenida e na rua 54. É muito porreiro. É uma verdadeira emoção.

Tenho um nó no estômago, mas sorrio como se não tivesse e passo pelos *paparazzi* para entrar no teatro.

Tenho um vestido de cetim vermelho. Está mais justo nas ancas e alarga no fundo. Mas estou bonita e tenho noção disso. Mais ou menos. Na minha própria maneira de conceber as coisas e de me sentir bem comigo mesma, algo em que estou a melhorar aos poucos.

À medida que percorro o corredor até ao meu lugar, quase consigo ouvir a minha mãe a dizer: «Oh, Jane Querida, um vestido chique como esse

merece joias melhores. Porque não foste ao meu cofre escolher algo bonito? Estás tão... incompleta.»

Quase afirmei em voz alta: «Mãe, por favor, esta noite não.»

Esgueirei-me até à terceira fila, completamente sozinha. Mas não faz mal. Consigo lidar com isso. Já sou crescida.

Depois vejo o Michael. Ele está um assombro à medida que percorre o corredor e se senta numa cadeira vazia ao lado da minha.

— Consegui — disse ele.

— Estou uma pilha de nervos — retorqui, como se ele já não soubesse.

O Michael abraça-me, e os meus nervos acalmam-se imediatamente. Ligeiramente. Ele é reconfortante, sensual, doce... tudo numa só pessoa.

— Muito bem, agora sou uma pilha de nervos loucamente apaixonada por um homem que pode ou não ser real.

O Michael dá-me um ligeiro toque. Os toques são a nossa cena hoje em dia.

— Muito bem, és real — concedi.

As luzes finalmente apagam-se, e o filme começa. O público aplaude imediatamente, mas sei que todos fazem parte dos estúdios e das agências de relações-públicas, por isso, não conta.

— Eles adoram! — exclamou o Michael.

— Ainda não começou...

O título enche o ecrã: «Jane Margaux, em associação com a ViMar Produções, apresenta *Graças a Deus*.» Mais aplausos muito apreciados.

Inclino-me na direção do Michael e digo:

— De qualquer forma, a música está fantástica. — Violinos e uma subtil secção de metais.

Mesmo a tempo de introduzir a primeira cena daquela agradável comédia ligeira.

Uma câmara avança no meio de uma multidão e, de seguida, aproxima-se de uma mesa do Astor Court no Hotel St. Regis. A cena foi mesmo

filmada lá.

Uma adorável menina senta-se à mesa. A câmara concentra-se nela durante uns instantes para a apresentar. Bochechas vermelhas como maçãs. Um sorriso irresistível.

Depois a câmara continua o seu percurso e mostra o seu companheiro, um homem atraente, talvez com 30 anos. É difícil dizer com certeza. Mas é definitivamente uma estrela.

— E o que vai ser? — pergunta.

— Tu sabes — responde a menina.

— Eu sei. Gelado de café com calda de chocolate quente.

O ator que desempenha o papel é perfeito. É um desconhecido que descobri por acaso. Além disso, ele precisava do trabalho.

É o Michael a fazer de Michael. Quem mais poderia ser?

Observei-o no ecrã enquanto lhe segurava a mão na plateia e pensava em como tudo na vida é algo surreal, não é?

Depois comecei a pensar. Será assim tão impossível imaginar ou acreditar? Que um homem e uma mulher consigam encontrar a felicidade juntos durante algum tempo, o que, afinal de contas, é tudo o que temos. Tudo o que todos têm.

Acho que pode acontecer. Aconteceu-me a mim, à Jane Querida, por isso, pode acontecer a qualquer pessoa.

A propósito, o público adorou o *Graças a Deus*.

EPÍLOGO

Morangos com chantilly

Capítulo 83

Michael estava a uma mesa do Astor Court no St. Regis com uma menina de 4 anos absolutamente amorosa chamada Agatha, que preferia que lhe chamassem Aggie.

Aggie era a mais recente missão de Michael, e, apesar de tentar sempre fazer algo novo e original com cada uma das suas crianças, não conseguia resistir ao St. Regis numa tarde de domingo. O melhor daquele local eram as boas recordações, certo?

O empregado colocou uma taça com bolas de gelado de melão e sorvete de limão diante dele.

— Muito obrigado — disse Michael, como se o empregado lhe tivesse feito um grande favor, algo que Michael acreditava ser verdade, já que fizera o seu trabalho tão bem.

O empregado já tinha dado o *sundae* a Aggie: morangos com *chantilly* por cima de gelado de morango com um toque de compota de morango.

— Saíste-me cá uma menina — brincou Michael com ela.

— Eu sou uma menina, tonto — respondeu Aggie, que tinha o sorriso mais fantástico para condizer com os seus lindos olhos verdes.

Michael sentia-se tentado a ensinar-lhe algo a que chamaria «Jogo da Aggie e do Michael», mas conseguiu resistir àquela vontade. Precisava de algo ainda melhor para Aggie.

— Aggie, olha!

Jane fora com o seu filho de 1 ano, Jack, à casa de banho; os dois tinham acabado de voltar a entrar no Astor Court e agora apressavam-se pelo restaurante. Jack apontou para o teto e exclamou «uz, uz», a sua palavra para «luz» ou tudo o resto de que ele gostasse muito.

— Aqui vem a mamã e o Jack! — exclamou Michael, a sentir o coração disparar com a excitação, tal como sempre. Sentia-se um homem com tanta sorte, tão afortunado, tão abençoado por ter Jane e aquela família.

— Agora podemos jogar à rabia — disse Aggie, a rir-se. — E tu ficas à rabia, está bem, papá?

— Está bem — respondeu Michael —, mas precisamos de uma bola para esse jogo. Mas é claro que fico à rabia. Sou o maior de todos e o que tem mais força para correr atrás da bola, não é?

De seguida virou-se para Jane, sorriu e sussurrou, só para ela ouvir:

— Tinha saudades tuas. Tenho sempre.

— Também tinha saudades tuas. Mas agora estou aqui — retorquiu Jane.

— Estamos todos aqui, os quatro. E não há nada melhor no mundo do que isso. Nada que possa imaginar nos meus sonhos mais fantásticos.

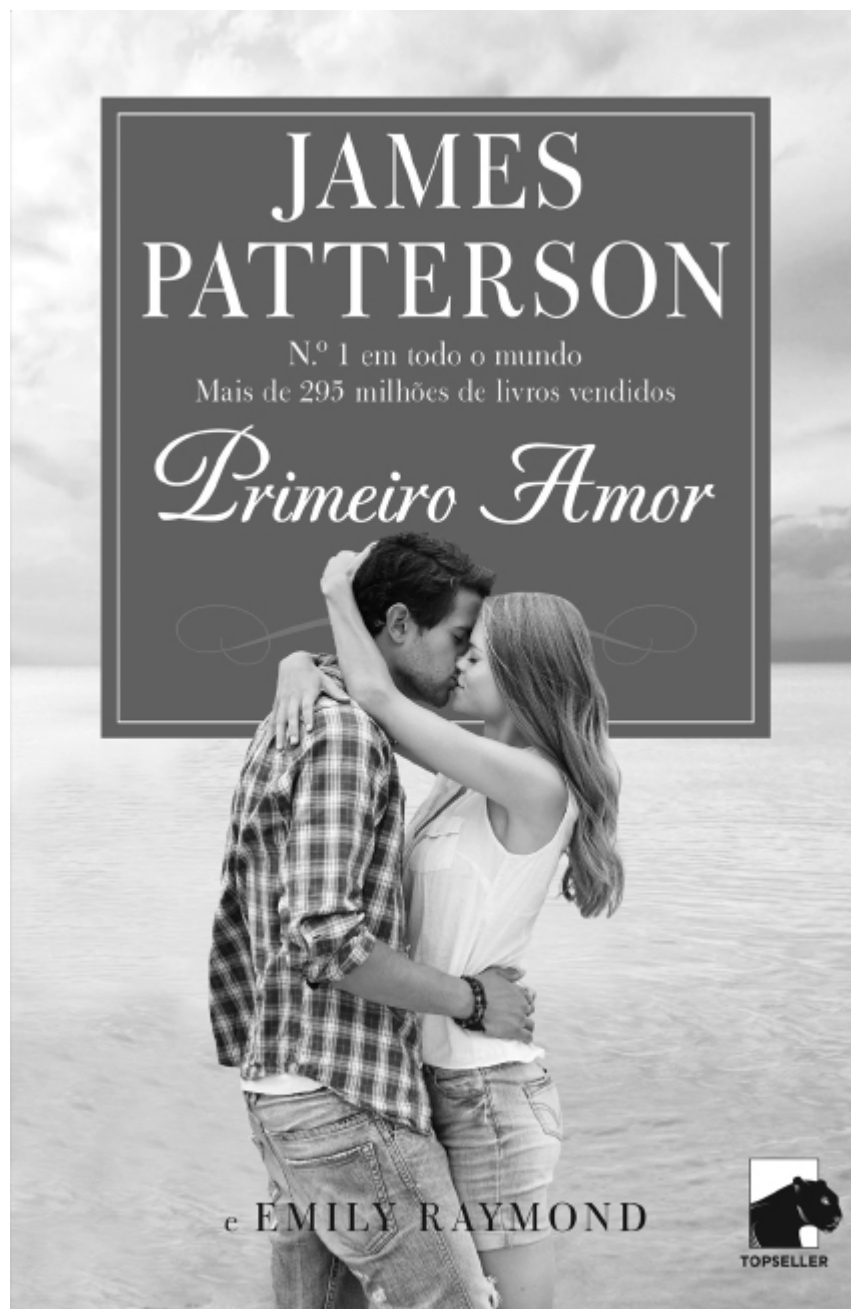
Jane sentou-se na cadeira e espetou a colher no seu *sundae*, que era de chocolate quente sobre gelado de café, e ofereceu a Jack a sua primeira colherada daquela deliciosa iguaria.

— Uz! — exclamou o menino.

Com carinho,

James Patterson
Gabrielle Charbonnet

SE GOSTOU DESTE LIVRO, CONHEÇA TAMBÉM



Leia nas páginas seguintes os primeiros capítulos.

prólogo

um

OK, talvez não vá passar a melhor imagem de mim ao admitir isto, mas deixem-me dizer já, à partida, que eu era tão certinha, tão boazinha, que a ideia de faltar às minhas duas últimas aulas daquele dia (Física Avançada e Inglês Avançado) me deixou tão incrível e ridiculamente nervosa que cheguei mesmo a pensar que aquele plano louco não iria valer a pena.

Em retrospectiva, custa-me a acreditar que estive tão perto de recusar a experiência mais bonita, engraçada, dolorosa e transformadora da minha vida.

Fui mesmo idiota.

Estava na Pharmacy & Soda Fountain do Ernie e sentia-me como se na minha barriga quinhentas borboletas estivessem a festejar de forma épica. A biqueira das minhas botas *vintage* da *Frye* não parava de bater no balcão, até que o Ernie — que tem para aí um milhão de anos de idade e que é um tremendo rabugento — me disse para parar com aquilo. No entanto, o Ernie está a um concerto dos Nickelback de ficar completamente surdo, portanto descalcei as botas e continuei a bater com os pés no balcão.

Senti-me feliz por ele não me ter perguntado porque estava sentada na sua loja velhíssima, a beber um café gigante (do qual precisava tanto quanto de um buraco na cabeça), em vez de estar a dois quarteirões dali, na Escola Secundária de Klamath Falls, a ouvir o professor Fox dizer palermices sobre o contínuo tempo-espço. O que poderia ter respondido?

Bem, Ernie — Sr. Holman, quero dizer — estou à espera de um rapaz com quem nunca poderia namorar e estou a preparar-me para lhe pedir

que faça algo tão importante que ou vai salvar as nossas vidas ou destruir-nos completamente.

O Ernie não se interessa especialmente pela angústia existencial dos adolescentes e é provavelmente por isso que ninguém que eu conheça frequenta a loja dele — por isso e pelo facto de os doces que vende estarem cobertos de pó e os chocolates Snickers serem tão duros que podem ser usados como pés-de-cabra.

Mas eu não me importo. O mesmo é verdade em relação ao rapaz que mencionei. A loja do Ernie é o nosso lugar.

O rapaz tinha-me enviado um bilhete algumas horas antes. De alguma forma, tinha conseguido abrir o meu cacifo, apesar de já não andar na minha escola e de termos seguranças que mais parecem SEAL da Marinha para nos protegerem de sabe-se lá o quê (talvez de nos amotinarmos pelo simples tédio de vivermos numa cidade pequena).

Axi—

Com que então recebeste uma notícia da máxima importância, hã?

*Fico chocado por pensares que consegues surpreender-me —
ou surpreendido por pensares que consegues chocar-me.*

Ou algo do género.

Tu é que és a especialista em palavras.

Bem, seja como for, mal posso esperar para ouvir.

No Ernie. Às 13.15h.

Sim, isto implica faltar às aulas.

Nada de desculpas.

— O teu «malandro» preferido

Típico do Robinson. A brincar, tinha-lhe chamado malandro em tempos e ele nunca me deixara esquecer. Tem quase dezassete anos. O meu melhor amigo. O meu parceiro no crime.

Ouvi a porta da rua a abrir e percebi que ele tinha chegado, pela forma como a expressão do Ernie se alegrou, como se alguém tivesse acabado de

lhe dar um presente. O Robinson tem esse efeito nas pessoas: quando entra numa sala, é como se as luzes ficassem, subitamente, mais fortes.

Aproximou-se de mim e deu-me uma palmada no ombro.

— Axi, és mesmo tola — disse ele (com um tom carinhoso, obviamente). — Nunca se deve beber o café do Ernie sem um *donut* — Aproximou-se mais e sussurrou: — Essa porcaria vai abrir-te um buraco enorme no estômago. — Depois, encavalitou-se no banco ao lado do meu, com as pernas esguias e magras cobertas por umas *Levi's* coçadas. Usava uma camisa de flanela apesar de estarmos no fim de maio e de estarem mais de vinte e três graus lá fora.

— Olá, Ernie — disse ele —, soubeste que os Timbers despediram o treinador? E, já agora, trazes-nos um *cruller* de chocolate?

O Ernie aproximou-se, abanando a cabeça grisalha.

— Futebol! — resmungou ele. — O Oregon precisa é de uma equipa profissional de basebol. Isso é que é um desporto. — Pousou o donut num prato velho e lascado e disse: — Oferta da casa.

O Robinson voltou-se para mim, a sorrir, e apontou com o polegar para o Ernie. — Adoro este tipo.

Percebi que o Ernie sentia o mesmo.

— Então — disse ele, dedicando-me agora toda a sua atenção —, conta-me lá a tua ideia louca. Vais finalmente tirar a carta? Decidiste beber uma cerveja inteira? Vais deixar de fazer os trabalhos de casa tão religiosamente?

Ele está sempre a meter-se comigo por ser tão certinha. O Robinson acha (e o meu pai concorda) que se mete constantemente em sarilhos por ter desistido da escola secundária, que achou «insuficientemente cativante» e «povoada por *cretinos*» (sendo que a palavra *cretinos* lhe tinha sido ensinada por mim, como é óbvio). Acho que ele tinha alguma razão, neste aspeto.

— Provavelmente vou chumbar a tudo menos a Inglês — disse eu, sem exagerar. A minha média estava prestes a descer a pique porque se aproximavam os exames finais e, com um pouco de sorte, não estaria cá para os fazer. Há uma semana, saber isto ter-me-ia tirado o sono. Mas havia deixado de me preocupar porque, se o plano funcionasse, a vida tal como a conhecia iria mudar.

— Conhecendo-te, parece-me altamente improvável — comentou o Robinson. — Que mal tem estares um pouco distraída e, Deus nos livre, teres um Bom Mais a uma disciplina? Estás ocupada a escrever o próximo Grande Romance Americano — *ai!*

Eu tinha-lhe dado uma palmada no braço.

— Ora. Entre a escola e a obrigação de cuidar do meu pai, não tenho tido tempo *nenhum* para escrever. — O meu pai passou um mau bocado há alguns anos e, desde então, tenta afogar os problemas na bebida. Escusado será dizer que a estratégia não está a resultar muito bem. — Podemos concentrar-nos no problema atual? — perguntei.

— Que é?...

— Vou fugir — respondi.

O Robinson ficou boquiaberto. Já agora, ao contrário aqui da vossa amiga, ele nunca usou aparelho e tem uns dentes perfeitos.

— E ficas a saber que também vens — acrescentei.

dois

— Ouviste isto, Ernie? — disse o Robinson. Ter-lhe-ia dito que pareceu estupefacto, mas ele também nunca me deixaria esquecer essa palavra.

Claro que o Ernie não tinha ouvido nada, nem mesmo a pergunta do Robinson. E, assim, ele afastou o *donut* e fitou-me como se nunca me tivesse visto. Não é frequente conseguir surpreendê-lo, portanto eu estava a apreciar aquele momento.

— Chegaste a ler o exemplar do *Pela Estrada Fora* que te dei? — perguntei.

Agora, o Robinson estava com uma expressão comprometida.

— Comecei a lê-lo...

Revirei os olhos. Estou sempre a dar-lhe livros e ele está sempre a dar-me músicas mas, tendo em conta que ele tem dificuldades de concentração e que o meu *iPod* está morto, não passa disso. — Bem, o Sal (que é, na verdade, Jack Kerouac, o autor) e os amigos correm o país todo e conhecem gente louca e dançam em bares de segunda, escalam montanhas e apostam em corridas de cavalos. Nós vamos *fazer* isso, Robinson. Vamos deixar esta lixeira para trás e fazer uma viagem épica. De Oregon até Nova Iorque — com paragens pelo caminho, como é óbvio.

Robinson fitava-me, pestanejando. *Quem és tu?*, parecia perguntar a sua expressão.

Endireitei-me no assento.

— Primeiro, vamos ver o Parque Nacional de Redwood, porque é completamente místico. Depois, seguiremos para São Francisco e Los

Angeles. Leste para o Parque Nacional de Great Sand Dunes no Colorado. Depois, para Detroit — *o coração da indústria automóvel*, Robinson, tem tudo que ver contigo. E, depois, por seres completamente viciado em velocidade, vamos andar na montanha-russa Millenium Force, no parque Cedar Point. Anda, tipo, a duzentos quilómetros por hora! Vamos a Coney Island. Vamos ver o Templo de Dendur, no Metropolitan Museum of Art. Vamos fazer tudo o que quisermos!

Percebi que estava a falar como uma pessoa louca, portanto abri o mapa amachucado para lhe mostrar como tinha chegado àquele plano. — Este é o nosso percurso — expliquei. — A linha roxa somos nós.

— Nós — repetiu ele. Claramente, estava a demorar a compreender a minha proposta.

— Nós. Tens de vir — insisti. — Não consigo fazê-lo sem ti.

Isto era verdade, em mais sentidos do que queria confessar-lhe, ou mesmo a mim própria.

Subitamente, o Robinson começou a rir, e riu-se tanto e durante tanto tempo que temi que esta fosse a sua maneira de dizer: *Nem penses, sua pessoa completamente louca que parece a Axi mas que é claramente uma maluca qualquer*.

— Se não vieres, quem é que me vai lembrar que devo comer um *donut* a acompanhar o café? — continuei, pois ainda não estava preparada para o deixar pronunciar uma palavra cética ou sarcástica em resposta. — Tu *sabes* que eu tenho um péssimo sentido de orientação. E se eu me perder em Los Angeles, for encontrada pelos cientologistas e começar subitamente a acreditar em Xenu e extraterrestres? E se me embebedar em Las Vegas e me casar com um desconhecido? Quem é que me vai dar cotoveladas nas costelas quando eu começar a citar Shakespeare? Quem é que me vai proteger de tudo isso? Não podes deixar uma miúda de dezasseis anos atravessar o país sozinha. Seria, tipo, moralmente irresponsável...

O Robinson levantou uma mão, ainda a rir.

— E eu posso ser um malandro, mas não sou *moralmente irresponsável*.
Finalmente ele diz alguma coisa!

— Estás a dizer que vens? — perguntei. Sustendo a respiração.

O Robinson fitou o teto. Estava a torturar-me e sabia-o. Estendeu a mão para o prato e, pensativo, deu uma dentada no *cruller*.

— Bem... — começou.

— Bem, *o quê?* — Eu estava outra vez a dar pontapés no balcão. Com força. Muita força.

Ele deslizou a mão pelo cabelo, que era escuro e estava sempre um pouco despenteado, mesmo quando acabara de o cortar. Depois, virou-se e fitou-me com o seu olhar matreiro.

— Bem — repetiu, muito calmamente —, podes crer que sim.

parte um

Eram quatro e meia da manhã quando acordei e tirei a mochila de debaixo da cama. Tinha passado as últimas noites a fazê-la, a desfazê-la e a voltar a fazê-la, obsessivamente, certificando-me de que tinha exatamente as coisas de que precisava e nada mais que isso: duas mudas de roupa, sabão de azeite *Dr. Bronner* (bom para «Barba-Champô-Massagem-Dentes-Banho» segundo o rótulo) e um canivete suíço que tinha roubado da gaveta da secretária do meu pai. Uma máquina fotográfica. E, claro, o meu diário, que levo para toda a parte.

Oh, e mais de mil e quinhentos dólares em dinheiro, porque há cinco anos que sou a melhor *babysitter* do bairro e cobro de acordo com a qualidade do serviço.

Talvez uma parte de mim sempre tenha sabido que havia de me ir embora. Afinal, por que raio é que não tinha estourado o dinheiro num *iPad* e num vestido Vera Wang para o baile de finalistas, como todas as outras miúdas da minha turma? Tinha aquele mapa dos Estados Unidos na minha parede há séculos e costumava pôr-me a olhar para ele e a imaginar como seriam sítios como Colorado, Utah, Michigan ou Tennessee.

Parece incrível que tenha demorado tanto tempo a arranjar coragem para ir embora. Afinal, eu tinha visto a minha mãe fazê-lo. Seis meses depois da morte da minha irmã mais nova, Carole Ann, a Mãe enxugou os seus olhos vermelhos e foi embora. Voltou para o leste do país, onde tinha crescido, e, tanto quanto sei, nunca olhou para trás.

Talvez a compulsão de fugir seja genética. A Mãe fê-lo para escapar à sua dor. O meu pai consegue o mesmo efeito com o álcool. Agora, estava eu a fazê-lo... e parecia-me estranhamente *certo*. Finalmente. Quase conseguia perdoar a Mãe por ter dado à sola.

Vesti a roupa que tinha preparado para a viagem, calcei os ténis — dizendo adeus às minhas botas preferidas — e pus a mochila às costas, ajustando a tensão das alças. Teria tantas saudades deste apartamento, desta cidade, desta *vida*, como um ex-presidiário sente falta da sua cela. Por outras palavras: Nem. Um. Pouco.

O meu pai estava a dormir no horrível sofá da sala. Costumava ter umas florinhas cor-de-rosa que agora tinham um tom cor de laranja acastanhado, como se até as plantas de tecido pudessem morrer por falta de cuidados no nosso apartamento. Passei por ele e dirigi-me para a porta da rua.

O meu pai soltou um ligeiro ronco enquanto dormia, mas, de resto, nem se mexeu. Nos últimos anos, tinha-se habituado a ser deixado. Importar-se-ia realmente se mais um membro da família Moore desaparecesse?

Ainda assim, parei quando ia a meio do corredor. Imaginei-o a acordar e a arrastar os pés para a cozinha para fazer café. Veria como eu a tinha deixado limpa e sentir-se-ia grato, e talvez até decidisse vir para casa mais cedo do trabalho e fazer um jantar de família (ou um jantar-para-o-que-resta-da-família). E esperaria por mim à mesa, como eu tinha esperado por ele tantas noites, até a comida arrefecer.

Ao fim de algum tempo, acabaria por perceber: eu tinha partido.

Uma dor surda alastrou-se pelo meu peito. Dei meia-volta e voltei para dentro.

O Pai estava deitado de barriga para cima, com a boca ligeiramente aberta e os sapatos ainda calçados. Estendi uma mão e toquei-lhe ao de leve no ombro.

Não era um péssimo pai. Pagava a renda e as compras de supermercado, mesmo sendo eu quem fazia habitualmente essas compras. Quando

falávamos, o que não acontecia com frequência, perguntava-me pela escola e pelos meus amigos. Eu respondia sempre que estava tudo bem, porque gostava dele o suficiente para lhe mentir. Ele estava a fazer o melhor que conseguia, ainda que esse melhor não fosse muito bom.

Tinha escrito cerca de oito versões do meu bilhete de despedida. O Suplicante: *Por favor, tenta compreender, Pai, isto é algo que preciso de fazer.* O Lisonjeiro: *Pai, o teu amor e preocupação são o que me dá força para fazer esta viagem.* O Literário: *Como o grande dramaturgo irlandês George Bernard Shaw escreveu: «A vida não consiste em procurarmo-nos. A vida consiste em criarmo-nos.» E eu quero ir criar-me, Pai.* O Impertinente: *Não te preocupes comigo, Pai, sou muito capaz de cuidar de mim. Afinal de contas, faço-o desde que a Mãe se foi embora.* No entanto, nenhum deles me pareceu certo e acabei por deitá-los todos fora.